[ROMANCE]

SIRKUS E A CIDADE DOS PALHAÇOS

André Osna

[OUTRAS] PALAVRAS

Biblioteca Paraná

Máquina de Escrever
editora | produção cultural

SIRKUS
E A CIDADE
DOS PALHAÇOS

A Máquina de Escrever Editora e Produção Cultural foi selecionada pelo Edital de Apoio à Publicação de Obras Literárias – OUTRAS PALAVRAS N.º 011/2023 – da Secretaria de Estado da Cultura, para a publicação de 13 obras literárias premiadas no Edital de Concurso 005/2020 – Outras Palavras.

Coordenação e Edição:
Victor Augustus Graciotto Silva
Juliana Cristina Reinhardt

Diagramação:
Rafael Ferrer Kloss

Assistente de diagramação:
Clara Reinhardt Silva

Revisão:
Cida Grecco

Revisão textual da capa:
Bárbara Franco Justi

TODAS AS INFORMAÇÕES CONSTANTES NESTA OBRA SÃO DE RESPONSABILIDADE EXCLUSIVA DO AUTOR
PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ, COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL.

Dados internacionais de catalogação na publicação

S568 Sid
Sirkus / Lugi (nome artístico de André Osna). ___
Curitiba: Máquina de Escrever, 2025.
202 p.; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-87517-89-6

1. Ficção Brasileira. I. Osna, André (nome artístico: Sid)
II. Título.

CDD: 869.9362
Filomena N. Hammerschmidt – CRB9/850

Máquina de Escrever
Editora | Produção Cultural
Curitiba - Pr - Brasil
Fone: (41) 98406-1935
contato@editoramaquinadeescrever.com.br
editoramaquinadeescrever.com.br

SIRKUS E A CIDADE DOS PALHAÇOS

André Osna

Curitiba 2025

Sumário

O Circo Vai Até Você 7

Fuga do Expresso Coelho Branco / A Janela Certa 31

Deixei Meu Coração em Los Pagliasos 61

Para Bellum 115

A Grande Briga 145

Fugitivo 171

Epílogo 197

O Circo Vai Até Você

I

Segurando delicadamente o pedacinho de papel diante de seus olhos cansados, David Sinfield lê palavras impressas em minúsculas letras pretas:

"os próximos três ciclos serão de dor e provação, mas o rei lhe aguarda no final do caminho".

Ele amassa o papel com um muxoxo e o arremessa sobre a mesa à frente. A bolotinha amassada aterrissa perfeitamente entre um plástico vermelho, exibindo o desenho de um desinteressado dragão chinês, e outras embalagens sortidas igualmente vazias. Os restos ali concentrados possuem diferentes aniversários, espalhados pelos últimos sete ou oito dias, e exalam o tradicional buquê de comida velha e desistência.

A barriga ronca longamente, protestando a alimentação regularmente provida pelo bufê chinês na esquina de casa. Eles têm bons preços e sabem que eu sou um ferrado, ele pensa, não reclame enquanto eu tiver dinheiro pra te manter cheia.

A barriga não é sua única preocupação, é claro. Na realidade, se finanças fossem os únicos problemas lhe assombrando, nublando seus pensamentos, ele se consideraria a batatinha mais feliz de todo o pacote.

David acaba de perder a mãe, a mulher que o criara sem a ajuda de ninguém. As outras crianças podiam ficar com seus pais policiais, empresários e cowboys (crianças mentem, como aprendera desde cedo), David tinha a mãe e Laura Sinfield, apesar de baixinha, podia ser um urso quando se tratava de seu filhote. Até a doença chegar e se espalhar como as ervas daninhas da calçada lá fora. Sugando seu apetite, fôlego, força e, eventualmente, vida.

Duas semanas haviam se passado desde então, como num pesadelo estranho em que o ar se torna gelatinoso, os

movimentos penosos. David sabia que a montanha-russa de sofrimento estava apenas começando. Que não havia realmente processado a perda da pessoa mais importante de sua vida. Ao menos, não totalmente. Nesta deixa, as têmporas começam a latejar repentinamente, roubando qualquer atenção que o estômago ofendido pudesse ter conquistado com o ronco raivoso.

Sua cabeça doía todos os dias na última semana. Nos últimos cinco dias, para ser mais preciso. Desde a última tentativa de contatar seus parentes — os ainda vivos — para mendigar alguma ajuda após a custosa batalha travada contra a doença da mãe.

Em seu último contato, o homem ao telefone até tentou fingir certo grau de compaixão, mas seu tom era monótono e, muito provavelmente, ensaiado:

— Não há nada que possamos fazer, David. Olhe, nossos sentimentos por sua mãe, eu entendo que você gastou tudo que podia, mas os tempos são difíceis para todos, eu não posso te emprestar mais dinheiro.

O silêncio se seguiu do outro lado da linha, o bastante para o aparelho registrar o som de crianças assistindo televisão ao fundo, berrando como animais selvagens. Em sua mente, David Sinfield grita com o homem ao telefone, enfrenta-o com toda a ira contida, amarrada, em seu peito dizendo que não, ele não estava lá quando a própria irmã morreu. Porém, o corpo não se move, palavras não deixam a segurança de sua boca e o rapaz de vinte e três anos sente que, enfim, negou tanto seus próprios impulsos que agora não passava de um fantasma assombrando um apartamento quase sem mobília.

— Bem, David, eu te ligo amanhã com notícias, tá okey? — ele pigarreia — Mantenha a calma, as coisas vão melhorar.

Não há nada que possamos fazer, nossos sentimentos pela perda, eles diziam. Mas se algum deles tivesse sentimentos para

serem oferecidos, teriam ao menos aparecido no hospital quando sua mãe se agarrava à vida, batalhando pela sobrevivência com cada respiração custosa. Ele jamais conseguiria esquecer o som arranhado e seco daqueles frágeis pulmões feridos.

Nenhum deles apareceu, antes ou depois. David culpa a si mesmo por não ter aprendido a lição após anos de distanciamento calculado entre ele e os demais membros da família Sinfield, mas a esperança parecia lutar tanto quanto mãe.

Desde então, todas as noites eram assombradas por enxaquecas e pesadelos.

Com um suspiro, ele se recosta na cadeira e esfrega os olhos, que agora pulsam no ritmo de seu coração. Um ritmo descompassado que o faz sentir como se a cabeça pudesse simplesmente explodir a qualquer instante. Que surpresa eles vão ter, pensa sem qualquer divertimento, quando arrombarem a porta do apartamento daqui a algumas semanas e encontrarem um cara com a cabeça espontaneamente explodida pelas paredes. Vão dedicar um documentário pra essa história em um serviço de *streaming* que eu, ironicamente, não tenho dinheiro para pagar.

Ao abrir os olhos novamente, manchas coloridas se espalham pela vista, como costumavam surgir quando ele descansava os olhos por alguns minutos durante as aulas de matemática do colégio. O ambiente ao seu redor se torna colorido, confuso e difícil de discernir. Uma enxaqueca violenta parece estar se desenrolando, como um tsunami sugando a água da beira da praia, fazendo David pensar numa frase que sua mãe costumava dizer: quando chove, *chove*.

Um pequeno estalo se faz ouvir do outro lado do recinto.

— *Mãe?* — ele pergunta por instinto, reprimindo-se pela falha em seguida com uma careta.

Como imaginava, nenhuma resposta do além retorna aos seus ouvidos. Apenas o prédio se assentando, talvez os canos.

Porém, antes que ele possa concluir a pequena teoria arquitetônica, a imagem de uma pessoa surge em sua visão periférica, fazendo os cabelos da nuca se arrepiarem. A figura surge de suas costas e caminha calmamente até a frente, posiciona-se do outro lado da mesa como se pretendesse se juntar a David num jantar casual.

O jovem tenta se levantar, mas percebe imediatamente que não consegue fazê-lo. Sua mente explode em alarmes e bandeiras com as palavras "há algo errado" estampadas em vermelho, seus olhos se abrem quase comicamente enquanto o cérebro tenta processar quem será o invasor de sua pacata existência. Porém, o show de luzes causado pela enxaqueca distorce a figura à frente — cabelos longos e escuros, corpo magro e um... nariz comprido?

O desespero se espalha por todo seu corpo, como eletricidade numa banheira cheia d'água, quando o jovem percebe que sequer consegue falar, gritar. Qualquer coisa, caramba, qualquer coisa, ele pensa. David se percebe preso no próprio corpo consciente e, para piorar ainda mais, incapaz de enxergar com clareza quem quer que tenha entrado no apartamento; deslizando sem qualquer preocupação e se colocando agora a observá-lo.

A figura indefinida parece sorrir e em seguida, de supetão, estica a mão para ele. Entre o dedo indicador e do meio, como num passe de mágica barata de rua, surge um pedaço de papel que remete a mente confusa de David a entradas de cinema antigos. O papel retangular e colorido cai sobre seu colo, acompanhado atentamente pelos olhos extremamente assustados.

— Venha me encontrar. — a voz não parece sair da figura, mas sim ressoar dentro das câmaras que compõe a mente de David, como um sussurro no escuro ou uma lembrança de um sonho ao acordar pela manhã.

Quando ele volta a fitar o espaço diante de si, a figura se aproxima, curvando-se por cima da mesa e das embalagens vazias, examinando o jovem paralisado. A mão que oferecia a ao-menos-aparente entrada de cinema sobe em direção de seu rosto suado. Um dedo indicador é pressionado contra sua testa e, então, todo o mundo vira uma grande bola de cores, luzes e dor.

...os próximos três ciclos serão de dor e provação, dor e provação, dor e provação, dor e provação...

II

David se vê arrastado por intermináveis e tortuosos corredores de um edifício que ele apenas sabe se tratar de uma torre, ou algo similar. Os cinco vultos à frente, apenas silhuetas recortadas por holofotes que invadem as janelas abertas, arrastam-no por correntes até o aposento principal no topo da estrutura, o aposento daquele cujo nome ele conhece, mas também desconhece. Aquele que chamam de--

Um som metálico distante, mas insistente, invade a mente do jovem que acorda suado e se põe sentado em na cama. Onde estou? Como cheguei aqui? Sua memória parece não conter as respostas. Ele esfrega o rosto molhado com uma mão enquanto a outra tateia o criado-mudo ao lado, procurando cegamente pelo despertador.

Após apertar o maldito botão de desligar algumas vezes, e o som apenas aumentar em resposta desafiadora, ele olha irritado para o aparelho. Seu despertador está desligado (a luz parece ter sido cortada recentemente, obrigado, departamento de luz da cidade) e a mão repousa sobre um papel retangular que simplesmente não deveria estar ali.

Algo que ele trouxe consigo do estranho pré-sonho da noite anterior. Não uma entrada de cinema, mas uma passagem de trem.

Trazendo o bilhete para perto dos olhos inchados de sono, David constata se tratar de alguma espécie de brincadeira. Só pode ser isso. O bilhete diz:

Uma (1) passagem no Expresso Coelho Branco Parada final: Estação do Farol / Cidade do Meio.

Como alguém que está longe de ter as condições financeiras para possuir um carro, ou até mesmo uma bicicleta, David conhece muitíssimo bem os trens, os ônibus e os metrôs da região. Desnecessário dizer que o Expresso Coelho Branco definitivamente não está entre eles. Sem contar a nada sutil referência à Lewis Carroll, claro. Seus olhos focam e desfocam no objeto incessantemente. Ele pisca, afasta o papel do rosto e o puxa novamente, checando a materialidade do que tinha em mãos.

— Mas o quê...

Neste instante, ele é trazido de volta para um problema muito mais presente e crescentemente ameaçador: o som. O estranho e rítmico som de metal contra metal que o acordara era levado agora a um patamar quase enlouquecedor, como um gigante sino de boxe avisando aos maiores pugilistas do mundo que o round havia acabado e que os golpes, capazes de arrasar quarteirões inteiros, poderiam cessar.

Com um pulo, David sai da cama e se percebe usando apenas cuecas samba-canção desde a janta de ontem (afinal, não é como se ele esperasse a companhia da rainha). Ele veste desajeitadamente as roupas mais próximas, um par de calças de pijama de flanela e uma camiseta branca bastante surrada com a logomarca de sua antiga banda, enquanto procura ao redor por uma possível fonte para o barulho infernal.

Quando chove, *chove*.

O som do que poderia ser uma pequena bomba se sobrepõe a tudo, invadindo o muitíssimo vazio apartamento de David Sinfield, na Rua Carmesim, número 70, como um clímax adequado para o insuportável barulho metálico. A parede do

quarto virada para o norte explode em um turbilhão de tijolos, aço e poeira. Em sua completa surpresa, David joga o corpo ao chão, evitando por pouco o choque doloroso com os muitos projéteis de concreto causados pela explosão. Através da fumaça, surge o culpado pela destruição: um gigante e antigo trem. Um trem, ele pensa alucinadamente, em sua casa. A pintura sobre a máquina pesada, apesar de gasta pelo tempo, é branca.

David não nota os detalhes, é claro, ocupado demais choramingando junto ao chão, mãos protegendo a cabeça e cobrindo o rosto, choque tomando seu corpo e pensamentos.

As rodas do veículo — que está, no mínimo, fora de seu habitat natural — travam e friccionam contra trilhos invisíveis, diminuindo a velocidade até pararem completamente centímetros antes da parede que separa o quarto da sala. O gigante bico de ferro do trem quase tocando a frágil porta de madeira.

O jovem dono do apartamento continua deitado sobre a barriga, balbuciando algo incoerente sobre *Alice no País das Maravilhas, filho da mãe*, quando uma porta se abre no veículo de metal branco e um gigantesco homem desce pelas escadas, pousando sobre pesadas botas de trabalhador do século passado no chão sujo do quarto recém-invadido.

Ignorando completamente a destruição causada pelo veículo, o homem vestido em jardineiras azuis e brancas que mal alcançam as canelas (que mais parecem árvores), caminha até o pequenino homem assustado. Nas mãos, o gigante nota um pedaço de papel familiar, que ele apanha utilizando apenas o dedão e o indicador, como uma enorme pinça. Ele lê as informações no bilhete e sorri satisfeito, dentes perolados surgindo debaixo de um fino bigode preto.

Em seguida, ele apanha o homenzinho e o joga sobre os ombros, carregando-o consigo em direção ao trem.

— Todos a booordo, senhoras e senhores! — ele brada em sua voz poderosa para o quarto vazio enquanto sobe as escadas e adentra o trem impossível.

David, bem... David simplesmente não sabe como reagir. Mesmo se soubesse, e quisesse fazê-lo, o jovem não tem plena certeza de que seria capaz de muito mais do que se sentir como um bebê indefeso nos braços de um homem forte do circo. Por isso, ele se deixa levar para dentro do absurdo veículo que acaba de destruir metade de seu apartamento. Seu único bem, ele se lembra de maneira curiosamente prática para o momento.

E ele apenas acabou de acordar.

III

Quando David era apenas um garoto, sua mãe o levara para uma pequena, mas memorável, viagem de trem pelo caminho verde da cidade que habitavam até uma vila histórica localizada na serra próxima. Apesar da duração de apenas algumas horas, e de lembrar vividamente que as demais crianças presentes estavam extremamente entediadas com o *chug-chug-chug* lento do trem, David tinha esse como um momento de expansão de consciência, de abertura de horizontes.

Afinal, luxos raramente davam as caras no lar dos Sinfield. Porém, aquela viagem lhe dera uma noção bastante tangível de que a magia era algo possível, até mesmo acessível, mesmo que por meio de uma breve viagem. O contato prévio com os livros de Harry Potter evidentemente ajudou na construção quase mística do passeio no trem cuidadosamente restaurado e mantido, mas a vila antiga também representara bem seu papel. Cada canto repleto de histórias e estórias para serem contadas a ele por sua sábia (ou ao menos inventiva) mãe, sua guia turística pessoal.

Mesmo que o passeio tenha ocupado apenas uma manhã e uma tarde, David se lembrava até mesmo do condutor do trem em detalhes. Um homem de cerca de sessenta anos que o convidara a puxar a buzina do veículo, com seu corpo rechonchudo e rosto coberto por uma farta barba branca que rapidamente

o posicionara entre nomes como Gandalf e Dumbledore. Seu nome era Tito, menos dramático do que o rapazinho poderia desejar, tinha personalidade agradável e sorriso gentil, que o marcaram como "alguém em quem ele seria capaz de confiar", mesmo sem compreender exatamente o porquê.

O gigante que o carregava nos braços definitivamente não atraía a confiança de David tão facilmente. Quando as mãos repletas de calos o colocam — de maneira surpreendentemente gentil — no chão do trem, todos os instintos de David gritam para ele sair dali o mais rápido possível. Percebendo o medo do jovem, o gigante de cerca de três metros de altura sorri o mais amigavelmente que o rosto grande e quadrado lhe permite.

— Bem-vindo ao Expresso Coelho Branco, cara-lisa. Antes que eu me esqueça, eis o seu canhoto, — o gigante estica os dedos, quase tacos de beisebol, e lhe entrega a ponta do bilhete recebido em seus sonhos — o almoço será servido no vagão-restaurante. Até lá, fique à vontade para ocupar uma das cabines, sim? Espero que você faça uma viagem agradável!

David observa o canhoto nas mãos, tão confuso que palavras lhe escapam por completo. A boca se abre sem que ele sequer perceba.

— Quem é você? — a mais simples e básica das perguntas que rodopiam ao seu redor.

O gigante, que está partindo para a outra extremidade do vagão, se vira por cima do ombro e responde com um grande sorriso debaixo de seu bigode.

— Ora, eu sou o Condutor! — ele abre a grande porta de metal à frente e acena brevemente com a cabeça antes de entrar e fechá-la atrás de si.

— Autoexplicativo... — David diz distraidamente a si mesmo enquanto bate o canhoto contra a palma da mão aberta com um estalo.

Sem saber exatamente por onde começar, o jovem (como em tantos outros casos menos exóticos durante sua vida) utiliza todo o seu poder de síntese para prover a si mesmo uma hipótese atraente: estou num sonho. Ele bate os pés, percebendo estar descalço, contra o chão acarpetado, e sente a vibração do metal que se esconde por baixo da superfície macia.

— Isso não parece um sonho. — murmura David arrastando a sola dos pés contra o carpê verde.

Ele dá de ombros e enfia o canhoto da passagem no bolso do pijama de flanela. Observando em volta mais uma vez, conclui estar em uma espécie de vagão intermediário, algo posicionado entre o Condutor e o local onde os demais passageiros poderiam estar, talvez utilizado apenas para embarques. Há uma placa de metal presa na parede à sua direita, ao lado da porta, na qual foram gravados uma palavra e um número: "estabelecido: 1904". Sem muitas opções, seus pés descalços se põem na direção contrária a que o gigante tomara, torcendo para encontrar outras pessoas em quem possa transbordar sua confusão. Ou talvez eu acorde, ele pensa esperançoso, isso também não seria nada mal.

David abre a porta marrom-escura, curiosamente parecida com a que atravessara ao embarcar no trem com sua mãe tantos anos antes, e sente o aroma amadeirado se desprender no ar como se o material houvesse sido recentemente cortado de uma árvore e trazido de uma floresta distante naquele mesmo dia. Ele entra no novo vagão e se vê num corredor ladeado por dez cabines fechadas, presumivelmente ocupadas por outras pessoas. Talvez tão confusas quanto ele, calcula, mas quais são suas opções?

Ele se aproxima de uma porta, estica a mão em direção à maçaneta, mas se detém ao escutar uma risada feminina sonora vinda da porta diretamente às suas costas. Ele se vira e respira fundo.

— Vai lá, me mostre uma saída pra casa, bebê. Saída pra casa, — recita para si mesmo, soprando as mãos como um apostador de dados que tenta conferir a si mesmo algum tipo de sorte numa noite particularmente ruim — papai precisa de uma saída pra casa.

Ao abrir a porta, David precisa imediatamente suprimir um grito de surpresa. Sentado na cabine, quase de costas para a entrada, há um homem de cerca de um e cinquenta de altura vestindo roupas que parecem saídas diretamente de uma história de máfia. Ao seu lado, romanticamente próxima no assento de dois lugares, está uma mulher vestida como uma dançarina de saloon do velho-oeste. Contudo, ao em vez do rosto sedutor que os filmes lhe ensinaram a esperar, ela possui a cabeça de um leão, completa com uma selvagem juba cor de mel que lhe contorna o rosto.

O homem a princípio não nota a entrada repentina de David e segue conversando com a mulher-leão, a mão pequenina subindo lentamente pela longa perna da acompanhante. A mulher-leão, por outro lado, nota o jovem rapidamente e afasta a mão com delicadeza, indicando a entrada com um aceno do rosto felino. Ela pigarreia e o observa.

— E aí, queridinho. Perdido? — ela sorri e David tem dificuldade de interpretar a expressão do rosto felpudo como sincera ou maliciosa. A face, além de leonina, também está parcialmente coberta por uma pequena máscara que envolve seus olhos.

Ele dá um passo para trás, atordoado.

— Eu não, digo, desculpe. — as palavras se enrolam e a língua, traidora, ignora seus comandos desesperados.

O homem sentado se vira para ele e pula do assento, parando em pé numa altura bastante próxima da que apresentava sentado. Apesar da baixa estatura, ele é forte e atarracado, como alguém que passara a vida trabalhando com as mãos. Apontando um dedo acusatório para o jovem, ele se aproxima com uma expressão irritada e David vê, com um misto de confusão e incredulidade, que ele está maquiado de branco e usa um nariz preto redondo no rosto: ele é um palhaço. Um palhaço mafioso, David conclui, duvidando de si mesmo.

— Qualé, seu *jamúque*? Que desrespeito é esse, *huh*? Tá querendo acordar no fundo do lago nadando com um peixe-chiclete?! — ó não, David pensa, ele até soa como um palhaço mafioso.

A mulher-leão se levanta com agilidade, colocando a mão no peito do palhaço raivoso.

— Barnie, Barnie! Querido. Fofo! O garotinho deve estar perdido, relaxa, meu bem! — ela observa David nos olhos tão intensamente que o jovem dá mais um passo para trás, as costas pressionando contra a porta fechada de outra cabine.

Mesmo evidentemente confuso, David não pode deixar de notar que a mulher-leão aproveita a distração causada pela chegada inesperada para, muito habilmente, roubar a carteira do pequeno palhaço, deslizando-a do bolso seguro do dono para sua bolsa.

— Me desculpem eu... Cara. Eu tô no vagão errado. — David murmura, tentando não encarar a íris dourada da mulher a sua frente. Ela sabe que eu vi, ele pensa.

O palhaço se desvencilha da acompanhante de cabine e anda tropegamente na direção do rapaz, o rosto pálido contorcido em raiva alcoolizada. Sua gravata preta se enrola e desenrola rapidamente, como uma língua-de-sogra. Espere, David pensa, a gravata dele...?

Um bico de sapato preto lhe acerta com toda força na canela esquerda, lançando fogos de artifício diante de seus olhos e curvando o tronco sobre si mesmo. O palhaço, insatisfeito com seu primeiro golpe, aproveita a proximidade com o rosto confuso e se prepara para acertá-lo com um soco. O jovem nota, mesmo entre as lágrimas, e se esquiva desajeitado.

— Comedor de bosta! — grita o palhaço ao acertar a porta com seu punho fechado.

Ele balança a mão no ar, xingando de dor.

A mulher-leão gira os olhos, expressando seu descontentamento, e se aproxima do companheiro de cabine num movimento ágil. Como um predador.

— Vai dormir, bebê. — ela trava o pescoço do palhaço com os braços fortes e, momentos de briga fútil depois, Barnie está desacordado, a língua pendendo para fora da boca.
— Palhaços, *ugh*, sério.

David se senta no chão, atordoado. Ele massageia o ponto dolorido na perna, balançando suavemente para frente e para trás, enquanto encara o palhaço apagado no chão próximo.

Nesse momento, outras cabines se abrem e uma miríade de passageiros observa a situação com curiosidade. David, absorto demais em confusão interna, sequer nota o quão estranho o ambiente acaba de se tornar — mesmo dentro de um contexto já bastante fora do comum. O atordoamento, porém, lhe cai como uma pequena misericórdia do universo, já que ao seu redor se concentram seres com cabeças de animais, palhaços em ternos *zoot* e até mesmo roupas flutuando sem

ninguém dentro. Todos evidentemente danosos para sua fragilizada saúde mental.

A mulher-leão olha em volta e o ajuda a se levantar, disfarçando com um sorriso o desconforto de ser observada pelos viajantes do vagão. David se põe em pé como um espantalho, alheio ao que está acontecendo.

— Meninos, não é mesmo? Sempre tem bafafá, — diz Tsab humildemente entre sorrisinhos que mostram dentes afiados — podem voltar pras suas cabines...

Um homem ainda menor que Barnie sai da cabine mais próxima da saída. Em seu rosto há uma máscara de nariz curvo, como um gancho, de cor vermelha e superfície como couro. Em suas costas, pequeninas asas de morcego batem rapidamente, mantendo-o há alguns centímetros do chão. Ele observa os dois, os demais viajantes, o palhaço caído e, por fim, se retira pela porta. Minha deixa pra sair fora, pensa a mulher-leão.

— Chega de enrolar, aquele Alichino infeliz vai chamar o Condutor e eu estou com a carteira de um palhaço desmaiado, você sabe bem disso. Faça as contas! — ela sussurra para David que, mesmo sem entender algumas das palavras ditas, capta o tom de urgência e se põem a mancar.

Ela se detém por um instante, como se tivesse uma ideia repentina, e se aproxima do palhaço desmaiado.

— Vamos descansar, Barnie, seu garoto levado. — sua boca felina murmura enquanto as mãos apanham o palhaço inerte, como uma trouxa de roupas, e o colocam novamente na cabine da qual vieram. Ela fecha a porta e se afasta, puxando David consigo.

Os demais passageiros do vagão parecem perder o interesse e começam a retornar para as próprias cabines. Pensando

novamente com um módico de clareza, David contabiliza mentalmente, tentando não se descontrolar, os seres que havia visto brevemente ali. Haviam dois palhaços em roupas sociais que pareciam ter achado a situação toda bastante divertida e David podia ouvi-los rindo mesmo após sua porta ser fechada.

— Você viu aquele Nariz Murcho caindo? — diz uma voz abafada e ambos voltam a gargalhar. Suas roupas, apesar de parecidas com as do palhaço desmaiado, eram de cores vibrantes, enquanto as de Barnie eram exclusivamente pretas e brancas.

Havia também um homem de aparência aristocrática, vestido como se pertencesse a um seriado sobre a Inglaterra do começo do século passado. Sua cabeça era a de um cachorro marrom felpudo de aparência séria com um monóculo dourado sobre o olho direito. Com ele, e igualmente incomodada com o barulho inoportuno, havia uma mulher vestida em roupas da mesma época (ou lugar), portando um vestido marrom claro de saia bufante e cintura apertadamente fina. Sua cabeça era a de um pássaro amarelo com grandes olhos escuros e inquietos.

Em uma das cabines, David vira apenas um grupo do que julgou serem "roupas vivas", entre elas luvas, capas chamativas, botas de cano alto e outros acessórios que caberiam perfeitamente no armário de um mágico. Trajes completos ou parciais que se mantinham no ar sem ninguém dentro deles. Repassando tudo isso silenciosamente com olhos arregalados fitando o nada, David acompanha a mulher-leão e ambos partem para o próximo vagão, passando pelas portas com os dizeres "Vagão-Restaurante".

Porém, o que eles encontram não é um mero vagão, mas sim uma opulenta construção palaciana, parecida com castelos de verão europeus vistos apenas em documentários e fotos. Há centenas de mesas arrumadas ao longo de diversos níveis em uma espiral ascendente, unidos por escadarias de madeira escura e se estendendo por incontáveis metros acima de suas

cabeças. Um longo e elegante bar preenche grande parte do espaço próximo da entrada, assim como mesas arrumadas ao seu redor.

Ao menos não parecia haver ninguém ali. Palhaços, roupas ou bichos. Ou, é claro, pessoas como ele.

— Eu posso não entender de, sabe?, caras-lisas, mas você não parece bem, — diz a mulher-leão examinando seu rosto, que parece agora feito de cera — melhor você se sentar.

Ela lhe indica uma mesa próxima do bar vazio com a cabeça e se senta. David se junta a ela enquanto o olhar se perde por um momento pelas grandes janelas que ladeiam o lugar: aparentemente, eles ainda estão no trem, conclui, já que a paisagem lá fora está se movendo. Mas para onde? O trem parece ir numa leve inclinação horizontal para cima, para o céu noturno. Apesar de ser uma de suas menores preocupações, David tem quase certeza de que era dia quando o impossível Expresso Coelho Branco invadira seu quarto.

— Bom, vamos começar pelo começo, de volta ao básico e tudo mais. Quem é você, garotão? — ela se senta, ajeitando delicadamente sua saia curta sobre as pernas torneadas e cobertas por uma pelagem dourada como a de seu rosto.

O jovem retorna ao presente e olha para sua aparente salvadora, que agora lhe parece mais como uma amazona de mini-saia do que uma dançarina do velho oeste. Ele respira fundo e tenta se acalmar, sentindo a pulsação correndo como a de um cavalo de corrida.

— Meu nome é David... David Sinfield. Eu... Eu não tenho ideia do que está acontecendo comigo. — ele toca a própria testa, procurando por uma febre que não encontra. — Isso é... É demais. Isso não pode ser real...

A mulher-leão dá uma risada, a mesma que o atraíra para a porta de sua cabine (e de Barnie, o palhaço), e descansa o rosto sobre as mãos entrelaçadas.

— Você é adorável, David David Sinfield. Sabia disso? — ela sorri como um animal faminto, fazendo com que David sinta um arrepio similar aos que seus antepassados sentiam ao avistarem um predador — Eu sou Tsab.

David respira fundo mais uma vez e consegue se acalmar um pouco. Sua vista parece clarear levemente ao chegar em uma inevitável conclusão.

— Isso não é um sonho, é? — ele diz, sem esperança.

Ela dá uma breve risadinha.

— Se isso é um sonho, estamos todos nele, cara-lisa.

IV

David a observa por um instante, conciliando o que vê com a ideia de que isso, afinal, parece ser a realidade.

— Cara-lisa? — ele pergunta, curioso, sem perceber que está gastando tempo precioso com as perguntas erradas. David e as perguntas erradas sempre possuíram uma relação íntima e complicada.

Ela faz menção de responder, mas as portas se abrem de supetão e por elas entram o Condutor e dois homenzinhos voadores, o delator que os vira no primeiro vagão e seu presumível colega. Suas máscaras inexpressivas e vermelhas, assim como suas roupas verdes de aparência oficial, são quase idênticas.

Porém, enquanto o primeiro tem cabelos cinzas penteados para trás, o segundo usa um chapéu vermelho sobre a cabeça careca.

Tsab se levanta com um pulo e aponta para David.

— Ainda bem que vocês chegaram! Este cara-lisa louco derrubou o pobre Barnie e me trouxe para cá a força! — ela olha para David com uma expressão de culpa por uma fração de segundo e sussurra — É você ou eu, garotão.

O Condutor se aproxima em pesados passos enquanto Tsab se afasta de David e vai em direção da porta, e dos Alichinos alados que os observam. Apenas o jovem vê quando ela lhe dirige um olhar tristonho antes de partir pela saída.

— Bem, pequenino. Você precisa vir conosco, precisa sim, os Alichinos não aprovam este tipo de balbúrdia no Expresso e, convenhamos, — ele dá de ombros — eles fazem as regras por aqui — o gigante observa os acompanhantes flutuantes por cima do enorme ombro com o que David julga ser um fio de medo.

Sem perceber, David se levanta começa a se afastar dos recém-chegados, passando de costas por mesas do vagão-restaurante, esbarrando em cadeiras e derrubando talheres que tilintam ao atingir o chão. O Alichino de chapéu vermelho puxa com as pequenas mãos uma corrente que usa em volta do pescoço, revelando, de dentro da roupa, um apito dourado. Ele o leva até os lábios, semiocultos debaixo da máscara, e o sopra.

O som que sai do pequeno instrumento tira David do torpor momentâneo e seus olhos se ajustam a tempo de ver o Condutor se contorcer com um espasmo. O som é apenas irritante para o rapaz confuso, mas, para o gigante, parece ser um tormento.

O enorme homem de jardineira cai de quatro no chão, as mãos soando como trovões ao colidirem com a superfície metálica coberta por finos tapetes coloridos. Outro espasmo parece ir de suas pernas até a cabeça, fazendo-o socar o chão

novamente. Seu corpo todo se propulsiona para frente, como um animal selvagem. Um animal com os olhos cravados em David Sinfield.

— Não, não pode ser, não pode ser nãopodeser... — entoa o jovem, como uma espécie de mantra da negação extrema, recusando-se a acreditar que havia se tornado a presa em um documentário sobre a natureza.

Ele finalmente tenta correr, mas uma mão gigantesca rapidamente apanha seu braço e o rodopia. Milésimos de segundos depois, o rosto do Condutor, contorcido em uma fúria que David não julgaria possível no rosto sorridente que vira a pouco, está a sua frente, rosnando ameaçadoramente. Ele chega tão próximo que David pode ver meio biscoito surgindo da garganta que mais parece uma caverna. O biscoito tem um rosto feito de massa que foi mordido pela metade e o observa com o único olhinho de chocolate.

— E aí! — ele saúda animado e é engolido em seguida — Nãããõoo... — sua voz fina se dissipa e desaparece em meio à escuridão.

O estômago de David se embrulha, ele fecha os olhos e sente as mãos enormes apertarem seus braços com força descomunal, levantando-o. O hálito da Criatura-Condutor bate em seu rosto, pequenas gotículas de saliva pousam sobre suas bochechas, até que o apito soa novamente e os pés suspensos voltam a tocar o chão.

Seus olhos se abrem apreensivos para ver o Condutor com a velha expressão, quase infantil, observando-o com evidente vergonha.

David não tenta resistir ou correr. Não depois daquilo. Os captores o guiam até os fundos do vagão onde a grande porta de saída é destrancada com uma chave retirada do bolso da

jardineira listrada. O Condutor não ousa tirar os olhos do chão, como uma criança triste.

— Eu não fiz por mal, tá? — sussurra o gigante ao passar perto de seu prisioneiro.

— Tá tudo bem. — David responde automaticamente. Não fazia ideia de porque havia dito aquilo, parecia simplesmente acostumado a lidar com desculpas.

O novo vagão era, como ele quase podia esperar, completamente diferente dos anteriores. A estranha arquitetura tinha uma aparência milenar, como um templo de pedra esculpida na forma de um largo corredor, repleto de passagens arredondadas sem portas. Além das passagens, lugares misteriosos em que a luz das chamas presas ao teto não alcançava, deixando-os escuros e ameaçadores. Enquanto iam em direção da porta seguinte que, David temia, levaria a um novo vagão em forma de pesadelo acordado, ele teve certeza que avistara algo passando sorrateiramente de um cômodo para outro. Algo serpentino, longo e ressecado.

O prisioneiro ficou aliviado quando o grupo alcançou a porta de saída e a atravessou.

V

Diversos vagões se seguiram após o estranho corredor de pedra. Em sua maioria, pareciam perfeitamente normais para qualquer trem de passageiros, revelando até mesmo um grau de sofisticação nas diferentes decorações, pinturas e padrões.

Após cinco destes vagões, presumivelmente habitados por passageiros de trás das portas de cabines e outros recintos fechados (David havia visto placas com dizeres como “Jogos e Entretenimento” e “Sala de Música”, mas também alguns um tanto perturbadores, como “Salão dos Espíritos” e “Sala dos

Ossos"), ele se viu novamente em um local inesperado e um tanto desafiador às leis da física. Ao menos, o pouco que se lembrava delas.

O novo vagão parecia um enorme jardim. Mais do que um jardim, o vagão era uma verdadeira floresta, completa com árvores altas que quase tocavam o teto de vidro de altura absurda. David chutaria que o pé-direito do lugar deveria medir ao menos vinte, trinta metros, sua mente perdida tentava imaginar o vagão visto de fora, em meio aos demais.

Ao mesmo tempo, ele se perguntava se o trem sequer poderia ser visto de fora; se este fosse o caso, tinha a sensação de que ele pareceria normal. Não sabia dizer de onde vinha essa certeza com precisão, apenas que era incapaz de concluir diferente.

As paredes e teto do lugar são compostas por enormes chapas de vidro, como uma estufa, com janelas surgindo em intervalos regulares para permitir que uma agradável brisa penetre seu interior, mantendo a floresta viva dentro das entranhas do trem. David tenta lembrar se deveria haver sol lá fora, porém, conclui que certas perguntas simplesmente não o estão ajudando.

Novamente, eles alcançam o fim do vagão, atravessam uma porta e seguem o caminho do trem.

Alguns vagões depois (da variedade mais comum), o grupo finalmente parece alcançar os fundos do trem, um vagão de tamanho e distribuição similares ao que David se vira inicialmente. Porém, em vez das cabines, o que se estende a sua frente são dez pequenas celas vazias. Não haviam janelas e o chão, as paredes e o teto eram cobertos por grandes lajotas brancas sujas. Este, ele presume, é o vagão-prisão.

Após trancá-lo na primeira das celas, do lado direito do vagão retangular, o Condutor, agora sozinho com David, suspira profundamente.

— Sinto muito por isso, pequenino. Mas essas são as regras, são sim. Se você arranja problemas no Expresso, é cadeia

pra você — ele assume uma expressão de culpa infantil —, os Alichinos da Cidade do Meio saberão o que fazer.

O gigante parte, deixando-o sozinho num vagão assustadoramente parecido com o hospital onde sua mãe havia morrido.

Intervalo: Laura Sinfield

O cheiro era definitivamente a característica mais marcante do local, ela concluiu enquanto observava os arredores com curiosidade perdida. Amônia, limpeza, sujeira humana, doença. Morte. Fim.

Um buquê como poucos, ela pensa. Afinal, por que não pensar em trivialidades? O tempo ali passa de maneira diferente do que do lado de fora. Existe o tempo da vida real, de ir a lugares, realizar, construir, ser, e então havia o tempo hospitalar. Este, terrível em sua elasticidade imprevisível, é capaz de estender uma tarde em uma semana e uma simples crise de tosse em algo que se parece mais com um longo mês de contorções e falta de ar. Por isso, Laura se perdia observando os padrões a sua volta, catalogando os cheiros, as coisas e pessoas que transitavam por seu campo de visão. As agulhas sendo espetadas, o sangue sendo extraído.

A dor que se instala, o remédio que amortece. E as malditas lajotas brancas que nunca estão exatamente "brancas".

O hospital não estava entre os melhores da cidade, mas, ao menos, haviam camas o bastante para que Laura pudesse descansar na fase mais difícil da doença. E seu filho, David... David era seu filhote e ela sua mãe-urso que precisaria resistir.

Porém, como um pugilista veterano repleto de cicatrizes de uma vida sobre o ringue, a mulher de apenas quarenta e seis anos sabia admitir que não havia mais luta nela. A doença vencia, o sino tocava, ela sabia bem disso. Mas saber não deixava a partida mais fácil.

Assim, a imprevisibilidade do tempo hospitalar entrava novamente em jogo, permitindo que, às vezes, cada segundo voasse pela janela como o vento; precioso e etéreo.

— Meu pequeno David. — Laura sente as lágrimas escorrerem quentes por seu rosto magro quando o filho se aproxima e toma sua mão — Acho que eu ainda tenho tanto para te dizer.

David faz o máximo que pode para ficar firme, ela também sabe disso. Ela conhece seu filhote como ninguém, sabe que ele não é capaz de admitir para si mesmo a fatalidade do momento. Jovens, ela ri por dentro, pensam que vão viver para sempre.

— A gente ainda vai falar muito, Dona Laura. — ele ri, mas o riso desaba em um suspiro choroso e profundo — você não tá indo ainda, ouviu? Você vai melhorar.

Ela sabe que deve dizer as palavras certas, ir embora em seus termos. Deixar o filho com o conselho ideal, a história ou sabedoria perfeita para ajudá-lo a viver dali em diante. Para superar a tragédia, construir uma vida e simplesmente ser feliz, de qualquer forma possível. É apenas isso que seu coração quer — e que pedido, ela pensa —, mas mães possuem autorização para sonharem alto, não?

Ela sente o peito pular e uma tosse violenta invade cada centímetro de seu ser, torcendo-a sobre a cama. Não haverá palavras ou conselhos, ela reflete, triste.

As máquinas apitam em um coro que prenuncia o final e enche o pequeno quarto, ocupado por ela, seu filho e outros três pacientes pacificamente acamados.

David é afastado por um enfermeiro com um puxão. Outros braços surgem, fortes e furtivos, e o arrastam para longe, contra a vontade. Laura nada vê. Apenas luz.

Fuga do Expresso Coelho Branco / A Janela Certa

I

David não sabe dizer exatamente quanto tempo se passou desde que o gigante o tinha deixado sozinho no vagão-prisão. Ao menos uma hora, presume. Ali o tempo também parecia passar diferente. Há apenas duas lâmpadas tubulares e frias presas ao teto por cordas de metal empoeiradas, gerando apenas luz o suficiente para que ele tenha certeza de que é o único habitante da pequena cadeia móvel. Que sorte a sua, ele pensa, o convidado de honra ao menos uma vez na vida.

Mal havia se movido no período como prisioneiro ali. De que adiantaria? Ele ainda se sentia totalmente incapaz de processar a situação na qual havia se metido.

Pouco tempo atrás estava em sua cama, dormindo como um bebê. Bem, talvez o sono não fosse dos melhores, não com os sonhos que tinha ultimamente...

Sonhos. David se lembra do estranho sonho que teve na noite anterior. Aquele em que estava na sala de casa após uma refeição de sobras do restaurante chinês ali perto (a quinta do tipo na última semana) e um biscoito da sorte que ganhara da atendente, que tinha pena de sua situação.

Ele enfia a mão no bolso do pijama, os olhos observando o vazio enquanto o tato assume a busca. Ali, encontra o canhoto de sua passagem de trem, mas nada do papelzinho com pequenos dizeres "proféticos" em preto que procurava. Este, ele se lembra, havia ficado sobre a mesa, em seu apartamento. Em outro mundo? Em outra dimensão, talvez? Ele não sabia.

Seus olhos percorrem cada pedaço do canhoto enquanto ele tenta recordar qualquer detalhe do sonho que o havia originado. "Venha me encontrar", a voz havia dito. David não tinha certeza, mas julgava se tratar de um homem. Apesar dos longos

cabelos escuros que caíam lisos da cabeça, tinha quase certeza de que aquela voz, aquele sussurro, pertencia a um homem. A voz parecia quase familiar, como uma canção do passado da qual só conseguimos lembrar a melodia, mas não as palavras.

— Quem é você... Quem é você... — ele sussurra para si mesmo.

Sobre o rosto, David acha que o homem usava algum tipo de máscara, já que a característica que ele melhor conseguia relembrar era um "longo e fino nariz". Uma máscara parecida com as dos Alichinos voadores, porém mais... Imponente? Tinha certeza de que qualquer expressão contida ali não era em nada suavizada pelo estranho nariz comprido. David desconfiava que sua mente temia recordar detalhes demais.

Quem era aquele homem? E onde o encontraria, como havia sido sugerido? Ótimo, simplesmente ótimo, David pensa. *Nada além de enigmas*.

Um estalo na porta de entrada do vagão lhe arranca dos pensamentos. A maçaneta gira e David, precavido como um gato após um banho forçado pelos donos, afasta-se pelo chão, encostando as costas contra a parede gelada. A porta se abre e se fecha novamente, sombras se projetam sobre a entrada ocultando o novo ocupante do vagão.

David engole em seco, as mãos em punhos sem que ele perceba, brancas de tão apertadas.

— Você me lembra alguém, garotão. — a voz ecoa pelo lugar vazio e é seguida por uma figura curvilínea. Tsab entra debaixo da luz e pisca para David.

Porém, o jovem apenas balança a cabeça lentamente e volta a encarar o espaço vazio. Tsab se aproxima da cela e retira do meio da juba uma pequena ferramenta de metal. Ela observa David por um instante, estala a língua e se põe a abrir a fechadura trancada com cuidado.

David ouve os sons, mas não os processa. Não totalmente. Sua mente, acostumada a tantos empecilhos e frustrações, parece ter entrado em uma espécie de modo de segurança. Algo lhe diz "não se mova, fique bem aqui e espere acabar", e o corpo decide acatar o pedido com dedicação. Seus pés se fixam sobre a superfície lisa e branca debaixo do corpo encolhido.

Após alguns instantes, a porta se destranca com um estalo e Tsab entra na pequena cela, observando David com um olhar preocupado.

— Está tudo certo, cara-lisa. Vamos dar um jeito de tirar você daqui. — ela se detém por um instante e cruza os braços envergonhada — Sobreviver... É mais forte do que eu.

Ela se aproxima alguns passos e se agacha, ficando lado a lado com David, que ainda tem os braços ao redor das pernas, como uma criança perdida. "As coisas só vão piorar se você tentar algo", a voz em sua cabeça lhe diz. Como uma marionete abandonada, David se mantém exatamente na mesma posição, os olhos se recusando a reconhecer a presença de Tsab ou a existência de uma saída daquele misto de prisão e hospital abandonado sobre rodas. Fugir exigiria esforço e esperança e ele não sentia possuir qualquer um dos dois em estoque.

— Ei, garoto! — Tsab puxa o rosto de David para si, observando-o nos olhos profundamente — Você precisa sair daqui. É sério. Eu te devo essa.

Os olhos leoninos, brilhantes e levemente assustadores, começam a tirar David do torpor e ele os encara de volta com um princípio de determinação. O recinto todo parece balançar suavemente e ambos olham em volta apreensivos ao sentirem uma distinta mudança na velocidade do Expresso. O trem, ao que parecia, estava diminuindo a velocidade, possivelmente alcançando seu destino.

— Você poderia ter me entregado pros Alichinos. Era só abrirem minha bolsa e seria eu dentro de uma cela agora. Mas você manteve a boca fechada. — Tsab sorri de maneira sincera, estranha no rosto felpudo, mas não menos encantadora — Agora vamos, cara-lisa. — Tsab se põe de pé e puxa David consigo.

O jovem parece se reestabelecer por um instante e concorda com a cabeça. As luzes frias do vagão piscam freneticamente sobre suas cabeças e, em seguida, voltam ao normal.

— Para onde? — a mente volta a correr, teorizar e, sem que ele possa evitar, se preocupar.

— Você precisa sair pela janela certa, uma que dê bem longe dos Alichinos e te coloque no seu caminho, — ela espia o próximo vagão por uma fresta — esperar o trem parar e sair pela porta não parece uma opção.

— Certo. E a janela "certa" vai me botar no meu caminho? — pergunta David, confuso.

— Nem todas as janelas levam pro mesmo lugar e você não vai querer cair no "lá fora" errado, acredite em mim. — ela responde seriamente.

David não compreende totalmente o que lhe é dito, mas decide que não há nada a ganhar discutindo cada minúcia deste já absurdo dia.

Tsab mexe em sua bolsa e retira um terno *zoot* dobrado e um chapéu, ambos pretos.

— Apanhei isso do nosso amigo Barnie. Precisamos deixar você menos chamativo se queremos atravessar o trem de novo. — ela coloca as peças em David, que aceita sem discutir.

O terno fora desenhado para ter ombros largos e proporções levemente exageradas em uma pessoa menor, porém, em David a peça parece surpreendentemente próxima da medida.

— Tá bem, e qual janela leva pro lugar certo? — ele ajeita o chapéu sobre a cabeça, pensando por um instante — E que lugar é esse?

Tsab sai pela porta. David respira fundo, malditos enigmas, e a segue.

II

Enquanto o trem diminui sua velocidade gradativamente, a improvável dupla — um jovem sem dinheiro ou perspectiva e uma mulher-leão vinda de um lugar que o outro jamais imaginaria possível — traça o caminho de volta pelo longo e estranho veículo. Murmurinhos começavam a surgir nos vagões que David presumia conterem passageiros.

Este pensamento faz David considerar quem, afinal, viajaria no estranho vagão-templo. A mente consegue preencher as lacunas a respeito do tal vagão-floresta e alguns dos outros, visto que haviam claramente pessoas-animais e criaturas estranhas naquele lugar. Mas o templo, com suas superfícies de pedra talhada pelo tempo, mais lembrava uma cidade milenar do que o interior de um trem.

Infelizmente, era exatamente para lá que eles precisavam ir. Ao menos foi o que Tsab concluiu após o jovem contar sua breve (e, para ele) chocante história até ali. A janela certa estaria em seu interior labiríntico.

— Você me disse que está procurando alguém, mas não sabe exatamente quem, certo? — pergunta a mulher leonina com um olhar inquisitivo.

David faz que sim com a cabeça, inseguro.

— Bem, é essa janela que você quer, ela tende a fazer o trabalho e é melhor você nem me perguntar como eu sei disso. — ela para e se vira para David por um instante — Só porque você vai em direção de algo, não significa que simplesmente vai chegar lá. Você precisa se virar por aqui até encontrar o que procura, cara-lisa.

As palavras de Tsab pesam sobre os ombros de David, fazendo suas têmporas latejarem levemente, o prenúncio no mínimo inconveniente de uma possível enxaqueca. Ele fecha os olhos firmemente e os abre novamente, concentrando-se na tarefa eminente: "a janela certa".

— O caminho vai surgir. Okay. Entrar no fluxo, vamo lá. — ele murmura para si mesmo com os olhos baços.

Um tempo depois, atrás de mais uma das incontáveis portas atravessadas pela dupla no trem, finalmente eles se deparam com o estranho e definitivamente impossível vagão-templo. Com a mente mais clara sem a opressiva presença do gigante e demais captores, David mede mentalmente o diâmetro do corredor central como de, no mínimo dez metros entre paredes e passagens opostas. Acima, correntes de metal escuro suspendem bacias de cobre cheias de brasas e fogo que ilumina fracamente o lugar. Ou ao menos o centro do corredor, já que, além das passagens, a escuridão parecia reinar absoluta.

— Não parece ter nenhuma janela aqui dentro. — diz David, sentindo os ombros altos e duros com a perspectiva de se aventurar no escuro. Ele ainda se recordava bem do que julgava ter visto ao passar por ali mais cedo, na caminhada forçada em direção ao vagão-prisão.

Tsab observa o local sem parecer ter certeza de que caminho tomar, considerando as opções enquanto seus lábios felinos murmuram algo para si mesma.

— Você sabe pra onde a gente tem que ir, né? — pergunta o jovem, suor começando a escorrer pela testa.

Ela se abaixa e passa os dedos munidos de garras afiadas sobre o chão de pedra, identificando algo que, para David, parecia invisível. Ela se levanta e sorri.

— Vem comigo, ele passou por aqui. — ela apanha David pelo braço, levando-o consigo por uma passagem à esquerda, grande como uma porta, porém ovalada, como se esculpida pelo vento ou por um rio paciente após milhões de anos de exposição.

— Ele? — David a acompanha e sente as costas tensionarem ainda mais quando Tsab ignora sua pergunta e ambos atravessam o limiar que separa a luz do corredor das trevas contidas na passagem.

A pouca certeza e clareza mental que David conquistara recentemente começam a se esvair, escorrendo pelos poros junto do suor que cai em seus olhos não pelo calor do local, que, na realidade, está agradavelmente fresco, mas pela tensão que o domina. A incerteza paralisante que o perseguira durante metade da vida parecia encontrá-lo mesmo nos confins do Expresso Coelho Branco.

Chu-chu, *David, seu chorão*, lhe diz uma voz em sua mente.

— Ei... — David sussurra, mal enxergando um palmo diante de si após adentrarem mais fundo no corredor de pedra escuro. Agora, as luzes do corredor principal eram apenas memórias e as trevas cobriam tudo ao seu redor.

— Fique quieto, cara-lisa. — David sente Tsab se virar para ele no escuro e se aproximar de seu rosto. Ela parece enxergar melhor ali do que ele jamais poderia, cortesia dos olhos de predador noturno — Ele não sabe que a gente tá vindo, a gente não quer ser pego aqui de surpresa. Acredite em mim.

David se prepara para insistir e perguntar quem, afinal de contas, seria "ele". Mas ao encher os pulmões de ar, o som distinto de Tsab sendo subitamente arrematada do chão chega aos seus ouvidos, assim como algo se movendo para longe. Um som deslizante, porém muito veloz, perceptível talvez apenas no silêncio do estranho lugar.

— Tsab! — David simplesmente corre em perseguição cega, sem certeza de que não baterá de cara em uma superfície de pedra intransponível. Não importa, ele pensa, ela salvou sua vida. *Duas vezes*! — Merda! Tsab, cadê você?!

David corre por metros e metros de corredor escuro, esquivando-se por pouco de dolorosas colisões contra pontos de pedra angular, pés quebrando coisinhas secas espalhadas pelo chão que ele não consegue identificar, como folhas no Outono. *Como tudo isso pode estar dentro de um trem?!* Porém, ele não permite que sua atenção se desvie, focando com toda força nos pulmões que já estão doendo. A dor é uma cortesia dos alguns cigarros fumados por dia, quase religiosamente, por um punhado de anos recentes. Anos difíceis.

A voz de Tsab ruge na distância, fazendo com que David corra em sua direção como um morcego perdido.

— Eu tô chegando! — arfa David entre respirações profundas, o fio que mantém as calças de pijama firmes se soltando e ameaçando deixá-lo de cuecas em plena perseguição.

O chapéu sobre a cabeça, que ele sequer lembrava estar ali, voa com a corrida confusa e o jovem o apanha no ar sem

pensar. Ele ouve um som inconfundivelmente serpentino, seco e ao mesmo tempo viscoso, vindo de alguns metros adiante. Com isso, também chegam resquícios de luz do sol, fazendo com que David possa enxergar pela primeira vez o chão do lugar. E os ossinhos amarelados que o cobrem. Sem tempo pra isso, ele pensa, não foque nisso, por favor.

Um rugido ecoa pelas paredes ovais do lugar quando David finalmente alcança Tsab e seu captor, uma espécie de homem-serpente de ao menos dois metros de altura, pele ressecada e repuxada sobre um corpo forte de músculos e ossos muito marcados. A mulher-leão está envolta nos braços escamosos, porém, algo sobre aquilo o surpreende completamente.

— Rassz, seu filho da mãe! Como você anda?! — Tsab, não atacada, mas sim abraçada, joga os braços ao redor do pescoço grosso da criatura.

David, atônito, congela no meio do movimento.

— Tsab, a Selvagem! — diz a criatura em uma voz gutural — Fiquem de olho em suas carteiras!

Tsab ri e o homem-serpente a coloca no chão novamente. Ela lhe dá um soco amistoso no antebraço, que bate quase em seu ombro, tamanha a diferença de altura.

— Olha quem fala, serpente velha. — ela ri carinhosamente. Em seguida, percebe David próximo da entrada da câmara de pedra — David! Você não acredita quem eu encontrei! É o Rassz!

David a encara.

— Oi...? — ele pausa, suspira, passa a mão no rosto sem saber o que fazer, e prossegue — Eu sou David... Sinfield.

A criatura se aproxima dele sobre a cauda musculosa, um olhar curioso no rosto coberto de pequenas escamas cor de deserto.

— Um cara-lisa? — apesar de olhar para David, Rassz claramente se dirige à Tsab.

— Longa história, Rassz. Longa... História. — ela se apoia com o cotovelo no enorme antebraço escamoso do homem-serpente — O garoto me ajudou, eu devo uma pra ele.

Rassz faz uma pequena mesura com a cabeça.

— Qualquer amigo de Tsab é meu amigo também. — o homem-serpente sorri com lábios que não foram feitos para sorrir. O resultado é estranho, mas David compreende a intenção e sorri também.

David faz menção de dizer algo, mas os olhos são atraídos para a janela que ilumina o local. Muito mais do que uma mera janela, o buraco circular na parede, grande o bastante para que até mesmo o Condutor pudesse passar por ele, parecia mais um portal primitivo. Algo que homens antigos teriam criado em adoração a deuses das estrelas.

Ao redor de sua superfície perfeitamente circular, mas de aparência natural, centenas de desenhos e pinturas em tinta branca concedem uma aura mística à imagem.

— Afinal, o que é que vocês estão fazendo aqui? — indaga Rassz se virando para Tsab novamente — este vagão está fechado! Mais precisamente, Lady Tsab — ele se aproxima com um sorriso irônico — a janela está fechada desde que seus pequenos Selvagens a utilizaram sem permissão pra acessar o que não devem. A Catedral da Cidade Alta fez um pedido oficial pros Alichinos, a casa está fechada.

Tsab suspira e olha para David, que não compreende nada do que acaba de ser dito e apenas a encara de volta com sobrancelhas arqueadas.

— David precisa dar o fora do trem, — ela indica a janela circular com um gesto casual e um sorrisinho de canto — a janela é a única opção.

— Como eu disse, os Alichinos não querem ninguém saindo sem autorização, Tsab. É por isso que seu *kamarád* Rassz está aqui, — anuncia ele com uma ponta de pompa na voz rouca — para impedir que qualquer um saia sem autorização, *rozu*?

Tsab se vira para ele com os olhos semicerrados.

— Eu *rozy* muito bem. Eu *rozy* que você vai dizer não pra um favorzinho desses! Pra sua velha *kamarád* Tsab? — ela soca o braço do homem-serpente, dessa vez com alguma força.

Rassz olha em volta, observa David por um instante e então se volta novamente para Tsab.

— O trem já está parando, eu posso sentir no chão. Vá até os Alichinos... — ele se corrige — ou até pro Condutor! Todo mundo sabe que ele é uma criança grande! Vá até eles e consiga a autorização ou você vai arranjar problemas para mim.

Tsab olha para David, que não sabe como reagir àquela informação. Suas esperanças estão, mais uma vez, depositadas em ser salvo pela companheira que mal o conhece.

— Rassz. *Díte*. Eu fico te devendo uma, vai. O cara-lisa também, não é, David? — ela indica o jovem com a cabe-

ça, que prontamente concorda — Está vendo? Nunca se sabe até onde um cara-lisa pode ir por aqui, não é mesmo?

O homem-serpente parece considerar, mas David observa Tsab com os olhos semicerrados. Até onde eu posso chegar? O que isso quer dizer?

— Tá bem, tá bem, — Rassz suspira e checa se não estão sendo observados uma última vez — mas só o garoto. Se vocês dois aparecem do outro lado, alguém pode notar e fazer perguntas.

David faz menção de se opor, mas Tsab põe a mão em seu ombro delicadamente.

— O plano desde o começo. — diz ela. David se vira, mas ela o interrompe — Vai ficar tudo bem, garoto. Além do que, eu tenho contas a acertar em casa.

Ela sorri para ele e lhe dá um de seus socos amistosos no braço.

— Obrigado, — ele diz sinceramente, como um suspiro — eu estaria ferrado sem você.

— Algo me diz que você ainda vai ter muita chance de se ferrar por aí, cara-lisa. — ela pisca pra ele, mas David sente notar uma pitada de tristeza ali, cuja fonte ele não compreende — se cuide por aí.

O jovem caminha até a frente da estranha janela, que fica a aproximadamente um metro do chão. Sua superfície não é de vidro ou qualquer coisa que David já tenha visto. Parece como água, agitada pelo movimento do trem, porém, perfeitamente na horizontal, sem derrubar uma gota sequer. Ao longe, os três escutam um apito longo soando e o trem para de se mover de

uma vez por todas com um último e leve balanço. Tsab dá um passo adiante, como se lembrasse de algo importante.

— Se você acabar na Cidade Zoológico, — ela parece formular algo na mente, mas balança a cabeça — não confie neles. Vá até a Toca do Leão e me espere. Eu tento encontrar você.

David se detém, perguntas constantemente borbulhando e se multiplicando.

— Agora saia daqui. — ela dá um sorriso final, dá as costas e começa a se afastar.

O jovem respira fundo e aperta o chapéu preto "emprestado" contra o peito com força. Atrás dele, Rassz se afasta com uma última olhada curiosa.

— Boa sorte, *kamarád.* — a voz arranhada murmura.

Então, David atravessa a janela certa.

III

David sente a janela passar por ele como uma lufada de ar. Esperava algo frio, talvez até mesmo molhado, porém, o que o recebe é mais como uma brisa quente de verão. Os cabelos, abandonados e rebeldes desde o último corte mais de um ano atrás, se projetam para todos os lados, açoitando seus olhos dolorosamente. A princípio, ele não sabe se está andando, subindo ou caindo. O vento o envolve por todos os lados, a temperatura varia entre quente e frio, um misto de secadores de cabelo e correntes de ar marítimas geladas.

Ao redor, ele vê apenas escuridão. Apesar disso, constata que pode ver a si mesmo, caindo e rodopiando como um boneco de pano em um vendaval.

Eu caí do trem, ele pensa, tentando julgar, afinal, aonde estaria a gravidade. Eu caí do trem e estou indo em direção ao chão, onde vou me espatifar. Contudo, algo em sua mente se mantém calmo. Algo naquilo tudo lhe diz, quase lhe garante, que ele não está simplesmente disparando como um cometa em direção a uma colisão final. Ele está sendo embalado, mesmo que não muito gentilmente, em direção a algo.

O caminho surgiria, mas ele teria de se virar. Jogar o jogo, à medida que o jogo lhe é apresentado.

Assim que o pensamento se consolida, seus ouvidos começam a captar algo ao longe. Algo ritmado e agradável. Música, surgindo da escuridão, convidando-o a se aproximar. David move os braços e as pernas, imaginando-se um paraquedista de comercial de energético, tentando se propulsionar em direção à melodia. A música, como não lhe espantava tanto a essa altura, era a trilha sonora de um antigo filme que sua mãe havia lhe mostrado ao menos quinze anos antes. Sobre um circo viajante.

Havia algo de errado a respeito daquele circo, mas ele não conseguia se lembrar mais o que.

A música, e a lembrança, eram algo ao qual se agarrar, ilhotas flutuantes de realidade em meio às águas que o levam até a cachoeira. E, assim, David se agarra, nadando contra o vento forte com a falta de graça de um animal que não fora feito para estar na água.

Quando os braços e pernas já estão quase esgotados, doídos do esforço, a música fica mais alta e o vento começa a se intensificar. Ele não está nem na metade do caminho e os cabelos chicoteiam seus olhos cruelmente, enchendo-os de lágrimas e obrigando-o a fechá-los com força e massagear as pálpebras com as costas das mãos, que por sua vez já estão pesadas. Meu deus, eu nunca vou chegar em lugar nenhum. *Eu estou preso aqui*, pensa tristemente. A música o envolve e se

torna ensurdecedora, os olhos escorrem em lágrimas que não são só fruto da dor física. Há tanto dando voltas em sua cabeça, tanto, que ele sente o peito se apertar como se o coração não mais quisesse bater.

O vento e a música cessam completamente. E um cheiro doce invade suas narinas.

IV

Quando abre os olhos novamente, David se vê sentado à mesa. Sua cabeça pende levemente para frente, grogue, e tudo que ele consegue ver é um prato de macarronada posicionado há apenas alguns centímetros de seu nariz, que começa a ficar úmido do vapor morno que sobe do prato. Ele sente até mesmo um guardanapo de pano aberto sobre as pernas do pijama. Seus olhos saltam do prato para os arredores enquanto a cabeça gira como uma coruja confusa. Sem entender como ou porque, David se percebe em um restaurante italiano, tão parecido com dezenas de outros que havia visto por aí.

Porém, ao contrário dos demais restaurantes até então, com nomes inventivos como "Mamma Itália" e "Buon Appetito", todos ali dentro são palhaços. Dos clientes, sentados sozinhos ou em grupos ao redor das mesas redondas, aos garçons e até mesmo o carrancudo gerente atrás do balcão, todos estão vestidos em roupas pretas e brancas exageradas, de proporções quase caricatas — o próprio ambiente parece exclusivamente preto e branco e exagerado. Os rostos que conversam e devoram garfadas do que David julga serem lasanhas, macarronadas e massas diversas, são esbranquiçados de maquiagem e completos com narizes negros iguais ao de Barnie. As bolinhas perfeitamente redondas parecem feitas de um material que David não consegue identificar, talvez algum tipo de borracha.

Ele engole em seco e tenta abstrair a sensação de desconforto que invade seu corpo, substituindo até mesmo a confusão

de se ver, sem entender como, sentado em um restaurante após a bizarra fuga do Expresso Coelho Branco. Estaria Tsab bem? — ele se pergunta repentinamente.

David olha para o prato novamente, tentando desfocar a cena ao redor. Ele percebe curiosamente que não se trata da boa e velha culinária italiana esperada, mas sim uma variação colorida e de aparência muito doce, como um prato inventado por uma criança encarregada da própria refeição. Ele leva a mão até o garfo e o utiliza para cutucar a comida. Uma nuvem aromática se desprende e faz sua boca salivar ansiosamente.

Só então ele percebe que não se alimenta desde a noite anterior, no mínimo, já que a noção da passagem das horas estava bastante comprometida. A breve visita ao chamado vagão-restaurante do Expresso não lhe trouxera qualquer sustento, já que, na ocasião, havia muito mais em sua mente do que um prato de comida. Agora, mesmo com tanto acontecendo, e tantos palhaços ao redor, a fome encontrava um jeito sutil de conquistar seu espaço nos pensamentos até mesmo do mais perdido dos viajantes. David, com toda certeza, se encaixa nessa categoria.

Vacilante, o garfo é levado com o estranho macarrão até perto do rosto jovem que, inala novamente o cheiro adocicado, e experimenta uma bocada hesitante. David olha em volta, mas ninguém parece notar sua presença, ou, ao menos, se importar com ela por agora.

Mastigando a pasta doce, algo que qualquer criança que se preze adoraria comer, David sente o açúcar fazer seu efeito quase medicamentoso, um formigamento agradável se espalhando por sua mandíbula. Estava com mais fome do que imaginava, mesmo sem saber dizer exatamente há quanto tempo havia deixado o apartamento, e seu mundo, para trás. Doze horas? Mais? Tudo que sabia naquele instante, de maneira totalmente irracional, é que o prato a sua frente havia acabado, e David estava extremamente interessado em repetir a porção.

V

É nesse momento de esfomeada irracionalidade que David sente uma leve mudança no ar. Como se o ambiente todo se tornasse mais pesado, até mesmo as luzes noturnas da rua, que entram pela grande vitrine com a palavra "Pagliacci" pintada, parecem diminuir sutilmente.

Em meio ao silêncio quase espontâneo, a porta do restaurante se abre com um tilintar do sininho sobre o batente. Por ela, dez palhaços de postura beligerante entram apressadamente um após o outro, evocando a imagem de um pequeno carro circense na memória do jovem observador, que também percebe imediatamente que eles são bastante diferentes dos patronos pretos-e-brancos do restaurante.

A maioria dos ocupantes das mesas são homens em variadas idades e alturas, do muito alto (um deles parece ter ao menos dois metros de altura, curvado sobre o próprio prato de comida), ao curiosamente pequeno, menores até mesmo que Barnie, o palhaço do trem. Apesar dos narizes de palhaço e as roupas antigas, seus rostos pareciam normais à primeira vista.

Já os recém-chegados parecem ter alturas próximas das de David, mas suas feições são cartunescas, com bocas grandes que ultrapassam as molduras de seus rostos, olhos pequenos e narizes longos vermelhos. Todos usam roupas coloridas, carregam grandes malas que se abrem para cima, por entre as alças, e têm estranhas flores de plástico presas às lapelas.

Ao entrarem, pegando os presentes de surpresa, o primeiro grita ao ar.

— Morte aos Narizes Negros malditos!

Ele aperta a flor em sua lapela e um líquido é expelido de seu centro amarelo em um jato, projetando-se contra o palhaço de nariz negro mais próximo. Sua acompanhante, uma jovem palhaça atraente usando vestido de tubo preto, dá um longo grito quando o palhaço é coberto pela substância e começa

também a gritar de dor. O urro do companheiro surpreendido arranca os demais Narizes Negros do torpor gerado pelo ataque-surpresa e eles se levantam rapidamente, virando mesas para barrar o avanço dos atacantes. Acompanhantes e palhaços aparentemente não envolvidos diretamente na situação gritam e tentam se esconder do possível fogo-cruzado.

Os demais invasores pressionam suas flores e jatos ácidos voam pelo ar, tentando maliciosamente alcançar seus alvos. Ou talvez seja veneno, David conjectura por um segundo antes de ser arrancado do assento e jogado ao chão por um Nariz Negro próximo.

— Ei, fique esperto, irmãozinho! — aconselha seu protetor sem olhar para ele, focado nos atacantes à frente.

Ao ser solto, David nota que tinha sido apanhado pelo colarinho do terno *zoot* que emprestara de Barnie. Aparentemente, a vestimenta, o chapéu — que novamente se encontrava sobre sua cabeça — e a situação de risco bastavam para que ele, ao menos por agora, se passasse por um dos demais. O pensamento lhe assusta quando somado ao fato de que haviam palhaços psicopatas em roupas coloridas tentando matar todos ali dentro.

— Fiquem firmes, irmãos! — grita um palhaço vestido em preto e branco de sua cobertura no meio do restaurante — Levantem as paredes, vocês sabem o que fazer!

O palhaço que o jogou no chão se levanta e faz algo que David não consegue compreender a princípio. Ele levanta as mãos no ar, como se tocasse uma parede invisível a sua frente, como um mímico. Ao fazer isso, e se expor ao perigo, um atacante de terno lilás com listras azuis-claras se vira para ele e aperta a flor em sua lapela. O líquido ácido se projeta e David cobre seu rosto, gritando para que o outro também se abaixe. Porém, a tal "parede invisível" que o palhaço Nariz Negro mantinha diante das mãos surte seu efeito milagroso, fazendo com

que o ataque escorra por sua superfície, como chuva caindo pelo vidro limpo. David dá um suspiro sonoro de alívio.

— A gente vai lavar o chão com a cara de vocês! Cês vieram no lugar errado, tão ouvindo, Esguichadores?! — brada outro palhaço vestido em um sobretudo preto sobre roupas sociais brancas, desafiando os atacantes a avançarem.

Os demais Narizes Negros começam a levar a briga até os invasores, levantando-se por de trás das mesas derrubadas, de suas trincheiras de guerra improvisadas, e partindo para cima dos palhaços de roupas coloridas; alguns levantam as estranhas paredes invisíveis, enquanto outros partem para a ofensiva com o que David só poderia descrever como mímica de batalha.

Um deles, o gerente de aparência ranzinza, pula por de trás do balcão e posiciona as mãos como se segurasse uma antiga metralhadora tommy gun, as mesmas que todos filmes de máfia adoravam usar. Como um estranho air guitar, o velho começa a chacoalhar, imitando o movimento da arma invisível em suas mãos atirando. Instantaneamente, o vidro começa a se estilhaçar, balas invisíveis cravam nas paredes do restaurante, derrubando velhas fotos emolduradas e levando ao chão dois dos atacantes expostos. Os demais criam suas próprias trincheiras com as mesas próximas e seguram seu avanço. Porém, um palhaço Esguichador vestindo camisa social verde-limão e um colete de tecido roxo brilhante retira uma torta do malote que leva consigo e arremessa na direção do velho.

— Cuidado com a torta desse *schnook*! — grita alguém que David não consegue ver.

A torta o atinge no peito, espalhando creme branco sobre seu rosto, braços e calças. David não compreende o porquê, mas o velho dá um guincho e cai ao chão, como uma criança atingida em uma brincadeira de polícia e ladrão, fingindo-se de morta. Os atacantes seguem o exemplo e também começam

a arremessar tortas. Uma delas atinge a parede inutilmente e cai próxima de David, praticamente intacta. Ele a apanha sem entender, movido pelo pânico do momento, e se posiciona novamente contra a mesa que o protege.

Os Narizes Negros parecem avançar em sua defesa, já que David escuta o atacante mais próximo da saída gritando com seus companheiros.

— Deu ruim! Vamo dá o fora, Matraquisto! — ele parte pela porta apressado, fazendo o sininho voar de sua base em direção ao chão, ainda tilintando.

— Covarde! Covaaarde! — o palhaço de camisa verde-limão grita com uma voz estridente com seu companheiro que se afasta.

Outro atacante também tenta fugir contra os protestos de Matraquisto, aparente líder do bando e arremessador da primeira torta. Atrás das duas mesas que o protegem, mas também isolam a porta de saída, ele pragueja em voz alta. O palhaço acovardado tenta fugir, mas é atingido por um Nariz Negro, que aponta para ele o que David julga ser um estilingue invisível. Um som oco surge quando o projétil preciso do mímico acerta a vítima na nuca, levando o restante do corpo ao chão. O jovem fica impressionado com a habilidade e a rapidez de resposta dos palhaços atacados, observando-os em ação com olhos arregalados detrás de sua mesa protetora.

— Okay, seus *jamúques* malditos! Vocês venceram, não atirem! — Matraquisto grita com sua voz esganiçada detrás da cobertura enquanto vê seus soldados acovardados restantes fugindo pela janela quebrada. Ele, contudo, está preso atrás das mesas que ironicamente o protegiam.

Duas mãos em luvas brancas, com dedos arredondados como um desenho animado, surgem detrás das mesas viradas.

Um rosto as segue, redondo e rechonchudo como uma lua cheia com um nariz em gancho vermelho.

— Eu me rendo. — o palhaço abandona a proteção com as mãos levantadas, indicando que sabia que tinha perdido aquele round.

Os Narizes Negros surgem de suas proteções desconfiadamente e se aproximam de Matraquisto, como policiais abordando um suspeito perigoso. Porém, assim que o primeiro deles abaixa a guarda, David vê no reflexo do que resta da vitrine que o palhaço inimigo possui uma faca presa no cinto junto às costas.

O palhaço de roxo e verde-limão contorce seu rosto redondo num sorriso.

— *Morte aos Narizes Negros!* — sua mão parte rapidamente em busca da faca.

Porém, assim que os dedos enluvados alcançam o cabo preto da longa faca circense, o corpo de Matraquisto trava por completo. Uma torta o atinge diretamente no rosto, fazendo com que o prato de lata cubra suas feições assustadoras.

Instantes depois, um sangue roxo começa a se misturar ao creme que escorre. Dentro do prato, em meio à torta cremosa, há uma única lâmina longa que agora se encontra atravessada mortalmente entre as sobrancelhas de Botélio, que ainda sorri debilmente debaixo do creme e do prato prateado enquanto seu corpo vai ao chão.

Os Narizes Negros se entreolham, confusos, tentando compreender qual deles seria o atirador. Então, eles finalmente notam David, seu braço ainda estendido em uma pose quase olímpica. Ele não sabe ao certo o que aconteceu, porque reagira assim. Ele só sabe que tudo nele odiava aquele palhaço traiçoeiro.

David estava cansado de não ter o controle de sua própria vida. Cansado de ser deixado para trás pelos traiçoeiros palhaços de roupas coloridas de sua família. De perder a pessoa mais

importante de sua existência, de ter seu apartamento invadido por um trem. De ser jogado na cadeia, de seres gigantes, mulheres-leoas e, principalmente, daquele palhaço maldito e sua faca escondida. E aquilo era apenas uma torta, certo? Ele não havia realmente matado ninguém. Certo?

David olha em volta hesitante, tremendo por todo o corpo com os olhares pousados sobre ele. Ele engole em seco novamente. No segundo seguinte, os Narizes Negros explodem em comemoração.

VI

David pouco compreendeu dos próprios eventos enquanto eles se desenvolviam. Seu corpo ainda tremia, sua mente urrava PELO AMOR DE DEUS, EU MATEI AQUELE PALHAÇO, impedindo que ele superasse o pensamento, indigesto como as sobras do restaurante chinês que o alimentaram por tantos dias. Os Narizes Negros se reúnem ao redor dele numa mistura de interrogatório e celebração heroica. Afinal, pelo pouco que ele conseguia compreender, ele havia de fato salvado o dia. Não, ele não havia pensado e não, ele não havia realmente tentado salvar qualquer coisa. Havia agido por puro impulso, levado por uma raiva que ele mesmo até então desconhecia. Um impulso odioso com consequências com as quais ele agora teria de lidar.

Porém, ao menos, os demais pareciam felizes com o resultado, sejam eles quem forem.

— De onde você veio, garoto? — pergunta o palhaço alto, observando-o com olhos arregalados.

— Cê é um cara-lisa! Eu nunca vi um, caramba! — diz outro, empurrando o companheiro para o lado e olhando David de cima a baixo — E cê derrubou o Matraquisto! Rapaz, que pontaria!

— Eu... — David tenta falar, mas os palhaços voltam a congratulá-lo, como se ele acabasse de ganhar uma medalha de ouro por algo.

Sem que ele tenha controle do que acontece, os palhaços o levam, numa maré empolgada e celebratória, pela porta afora. Eles caminham algumas quadras, nas quais David pode observar ao redor; a cidade parece saída diretamente de um filme antigo. Uma Nova York de proporções menores, com o ar escuro e sinistro que se esperaria de um bom thriller policial em preto e branco. Não se desespere, ele pede a si mesmo. Vamos lá, vamos ver o que vai acontecer antes de perder totalmente o controle.

Poucas quadras depois, eles estão celebrando em um bar com grandes janelas para a rua, repleto de mesas antigas e um longo balcão, no qual a maioria se estabelece. Canecas de bebida começam a ser servidas e um brinde é proposto em nome de David, o herói do dia.

— Ao cara-lisa! Que acabou com aquele *jamúque* do Botélio como o rato de esgoto que ele é! — brada o palhaço que o havia salvado no começo do ataque, de pé sobre o balcão do bar até ser enxotado de lá pelo bartender.

O jovem, sem saber o que fazer, brinda também, agradecendo com muita vergonha aos elogios que lhe são direcionados. Mais palhaços começam a chegar e logo o salão está cheio. Todos, sem exceção, desejam um momento da atenção do jovem confuso. Ele conta sua história até ali — omitindo o encontro com o palhaço no trem, sabiamente —, porém, os ouvintes não parecem realmente ligar para o que está sendo dito. Apenas concordam com as cabeças entusiasmados, aguardando o momento de, novamente, mencionarem o ocorrido no restaurante mais cedo.

Algum tempo se passa e David percebe que a bebida, uma cerveja cor-de-rosa chamativa, não parece conter álcool, porém,

os palhaços pareciam cada vez mais embriagados mesmo assim. O jovem apanha sua caneca e dá um longo gole acompanhado de seus (ao menos aparentes) novos amigos, todos vestidos em ternos e roupas sociais pretas e brancas no bar cujo nome pendia de uma plaquinha sobre o balcão: "Arlequino". Ele, por sua vez, ainda estava de pijamas, é claro.

— O que foi que eu perdi, seus degenerados? — a porta se abre e por ela entra Barnie, aparência cansada, as roupas desalinhadas e o rosto suado.

Ele olha em volta, cumprimentando conhecidos com a cabeça, até identificar David, o cara-lisa traiçoeiro, entre os demais. Sua expressão alegre se contorce:

— Você! cara-lisa filho da mãe, é você! — ele se aproxima do jovem em passos pesados — Que cê tá fazendo aqui?!

David se aproxima hesitante, levantando as mãos em um pedido de desculpas.

— Barnie, eu... — David não sente o soco atingi-lo, apenas vê um borrão e seu corpo é jogado ao chão. Seu maxilar estala e o lábio começa a inchar imediatamente.

— Cê tá louco? Meu nome é Barnacle, pivete! — grita o palhaço com os punhos ainda levantados, pronto para golpear novamente.

Barnacle parte para cima de sua vítima, mas um longo assovio o interrompe, ressoando pelo pequeno pub onde cerca de trinta palhaços de preto e branco se embriagavam.

— Que porcaria tá acontecendo aqui?! — pergunta um palhaço alto e forte com cabelos ralos roxos e um olho oculto

por um tapa-olho — Barnacle, quem você tá esmurrando dessa vez? E por que você está atrasado?

— Chefe, eu... — Barnacle parece surpreso e desvia olhares raivosos na direção de David. Ele aponta um dedo na direção do rapaz que começava a sentir as dores do golpe recebido — esse cara-lisa me derrubou e roubou minhas coisas no trem!

Alguns palhaços sussurram entre si.

— O cara-lisa te derrubou, Barnacle? E roubou suas paradas? — o chefe olha para David com uma expressão desconfiada. Em seguida, ele dá uma gargalhada rouca — Você precisa de ajuda pra lidar com ele, "Barnie"? Assustador demais pra você?

Os palhaços gargalham e Barnacle olha em volta contrariado, mas sem expressar raiva pelo chefe que se aproxima e lhe dá um abraço, tirando suas pernas do chão.

— Se você e o cara-lisa já são amigos, você vai gostar de saber que ele é o mais novo herói da gangue. É, ele... — o chefe se interrompe e se dirige ao visitante — qual o seu nome, cara-lisa?

— David... — diz o jovem encostando a palma da mão no lábio e se encolhendo de dor em seguida — David Sinfield.

— Pois então, o senhor David ali fez um baita de um favor pra nós se livrando do Matraquisto. Com uma das próprias tortas dele! — ele gargalha, quase perdendo o fôlego — Com uma das próprias tortas dele! Cê acredita?!

Os palhaços batem palmas e ajudam David a se levantar. O bartender lhe oferece um pano com gelo para sua boca, que agora está inchada, enquanto diversos palhaços lhe saúdam, batendo em suas costas e apertando sua mão livre.

— O garoto tem um talento nato, Bar, — ele cutuca Barnacle no peito com o indicador — e você vai ensinar ele a ser um de nós. Se houver um cara-lisa na cidade, ele tá com os Narizes Negros.

Barnacle faz menção de protestar, porém, o chefe lhe cutuca novamente.

— Você não quer que eu fique chateado com o seu atraso, não é? — sua expressão se transmuta em seriedade — Ou que eu cobre de você o fato do Plim ter levado um banho de ácido que talvez fosse evitado se você tivesse chegado na hora? Ou a tortada que derrubou o Velho? Certo?!

Barnacle suspira e olha o chão.

— Certo, chefe. Cê que manda.

— Eu não ouvi, Bar. Cê pode repetir? — ele chama a atenção de Barnacle com uma estalada de dedos. O palhaço recém-chegado o observa no olho descoberto de íris violeta.

— Você que manda, chefe Caolho. — ele repete com falsa convicção.

— Assim que eu gosto de ver, caramba! — o chefe o abraça novamente e novamente suas pernas são tiradas do chão — Você é um dos bons, Bar. Agora vamos beber!

Intervalo: Barnacle dos Narizes Negros

Algumas horas antes, Barnacle acordava no vagão no qual havia sido deixado inconsciente. Ele percebe que está sem o chapéu, o terno e, principalmente, sem a carteira. Uma comoção pode ser ouvida do lado de fora da porta e ele se levanta, sentindo o pescoço duro e a cabeça dolorida. O que infernos aconteceu?, ele se pergunta. O cara-lisa me derrubou?

Barnacle não se lembra exatamente de como a situação havia se desenrolado.

Ele abre e fecha a mão direita, sentindo os ossinhos doloridos do impacto contra a porta. O cara-lisa maldito havia se esquivado e Barnacle, bem, ele estava bêbado demais para dar seu melhor golpe. Agora, contudo, a adrenalina de se ver acordando sem todos os pedaços do quebra-cabeça, e com alguns itens importantes desaparecidos, fazia sua mente acelerar e clarear a cada instante.

O palhaço de nariz preto abre a porta e observa a cena que se desenrola; os passageiros do trem estão amontoados ao redor do Condutor, que, como uma criança assustada, tenta se fazer ouvir.

— Calma, senhoras e senhores, n-nós precisamos de calma nesse mo-momento. — ele gagueja e faz caretas, incapaz de superar o burburinho dos passageiros.

— Eu tenho de estar na Cidade Zoológico em breve para um compromisso, seu bruto! Deixe-me passar, eu exijo! — exige o homem com cabeça de cachorro e porte aristocrático, extremamente irritado com a espera e os empurrões alheios.

— Senhor, por favor, eu não posso fa-fazer nada até os Alichinos liberarem a s-saída. — seu rosto quadrado e largo transpira e ele passa as costas das mãos na testa, limpando gotas que deslizam em direção a suas grossas sobrancelhas negras.

A porta de saída se abre e os dois Alichinos presentes durante a viagem adentram o recinto, suas expressões impassíveis debaixo das máscaras vermelhas e narigudas. Um deles toca a corrente ao pescoço, indicando seu apito. Em resposta, o Condutor se encolhe e os demais passageiros silenciam imediatamente.

— Houve um incidente no trem. — diz o Alichino de chapéu vermelho, soltando a corrente do apito sobre seu peito, desarmando-se por agora.

— E nós precisamos checar a passagem de todos antes do desembarque. — completa imediatamente seu companheiro de cabelos firmemente penteados para trás – Tenham a passagem em mãos.

Os passageiros murmuram entre si e se colocam a vasculhar bolsos, bolsas e carteiras pelos canhotos de suas passagens. Barnacle bate no lugar onde sua carteira estaria habitualmente, mas é lembrado rapidamente de que ela havia desaparecido.

— Aquele cara-lisa filho da mãe. — ele xinga para si mesmo, aproximando-se da confusão e empurrando, com certa dificuldade, os demais de seu caminho até chegarem aos Alichinos — Ei, chefia, escuta só. Eu...

— Cavalheiro! Você esperará a sua vez como todos nós, eu lhe rogo! — interrompe dramaticamente o homem-cachorro, estupefato.

— Escuta aqui, totó, — Barnacle agarra o lenço de tecido fino preso ao pescoço do homem-cachorro, puxando-o para baixo, em direção de seu rosto — é o dia errado pra cê me encher o saco, falou?

Os Alichinos se aproximam dos dois, flutuando sobre o chão com suas asinhas de morcego.

— Senhor Nariz Negro, — diz o de chapéu, a temida e brilhante corrente pendendo de seu pescoço.

— Por favor, nos mostre sua passagem. — completa o segundo.

Barnacle solta o cachorro e lhe dá dois tapinhas no peito, como se limpasse alguma sujeira invisível. Ele levanta as mãos e sorri inocentemente.

— Vejam só, chefias. Houve um roubo aqui dentro, e eu não tô falando que a culpa é de ninguém, sabe como é — ele dá de ombros —, mas parece que minha carteira, com a passagem dentro, foi roubada.

Os Alichinos se aproximam ameaçadoramente, suas asas levando-os mais alto, acima da cabeça do palhaço. Eles o observam por um instante.

— Quem cometeu o furto...

— Senhor, Nariz Negro? — eles se aproximam ainda mais, como aves de rapina à espreita.

Barnacle olha em volta a procura de algum apoio, mas identifica apenas dois outros palhaços presentes, ambos pertencentes a uma gangue rival, observando-o com deleite discreto. Filhos da mãe, ele amaldiçoa sua sorte.

— Um cara-lisa...? — ele diz contra a própria vontade — Eu sei que ninguém nunca vê cara-lisas por aí, mas...

— Um cara-lisa, você diz. — interrompe o primeiro.

— Interessante — completa o segundo.

Eles se entreolham por um instante. Em seguida, o Alichino de chapéu sobrevoa os demais passageiros.

— Vocês podem partir. O Expresso Coelho Branco agradece sua visita. — nenhum sinal de agradecimento real, ou muita emoção qualquer, presente em sua voz — Tenham um bom dia. — que naquele monotom poderia significar "vocês são lixo", pensa Barnacle.

Com esta deixa, os demais se põe em direção à porta, como um rio finalmente liberto de sua barragem. Entre eles está Tsab,

que rapidamente se mistura no fluxo de seres circenses e desaparece em meio à multidão da Cidade do Meio.

Barnacle se vê sozinho com os Alichinos.

— Ei, eu já disse tudo que eu sei, compadre. E isso já foi muito mais colaboração com a lei do que eu estou acostumado, tá me entendendo? — ele se irrita e tenta partir, mas o Alichino de cabelos penteados se põe em seu caminho agilmente.

— Para onde foi o cara-lisa, senhor Nariz Negro? — ele pergunta em monotom.

— Eu lá tenho cara de mãe dele?! Só sei que ele me derrubou e passou a mão nas minhas paradas... — ele pensa por um instante — ele ou aquela mulher-leão.

Os Alichinos se aproximam dele novamente, como mariposas atraídas em direção da luz.

— Mulher...

— Leão?

O palhaço coça o queixo por um instante.

— Eu já falei demais, belê? — ele ajeita a gravata com uma expressão séria, disfarçando certa reprovação consigo.

Os Alichinos se olham brevemente e partem voando, zunindo, para fora do trem. Estão atrás de uma certa mulher-leão.

Após uma caminhada mais longa do que Barnacle poderia desejar, já com as pernas cansadas e a camisa úmida de suor, finalmente retornava a Los Pagliasos. Seu canto, sua base, seu espaço naquilo tudo. Porém, ao adentrar no pub onde sua gangue, os Narizes Negros, costumava celebrar, um rosto completamente inesperado estava lá para lhe saudar.

E ser devidamente socado.

Deixei Meu Coração em Los Pagliasos

I

O soco que Barnacle dera em David, o cara-lisa filho da mãe, não lhe havia satisfeito. Nem de longe. Afinal, por causa dele, Barnacle havia sido humilhado, deixado à mercê daqueles Alichinos desgraçados e perdido sua carteira. Além de tudo, para ofender ainda mais, o cara-lisa estava usando seu terno e chapéu. A ousadia parecia não ter limites.

Porém, as palavras do chefe, o palhaço Caolho, líder dos Narizes Negros, eram lei. Barnacle teria de abrigar o cara-lisa e colocá-lo para trabalhar. Ensinar o ofício de um palhaço não era coisa fácil, era algo, Barnacle pensava, com o qual se nascia. E aquele cara-lisa chorão não pertencia, não tinha nada pra estar ali.

Ordens são ordens, ele pensa desgostoso enquanto dá um longo gole na cerveja cor-de-rosa a sua frente. Doce e gelada, exatamente como ele gosta. Ao seu redor, Narizes Negros jovens e velhos, experientes e iniciantes, todos celebrando a vitória sobre os Esguichadores de Botélio, com direito à queda do líder.

— Matraquisto não é nada sem o irmão. — berrou um palhaço gorducho de braços curtos.

— Os Esguichadores tão acabados! — respondeu outro, brindando no ar.

— Argh, crianças! — ele resmunga e estala o pescoço sonoramente.

Barnacle vê pelo canto dos olhos alguém se sentar ao seu lado no balcão, mas não sente qualquer vontade de papear. Ele afunda ainda mais nos ombros, fitando com enorme atenção as bolhas que surgem no copo.

— Barnacle, né?

O palhaço fecha os olhos com força. Só faltava essa.

— Cara-lisa... — ele diz, virando-se para David, que ainda segura o gelo parcialmente derretido contra o lábio dolorido.

— Belo soco. — David diz, sem jeito.

— Você não viu o próximo — ele vira a cerveja e pede mais uma com um movimento da mão para o garçom — e não economize, seu miserável. — diz para o palhaço que o serve.

— Escuta — David se aproxima um pouco —, eu queria te pedir desculpas. Eu não... Sabia o que tava rolando. Foi tudo muito rápido, eu não quis...

— Me sacanear? — Barnacle o encara e David percebe que suas íris são de um tom de azul que ele nunca vira antes.

— É. Eu não quis te sacanear. Toma aqui, eu não devia estar com isso. — David começa a tirar o terno para devolvê-lo ao verdadeiro dono.

— Nah, fica com isso, — ele balança a mão para David — cê já esticou e estragou toda a costura mesmo. — ele dá um longo gole e arrota.

— Hum, beleza. Valeu. — David dá um sorriso e lhe estica seu copo de cerveja, também cor-de-rosa. Parecia ser, ao menos naquele pub, a bebida favorita de todos — Sem ressentimentos?

Barnacle pensa por um instante, carrancudo.

— Foi a mulher-leão que me derrubou, né?

David dá de ombros.

— Não sou de entregar os outros. Além do que, faz diferença? — ele sorri — Cê já tem raiva de mim de qualquer jeito.

O palhaço solta uma risada a contragosto e brinda, batendo seu copo contra o do jovem.

— Até que cê não é tão burro, moleque.

Os dois conversam por mais alguns momentos sem realmente dizerem nada de importância, jogando papo fora.

— E cê não tem ideia de como acabou aqui? Ou por que o Expresso resolveu fazer uma parada bem na sua casa? — pergunta Barnacle enquanto ajuda um companheiro a se equilibrar sobre o banquinho ao lado com um empurrão.

— Nem ideia, *kamarád*. — responde David sem pensar. O termo estranho, utilizado por Tsab e seu amigo serpente, simplesmente pula de sua língua. Talvez estivesse ficando bêbado por osmose, ele pensa.

Barnacle gargalha e bate com as palmas das mãos sobre o balcão.

— "*Kamarád*"? Ha ha, cê acha que tá num clube privado da Cidade Zoológico?! — o palhaço respira fundo tentando parar de rir — Ai ai, cara-lisa. "*Kamarád*", essa foi boa.

David dá de ombros, sem se importar com o uso aparentemente indevido da palavra. Quem sabe aquilo ainda fosse apenas um sonho seu, ele calcula. Se este fosse o caso, não devia explicações para ninguém ali.

— Eu tô realmente podre... Minha cabeça já tá simplesmente pirando sozinha. — diz o rapaz com a cabeça entre as mãos, cotovelos apoiados sobre o balcão repleto de marcas de copos.

— Pode crer, moleque — ele toma um gole, fingindo ter compreendido todas as palavras ditas pelo cara-lisa —, pode crer.

O dia havia sido longo para ambos.

II

Quando estão exaustos, ambos partem para a casa de Barnacle, o Nariz Negro que receberia (mesmo que a contragosto) David em sua estadia na cidade. Quanto tempo isso seria, o jovem se pergunta enquanto a dupla perambula pelas ruas desertas e escuras, ele não tinha ideia. Mesmo que o céu indicasse a proximidade da manhã, parecia ser sempre muito escuro ali.

A cidade parecia como uma pequena Nova York do começo do século passado, com prédios de no máximo dez andares salpicados entre a maioria de edifícios baixos de dois a quatro andares. Havia todo tipo de comércio ao redor, com portas fechadas, dado o horário da madrugada. Sapateiros, açougues e restaurantes, todos estranhamente adaptados ao tema implícito da cidade: palhaços. O trecho percorrido lembrava a David um cenário de filmes antigos, ou talvez os quadrinhos de Will Eisner que lera na biblioteca municipal. Apesar de fascinante, faltava uma certa fisicalidade, um nível de "realidade", no que via ao seu redor.

Trôpego de cansaço, ele se aproxima de um prédio residencial escuro, exceto por uma solitária luz que surge pelas cortinas de uma janela no último andar. Logo acima desta, no topo do prédio, há uma ave preta empoleirada. O estranho abutre (ao menos é o que David considera ver) abaixa o olhar em direção à rua, apoiado no pescoço longo e fino, e o jovem percebe que sua cara é coberta por uma longa máscara triangular, como um bico perfeitamente angular que se estende de logo acima dos olhos até a ponta afiada na qual as linhas retas de juntam. Ele parece examinar a dupla de passantes.

David observa o vulto escuro por um instante e a ave alça voo em direção ao céu noturno. Sem pensar muito a respeito, ele então abaixa os olhos e os fixa na parede, mais especificamente em sua textura, e tem a sensação indescritível de que está vendo uma pintura. Algo feito para evocar realismo sem necessariamente possuir substância. Talvez o cenário de uma peça ou os fundos de grandes produções cinematográficas da virada do século, pintados à mão.

Barnacle olha por cima do ombro e vê David fazendo uma careta de curiosidade, sua mão espalmada se aproximando da parede de um prédio qualquer. Ele se vira e observa a cena, entretido. O jovem respira fundo, meio fora de si, e toca a parede. Então parece levar um susto, como se esperasse que a mão fosse atravessar a superfície lisa e porosa.

— Todo cara-lisa é doido assim? — o palhaço ri e cospe no chão — Que que cê tá fazendo, moleque?

David se surpreende novamente e dá seu segundo pulinho no lugar em menos de um minuto. Tinha esquecido momentaneamente da presença de Barnacle. Ele o encara por um instante, recompondo os pensamentos.

— Eu tô aqui mesmo, né? — ele volta a caminhar, abrindo e fechando a mão que havia tocado o prédio — Isso é tão bizarro...

— Bizarra é essa sua cara. Vambora.

Ao chegarem, Barnacle indica o sofá com o polegar e caminha até a cozinha afrouxando a gravata. Ele abre a geladeira, antiga como quase tudo que David vira ali, e apanha uma garrafa de cerveja rosa, como a do bar. O rótulo suado apresenta a ilustração de um palhaço de aparência elegante com um cachimbo plantado entre os lábios e as palavras "Você não precisa de um *Consilhéri* para beber como um Chefe" em letra cursiva amarela.

Apesar de Barnacle não lhe oferecer uma garrafa, David tinha bastante certeza de que seria totalmente incapaz de aceitá-la, só desejava dormir. Ele se senta no sofá, levantando uma nuvem de poeira no ar. Apesar de descuidado e até mesmo um pouco decadente, o sobrado de dois andares não deixava de ter seu charme, com móveis antigos de madeira espalhados casualmente pelos cômodos e elegantes, mas abafados, detalhes em sua arquitetura.

Barnacle, trançando as pernas, parte em direção da escada que leva ao segundo andar. Ele dá um gole após alguns degraus e para por um instante.

— Foi a mulher-leão que me derrubou né? — ele soluça — E roubou minha carteira.

Não foi?

David dá uma risada.

— Boa noite! — o rapaz sorri e ignora a pergunta — Obrigado por me receber... e tudo mais. — ele se deita, encarando o teto branco manchado que parece girar diante de seus olhos.

— He he, foi sim. Bom pra ela, — ele sobe alguns degraus e ri novamente — bom pra ela — e desaparece escada acima.

III

O sol se levanta e se vai, mergulhando a cidade novamente na escuridão da noite. Porém, os dois ocupantes do sobrado permanecem completamente apagados. O dia anterior havia sido extremamente cansativo para ambos, apesar do caso de David se destacar pela estranheza. Sua mente, muito mais do que seu corpo, precisava de um merecido descanso. Após cerca de treze horas de silêncio completo, o som de uma frigideira

sendo colocada sobre o fogão acorda David de um sono absolutamente pacífico e sem sonhos.

Ele abre os olhos e vê o mesmo teto da noite anterior, porém, desta vez, o mundo lhe faz a cortesia de não girar. Ele se põe sentado, passa as mãos no rosto e se levanta, observando a fonte dos sons de comida sendo preparada. Entre a cozinha e a sala onde havia dormido há apenas um balcão, por isso, o jovem vê Barnacle de costas sobre o fogão.

— Ah, você acordou. — diz o palhaço olhando para trás brevemente, um cigarro cor-de-rosa pendendo dos lábios, enquanto mexe a frigideira sobre o fogo e cutuca seu conteúdo com uma espátula.

David se aproxima, sentindo o cheiro convidativo encher o recinto.

— Bom dia, é... — ele pensa por um instante e observa a janela mais próxima — que horas são?

— Hora de acordar — Barnacle se vira com a frigideira na mão. O conteúdo tem a aparência particular de alimentos que estão, ao mesmo tempo, queimados e ainda não completamente cozidos — e talvez sair comer algo.

David agradece mentalmente pelo palhaço não obrigá-lo a experimentar o estranho prato. Queria agradar o anfitrião, mas também tinha confiança de que não queria descobrir o gosto daquilo. Ele pensa em algo e mete as mãos nos bolsos da calça de pijama que vinha usando há ao menos um dia, puxando-os para fora em seguida.

— Eu não tenho grana. — David diz hesitante — E eu não roubei a sua carteira, então...

Barnacle despeja o conteúdo da frigideira no lixo e a joga com descaso na pia.

— Sem treta, moleque, — Barnacle apaga seu cigarro na torneira, sai da cozinha e apanha um terno do cabideiro — o chefe quer que eu cuide de você. — ele sorri forçosamente — Eu cuido de você.

— Se você diz, — David dá de ombros, apesar da felicidade que a ideia de uma refeição lhe causa — mostre o caminho.

Algum tempo depois, os dois estão sentados em um restaurante de aparência simples, próximo do sobrado de Barnacle.

— O que é um cara-lisa? — pergunta David após devorar o prato de panquecas que lhe fora servido — Digo, eu sei que eu sou um cara-lisa. Mas o que isso significa?

— Cara-lisa é um cara-lisa, moleque, — Barnacle responde, como se a pergunta fosse a coisa mais idiota que já tinha ouvido — sem máscara, sem pelos, escamas, narizes.

David o encara sem saber o que dizer.

— Você tem essa cara aí. Sem graça. — ele empurra o prato igualmente vazio com um suspiro satisfeito — Quer dizer que você não é daqui. Não pertence a ninguém.

— Não pertenço a ninguém... — o jovem tenta compreender — você pertence a alguém?

— Escuta aqui, além do chefe Caolho, ninguém manda em mim, falou? — ele dá um muxoxo — Mas sim, teoricamente, é... Todo mundo nessa cidade trabalha pra um chefe. E, acima disso, todo mundo pertence ao Louco.

Uma garçonete, que parece personificar cada garçonete de todos os filmes que David já vira, com o detalhe de um nariz de palhaço vermelho, apanha seus pratos e enche as xícaras

com um líquido quente que lembra café, mas não exatamente. Talvez algum chá forte, David pensa. Barnacle baixa a voz e aguarda ela partir novamente, como se guardasse um segredo dos ouvidos errados.

— O Louco manda na cidade, mas o negócio é que ninguém sabe quem ele é. Ou sequer se ele existe de verdade, vai saber. O que a gente sabe é que cada parte do Carnivalle é de alguém, de um dos cinco. E, acima de todo mundo, tem o mestre do picadeiro, Sirkus. Mas esse é outro que parece mais lenda do que qualquer outra coisa.

David ouve as palavras e tenta processá-las o mais rápido que pode, dando algum sentido para os acontecimentos que o levaram até ali.

— Então o Sirkus manda em tudo... — ele diz, repassando as informações — aí vêm os cinco. E cada um deles têm... Como você chamaria? Uma cidade? Um reino?

Barnacle solta uma risada seca e toma um gole de sua xícara.

— Garoto, o Carnivalle tem seu jeito próprio de funcionar, é uma coisa viva que faz o que quiser com você e chuta sua bunda se você não prestar atenção — ele se endireita na cadeira —, o que eu sei é daqui, de Los Pagliasos, o resto não me interessa. Enquanto você estiver aqui, não interessa pra você também, tá me ouvindo?

David pensa em fazer novas perguntas a respeito destes outros lugares, mas o tom e o olhar resoluto de Barnacle lhe convencem do contrário.

— Você acha que o Louco poderia me mandar pra casa? Ou me ajudaria a encontrar o Sirkus? Talvez ele possa...

— Garoto, — o palhaço o interrompe com a mão levantada — esqueça disso. O caminho vai aparecer, se tiver que aparecer. Assim que as coisas funcionam por aqui — ele retira algumas notas, que não se parecem com qualquer dinheiro que David já vira, e as deixa sobre a mesa.

O Nariz Negro se levanta, acena para a garçonete com a cabeça e vai em direção à saída com David o seguindo. Um poste ilumina suas cabeças com uma luz fraca e amarelada. Barnacle acende um cigarro cor-de-rosa, de cheiro doce e fumaça avermelhada.

— Agora você vai ser apresentado pra família oficialmente. — ele dá uma longa tragada — Faça um favor e não me envergonhe muito, belê?

David, ao que parecia, estava prestes a conhecer o restante dos Narizes Negros. Seus muitos negócios e planos para Los Pagliasos. E, claro, seu assustador *consilhéri*.

IV

Algumas quadras de caminhada depois, David se vê diante de um imponente prédio de cinco andares com linhas verticais brancas entalhadas na pedra escura que lhe dão uma aparência alongada e elegante. "O Palhaço Caolho — Cassino", diz o letreiro sobre as gigantes portas duplas pelas quais dezenas de pessoas ou, mais especificamente, palhaços, entram e saem. Alguns conversam entre si, outros apresentam a clássica excitação de quem não consegue viver sem uma aposta. Alguns, como se lembrando David da realidade dos cassinos em todos os lugares, estão claramente arrasados com as perdas sofridas em seu tempo ali, arrastando-se miseravelmente em direção das ruas.

— Chegamos, moleque. — diz Barnacle observando as luzes, um sorriso orgulhoso em seu rosto branco — Nosso cassino. Uma belezinha, não?

— Caramba — responde David, sem saber exatamente o que dizer —, é realmente impressionante.

— Impressionante? — Barnacle se vira — Isso aqui é uma maravilha, moleque. Uma mina de dinheiro e a base mais segura da cidade. Escuta bem, esse lugar é perfeito.

— Bom, vamos conhecer então... — David dá um passo em direção à porta, mas Barnacle o segura pelo braço e indica outra direção.

— A gente usa a entrada da gerência, vem comigo.

Eles dão a volta no edifício largo, passando rapidamente por sua entrada aberta, e David tem uma breve vista do que ocorre no interior. Mais precisamente, dos jogos de azar populares entre os clientes do cassino: o lugar parece um grande fliperama antigo, com máquinas elegantemente pintadas em motivos rebuscados contendo diversos buracos, dos quais figuras animadas toscas surgem de tempos em tempos para serem acertadas pelos apostadores. As figuras empolgadamente surradas possuem rostos de animais e David julga ter visto o nome de um dos jogos em uma placa prateada: Caça no Zoológico. Outro jogo parece envolver balões de água, que são jogados entre os participantes usando luvas com tachinhas pontudas nas palmas. Não parece ser água dentro deles, ele decide, parece algo que eu odiaria ter nas mãos, isso sim.

A jogatina é deixada para trás quando eles entram no beco que dá acesso à área de carga e descarga do cassino. Ali, Barnacle se aproxima de uma porta de metal de aparência extremamente sólida.

— Saca só. — diz Barnacle e dá cinco batidas rítmicas na porta, espera um instante, e então bate mais duas vezes.

Uma fresta se abre um palmo acima de Barnacle e dois olhos os observam.

— Qual é a senha? — exige uma voz grossa.

Barnacle dá uma risadinha.

— Olha só esse cara. — ele murmura para si mesmo — Siri, eu que te apresentei o chefe quando cê chegou na cidade. Eu que te iniciei nessa caramba. "Abre essa droga de porta agora" é a senha. — ele vocifera, mas com um tom de riso na voz.

Ambos ouvem um xingamento baixinho e o som da porta se destrancando. Barnacle gira a maçaneta rindo e entra com David seguindo-o de perto. Do outro lado está um depósito repleto de caixas de madeira fechadas e grandes jogos, semelhantes aos do cassino, cobertos por panos brancos. Ao lado da porta eles encontram um palhaço muito pequeno, descendo de um longo banco de madeira usado para ver pela fresta da porta.

— Sirigolé, seu filho da mãe, — Barnacle ameaça dar um soco no porteiro, mas ri e lhe estica a mão para cumprimentá-lo — como você está?

— Tudo liso, Bar. Nos conformes, e contigo? — ele observa David por um instante — Como é ser babá de um cara-lisa? Os rapazes andam dizendo que ele tem poderes, que consegue voar e soprar fogo pelo nariz. — sua voz diz brincadeira, mas os olhos indicam certa desconfiança.

David faz uma careta, mas Barnacle dá uma risada curta e balança as mãos para o porteiro, dispensando-o.

— Vá se danar, Siri. Todo mundo já chegou?

— Quase todo mundo, melhor vocês entrarem. — ele indica uma porta fechada na parede oposta, mas não tira os olhos do recém chegado.

Barnacle se despede com um movimento da cabeça e parte na direção da porta, consciente de que David está incomodamente próximo dele.

— Ei! — ele se vira para o jovem pálido — Se acalme, moleque. Ou você vai ter um troço! O chefe já gosta de você e, se o chefe gosta de você, tá tudo certo.

Ambos podem ouvir muitas vozes vindas de trás da porta fechada. David passa a mão pela testa, nervoso, sentindo-se incapaz de falar.

— Tá tudo certo, cara-lisa, — ele dá de ombros — a não ser que o conselheiro Flynn não goste de você. Aí cê tá largado e mal pago, e eu libero meu sofá. Todo mundo ganha de qualquer jeito, falou?

Antes que David proteste, Barnacle abre a porta e eles se veem diante de dezenas de palhaços Narizes Negros conversando, sentados ou ao redor de cadeiras que foram organizadas em frente a um pequeno palanque.

— Parados, são os Alichinos! — diz Barnacle, apontando o dedo para o recinto como uma arma — Todo mundo na parede, bando de degenerados!

Os palhaços riem e o cumprimentam. Muitos deles conheceram David, mesmo que de passagem, na noite anterior, por isso, ele também é recebido calorosamente pelos membros da chamada "família". Muito mais recatado que seu anfitrião, que conversa animadamente com todos, o jovem de terno sobre os pijamas encontra uma cadeira vazia no canto do pequeno

auditório e apenas observa ao redor. Há palhaços de diversos tamanhos, do curiosamente grande ao tão pequeno que parecem crianças, e de ambos os sexos. Todos vestidos de maneira semalhante, com a combinação preta e branca favorecida pelos Narizes Negros, assim como sua principal assinatura, o nariz preto em si.

E eles falam de suas vidas, de suas rotinas naquele lugar que David tinha dificuldade de compreender. Como se isso tudo fosse normal!

— Acredita que um monte de sputari apareceu no meu jardim? Coisa do Esguichador filho da mãe que mora na minha quadra! Eu vou apresentar uma reclamação pro representante daqueles babões na minha região. — diz um palhaço indignado para os companheiros.

— Quando eu vi, os Alichinos estavam quadras pra trás comendo minha poeira! — conclui uma Nariz Negro que também parece contar suas últimas aventuras para um grupo de palhaços de aparência jovem e impressionável. — Aqueles *schnooks* nunca vão pegar a velha Lux aqui!

David matuta, pendendo a cabeça sobre as mãos, incrédulo com o misto de familiaridade e estranheza que tudo ali lhe provoca. Era como estar em um filme, um quadrinho, algo que ele mesmo teria apreciado e talvez até mesmo escrito quando era mais jovem.

Afinal, David vivia, mesmo que com grande dificuldade nos últimos tempos, de palavras. Era contratado por clientes eventuais para escrever coisinhas pequenas, postagens de redes sociais ou biografias curtas de profissionais que ganhavam sempre alguns dígitos a mais do que ele próprio. Havia sonhado em ser escritor em dias mais inocentes de sua vida, porém, se contentava com o que conseguia. Escrever era tudo que ele sabia, ao menos até a doença de sua mãe e as coisas

mudarem. Desde então, sobreviver e se preocupar eram suas duas maiores habilidades.

Talvez, se um dia realmente voltar pra casa, ele possa escrever sobre tudo isso. Esse sonho louco que jura ser realidade, ele considera.

— Vamos começar essa reunião, fiquem quietos — anuncia um palhaço velho que parece um ovo vestido de terno e gravata sobre o palanque —, sentem as bundas de vocês e fechem essas matracas de uma vez.

Ele se afasta e se senta em uma cadeira próxima. Todos ficam em silêncio após alguns instantes, aguardando, até que uma porta se abre e por ela entram Caolho, forte como um touro, acompanhado de outro palhaço, pequeno e muitíssimo sério. Barnacle se senta ao lado de David e se inclina para perto.

— *Consilhéri* Flynn, — ele indica o palhaço baixinho que toma seu lugar ao lado do chefe, retira uma caderneta preta de seus pertences e a posiciona a sua frente — o cara é um gênio. Meio casca, mas um gênio.

Barnacle faz menção de dizer algo mais, porém, o conselheiro os fulmina com um olhar de reprovação por trás de seus pequenos óculos redondos. A gente está do outro lado do recinto, David nota surpreso, o cara é um gênio e tem ouvidos de morcego! Caolho se levanta com uma expressão amigável e se dirige a todos.

— Bem-vindos, irmãos Narizes Negros! — ele levanta suas mãos, como um rei diante de sua corte, e os palhaços o saúdam com gritos, batidas dos pés e comemorações. Assim que seus braços se abaixam, os membros da gangue silenciam novamente — Bem-vindos a essa reunião especial da nossa família.

Ele olha em volta, como se procurasse algo. Então, seus olhos encontram David.

— Temos um convidado especial no cassino esta noite: — ele indica o jovem com uma mão grande estendida em sua direção — o Senhor David...

Ele se interrompe e olha para Flynn que, ainda encarando sua caderneta enquanto faz anotações, diz em voz calma.

— Sinfield, — ele pigarreia — David Sinfield, chefe.

— Isso, caramba! David Sinfield! Que muitos de vocês já conhecem como o cara-lisa que tirou Botélio da jogada — ele bate palmas e os demais Narizes Negros seguem o exemplo, assobiando e urrando de alegria — com uma tortada espetacular! Histórica!

Os palhaços fazem uma pequena algazarra, para a qual David só consegue sorrir extremamente sem jeito, acenando como uma debutante confusa. Barnacle dá um tapa em suas costas que quase o derruba da cadeira, como se, pela primeira vez, começasse a apreciar sua associação com o jovem cara-lisa. O chefe novamente abaixa as mãos e alguns instantes depois os presentes se acalmam, obedientes.

— Que sua estadia na nossa cidade seja boa, cara-lisa — ele sorri com aparente sinceridade para David e então se vira para os demais, novamente sério — Com isso fora do caminho, falemos de negócios.

V

O que David presencia naquela sala escondida nas entranhas do "Palhaço Caolho — Cassino" é uma verdadeira reunião

de máfia, ou, ao menos, o que ele esperaria de uma. Os tópicos foram de chantagens e disputas internas até problemas com outras facções e a presença da "lei" na cidade. A ideia de policiamento ali provocou uma careta em seu rosto.

— Aqueles Alichinos, você deve ter visto uns filhos da mãe em miniatura com asinhas no trem, são a lei no Carnivalle. Por aqui eles quase nunca aparecem, talvez achem a gente uma causa perdida, he he — sussurra Barnacle —, mas quando as coisas saem do controle de verdade, como já rolou antes, eles podem ser problema.

— Eles não pareceram tão ameaçadores. — David sussurra de volta, com medo de receber outro olhar do *consilhéri* — Acho que vocês poderiam dar uma surra neles.

— Isso é adorável, garoto, mas não é bem verdade. — o palhaço se retrai um pouco — Eles têm o jeito deles de botarem as coisas na linha. Melhor não ferrar com os Alichinos, se você puder evitar.

Grande parte da conversa escapa à compreensão de David, com menções de nomes, endereços e acontecimentos prévios.

— É por isso que a gente precisa investir na área dos Malabaristas, especialmente entre a Rua dos Pizzolotto e a Travessa 1927. Têm muito imóvel dando sopa na região e nós podemos fazer uma bolada colocando eles pra funcionar. — explica o mesmo palhaço de roupas sociais brancas presente no ataque ao restaurante — Umas frentes pros nossos negócios e badabim badabum, a gente põe o lugar todo pra render!

Sua mente se desprende e vaga, digerindo os acontecimentos, até que a voz do velho ovo-de-terno surge novamente.

— A reunião está encerrada. Caiam fora daqui.

O jovem vê os palhaços se levantando e conversando enquanto caminham para a saída. David se põe de pé e Barnacle faz o mesmo, acenando para os conhecidos que partem.

— Bem, acho que... — Barnacle começa a dizer, mas é interrompido.

— Menos o cara-lisa e Barnacle. — o velho pigarreia sonoramente — O chefe quer ver vocês na sala dele.

O jovem olha para seu companheiro, que apenas dá de ombros. Momentos depois, eles estão numa pequena sala anexa ao salão no qual a reunião havia ocorrido. Há duas mesas voltadas para a entrada; uma grande, na qual Caolho está sentado com os pés sobre o tampo de madeira brilhante, e outra pequena repleta de papéis de todos os tipos, ocupada pelo conselheiro Flynn. Próximo deste, diversos arquivos de metal verde-escuro apinhados de ainda mais papéis se projetam até o teto, enquanto do lado de Caolho da sala há apenas um cabideiro com seu casaco sobretudo, seu chapéu e um belo guarda-chuva preto.

— Senhor Sinfield, — diz Flynn sem levantar os olhos da caderneta — como está sua estadia em nossa cidade?

— Se divertindo, garoto? — Caolho dá uma risada seca e Flynn o olha de canto de olho brevemente.

David os encara e então se vira para Barnacle, nervoso como se tivesse de cantar uma canção para todo o salão de palhaços.

— O garoto acabou de chegar, chefe. — Barnacle intervém com uma risadinha — ainda nem conhece a cidade.

— O senhor tem um bom ponto, senhor Barnacle. — diz Flynn, levantando seus olhos na direção de David — Talvez o senhor Sinfield precise de um tour.

Ele folheia sua caderneta e consulta alguns papéis próximos.

— Amanhã temos uma cobrança na Fornalha, — ele volta a falar sem tirar os olhos de seus papéis — você será o responsável, Barnacle. Leve o garoto.

Caolho pigarreia e se levanta, caminha até seu guarda-chuva e o apanha.

— Será que isso não vai ser meio pesado pro cara-lisa, Flynn? — Caolho se posiciona como se jogasse golfe, dando uma longa tacada e observando o horizonte invisível como se sua bolinha voasse pelos ares — As coisas podem ficar... quentes. — ele se vira para Flynn com uma expressão que indica orgulho por sua escolha de palavras.

— Tenho certeza que o senhor Sinfield estará seguro com Barnacle. — Flynn ignora o comentário de Caolho — Não é mesmo? — seus olhos pousam no palhaço à frente como uma tonelada de tijolos.

Barnacle afrouxa sua gravata sem perceber, mas se recompõe rapidamente, decidindo que talvez o problema não fosse, afinal, tão grande.

— Podexá, — ele dá um tapinha nas costas de David, forte o bastante para fazê-lo dar um pequeno passo adiante — o cara-lisa tá comigo, chefias.

David sorri sem jeito, mas começando a se preocupar com a situação na qual havia se metido. O que faria ele em uma "cobrança" de palhaços mafiosos? Apesar de seu pequeno ato heroico acidental no restaurante, famosamente "tirando Botélio da jogada", David não tinha a mais tenra ideia do que poderia fazer para ajudar. Ele sequer sabia se realmente desejava ajudar aqueles aparentes bandidos. O jovem não era um santo, mas estava muito longe de ser um criminoso. Com ele, levava apenas filmes assistidos, livros lidos e pouquíssima prática. Não era um

gênio, como Flynn, ou forte e corajoso como Barnacle e Caolho. David era apenas... David! Um pretenso escritor transformado em redator de segunda que tinha perdido a mãe e agora havia caído fundo, muito fundo numa toca de coelho sem fim. Um coelho maquiado e com um nariz de palhaço.

Após a conversa, ambos se retiram e saem do cassino, encaminhando-se para a casa de Barnacle novamente.

— Amanhã é um dia importante, moleque. — ele estala os dedos ansioso — Se a gente fizer tudo certo, vai ser moleza. E os Narizes Negros vão ver que você, na real, não é tão mal.

David se surpreende com a amabilidade das palavras de Barnacle e sorri.

— Pra um cara-lisa filho da mãe. — ele completa com uma risadinha.

Já é tarde, a reunião havia se estendido por mais tempo do que David havia presumido (ou talvez os dias aqui fossem mais curtos, tudo parecia possível). O jovem vê que a maioria dos estabelecimentos já estão fechados, com exceção de alguns bares.

— Ei, — chama David timidamente e Barnacle se vira com uma expressão curiosa — você sabe onde a gente poderia descolar um rango?

Barnacle pensa por um instante.

— Acho que eu sei quem pode estar aberto. — ele olha o céu, como se calculasse primitivamente o horário; David não via nenhuma estrela ou ponto familiar o bastante para ajudá-lo com isso — É, ele vai tá aberto sim. He he.

David detecta certa malícia na voz de Barnacle, mas dá de ombros e o segue silenciosamente. Sentia que, de uma forma

estranha e quase indesejada, começava a se acostumar com sua pequena situação em Los Pagliasos.

VI

Algumas quadras depois, ambos se deparam com uma grande vitrine com a palavra *Papas'* escrita em letras rebuscadas. Lá dentro, tudo parece escuro e uma placa na porta claramente indicada que o estabelecimento está fechado. Porém, Barnacle não dá qualquer importância e testa a maçaneta. Um sorriso surge em seu rosto quando percebe que ela está aberta.

— Ora, veja só. — diz ele maliciosamente para si mesmo enquanto entra no lugar e chama David com um aceno da mão.

O jovem não fica entusiasmado com a ideia de uma invasão, porém, tenta se recordar de que fazia parte de uma gangue agora. Uma gangue de palhaços, ele pensa, engolindo seco e entrando no recinto iluminado fracamente pelos resquícios de luz do poste lá fora.

— A gente simplesmente vai entrar? — sussurra David, preocupado.

— Não seja molenga. — Barnacle rosna baixo para ele — Além do que, eu conheço — nesse momento, uma luz, que David presume ser a cozinha, se acende e passos ecoam pelo lugar — o dono.

— Quem está aí? — pergunta uma voz hesitante. Os passos ficam mais altos.

Barnacle põe o dedo indicador sobre o lábio que ainda sorri, silenciando David, e apanha uma cadeira nas mãos. Um palhaço surge no pequeno salão, visivelmente assustado. Sua

aparência lembra ao jovem uma doninha de desenho animado com um nariz preto no rosto pequeno.

— Surpresa, Papas! — Barnacle pula com a cadeira em mãos, como um maníaco.

Papas o vê e tenta correr, porém, Barnacle arremessa a cadeira em suas pernas com a precisão de quem já fizera isso antes.

O palhaço, aparente dono do restaurante, se espatifa no chão com um resmungo.

— Filho da mãe! — Papas começa a se levantar — Se você quebrou a cadeira, você me paga, Barnacle.

Barnacle apenas gargalha, aparentemente orgulhoso de sua entrada triunfal.

— Como vai meu traidor favorito?

Papas se levanta e arruma a cadeira no lugar, todo o tempo olhando Barnacle com fúria contida. David se pergunta qual seria a história ali. Fosse qual fosse, parecia pouco amistosa.

— Cê tá aberto, né? — pergunta Barnacle, beligerante — Se a porta tá aberta, cê tá aberto.

— Não, não estamos abertos. — responde Papas, com sua cara de fuinha raivosa. - Deem o fora daqui.

Barnacle se aproxima e passa um braço pelos ombros de Papas, que se encolhe com o contato como se esperasse outra pancada.

— Ei! — ele cutuca o outro palhaço no peito, como Caolho havia feito com ele pouco há pouco — Se eu sou capaz de te perdoar por aquela caguetagem com os Esguichadores

— ele o cutuca de novo — cê pode fazer um rango pra nós. Certo?

Papas se desvencilha, observando David com alguma curiosidade.

— O tal cara-lisa, é? — ele pergunta se voltando para Barnacle.

— Não, não — ele responde — é a sua mãe. Agora vá pra cozinha e só volte com algo decente, seu desgraçado.

Barnacle se senta e empurra uma cadeira a sua frente para David, indicando-a com os olhos. Papas retorna para a cozinha, derrotado.

— O que o cara fez? — indaga David inseguro, passando a mão nos cabelos que estão começando a ficar oleosos — Nem eu você tratou assim tão... Sei lá.

Barnacle se estica na cadeira e põe as mãos atrás da cabeça.

— Escute aqui, moleque. O Papas não vale nada, já tentou me entregar pros Esguichadores um par de vezes porque gostava de uma garota que eu... Romanceava — ele sorri maliciosamente e levanta as sobrancelhas — se é que você me entende.

David assente, sem saber se deseja mais detalhes.

— Achei que algo pior aconteceria com traidores por aqui — ele pensa um instante — *ao menos nos filmes*... — David faz uma careta.

— He he, o que eu posso dizer? — ele dá de ombros — A pizza desse filho da mãe é imbatível.

O jovem sorri, satisfeito com a resposta. Talvez Barnacle não fosse, afinal, o pior cara do mundo.

Um tempo depois, duas pizzas são trazidas até a mesa. Assim como o café que tomara naquela cidade, a pizza era, sem dúvidas, "uma pizza". Mas tudo a respeito dela parecia uma aproximação, algo feito para se assemelhar ao que ele conhecia, porém, a falta de uma pitada de realidade era notável em cada mordida. O queijo parecia certo, até mesmo em sua textura, mas carecia certa característica láctea que seu cérebro não conseguia explicar. Talvez fosse feito de outra coisa, David pensa enquanto come voraz e silenciosamente, tipo leite de amêndoas. Ele sabia, ao menos, que não havia visto nenhuma vaca desde que chegara. Ou quase nenhum outro bicho, agora que ele pensava a respeito. Ao menos um que não andasse e falasse como uma pessoa.

Três pedaços depois, David se sente plenamente satisfeito e um discreto arroto escapa de sua boca. Ele ri e se surpreende ao ver Barnacle, que comera uma pizza inteira, rindo e, em seguida, soltando um sonoro arroto também.

— Assim que faz, compadre.

A dupla parte do restaurante sem se despedir de Papas que, após trazer a refeição, desapareceu em seu escritório. Tampouco pagaram o que havia sido consumido. David presumia que Papas possuía uma dívida com Barnacle, uma bastante difícil de ser paga. Barnacle, claramente, não se importava de cobrá-la quando lhe fosse interessante.

Quando chegam novamente à casa que David ocupava em sua estadia em Los Pagliasos, Barnacle se dirige para as escadas que levam a seu quarto.

— Vá dormir, moleque, — ele acena com a cabeça — amanhã temos trabalho a fazer.

David se despede e se deita no sofá, encarando novamente o teto. Ele se pergunta que horas são e, antes que perceba, está dormindo profundamente.

Tempestade no Horizonte

I.

David e Barnacle acordam pelo final da manhã do dia seguinte e partem rapidamente para a rua. Quando alcançam o pub onde a primeira "vitória" de David havia sido comemorada alguns dias antes, o jovem vê que três palhaços parecem esperar por eles, conversando entre si. Ao verem os dois de longe, Barnacle acena com a cabeça e eles se aproximam animados.

— Cara-lisa, essa é a Fox, a Nariz Negro com o arremesso de faca mais rápido dessa cidade — uma palhaça da altura de David, vestida com terno e gravata muito similares aos dos demais, o cumprimenta sem muito interesse enquanto cutuca as unhas com uma faca imaginária. Seus cabelos são negros e encaracolados, emoldurando belamente uma face pálida e esperta — e estes são o Magrilo e o Bife, o tipo de gente que você quer do teu lado numa briga — Barnacle aponta dois palhaços, um muito magro e outro consideravelmente acima do peso, e David ao menos presume saber qual é qual.

Eles começam a andar juntos numa direção aparentemente conhecida por todos. Menos por David, que os segue, observando os arredores com interesse, tentando mapear a região ao menos minimamente em sua cabeça. David era bom nisso, afinal, andava muito a pé em sua vida.

— A gente tá indo pro território dos Cuspidores, moleque. — diz Barnacle por cima do ombro, encabeçando o avanço do grupo — A coisa pode ficar esquisita. A gente tem que manter a calma, não precisamos lidar com uma

merda surpresa, falou? — última frase é direcionada para os demais, que concordam.

No caminho, mais ou menos quinze quadras pelo que David contara, Barnacle aponta o território dos Esguichadores, uma região de longas ladeiras e casas altas e pontiagudas. Em outro momento, ele indica a pequena área ocupada pelos chamados Malabaristas, um punhado de palhaços soturnos que observam a passagem dos Narizes Negros de dentro dos seus becos com olhares deixados ainda mais assustadores por pesadas maquiagens pretas e roupas largas esfarrapadas. Todo o tempo jogando objetos para cima e para baixo em um malabarismo constante; alguns daqueles objetos, o jovem constata, eram martelos, garrafas quebradas e facas.

Algumas quadras depois, David avista ao longe o que lhe parece como um amontoado de prédios governamentais soviéticos, padronizados em sua arquitetura utilitária. Aqueles, explica Fox, único membro feminino da gangue com quem falara até então, são ocupados pela gangue dos Uma Roda, palhaços que se comportam como um exército "de quadrados", em suas palavras, liderados pelo Coronel.

— O maior quadrado de todos. — ela conclui com uma fungada.

Eventualmente, eles se veem em um bairro de cores fortes, repleto de janelas coloridas pelas quais música agitada, mas lamuriosa, pode ser ouvida por quase todas as ruas. O lugar lembra a David um bairro predominantemente latino que conhecera brevemente na capital de seu estado de nascença. Os detalhes, contudo, são claramente diferentes, como se o lugar descendesse de uma civilização inexistente em seu mundo natal.

Pouco tempo depois, eles chegam à chamada Rua del Drago, o local onde a cobrança aconteceria. Plantada bem no meio da quadra, no lado oposto da rua de um terreno baldio

salpicado de móveis abandonados, a Tabacaria Fornalha parecia surpreendentemente comum, com um detalhe peculiar, ao menos para David. Em sua logomarca, representada (não surpreendentemente) por uma antiga fornalha cartunesca, parecia haver um esqueleto humano preso dentro de seu infernal interior, olhando para fora com olhos vazios através de incandescentes barras de metal escuro. Um calafrio atravessa a espinha de David.

— O líder dos Cuspidores é o dono. — explica Barnacle, olhando a fachada e seu interior iluminado por um misto de lâmpadas normais e vermelhas. Pela porta, eles podem ouvir uma música de violões rápidos e virtuosos — É obrigação do Calças apresentar o tributo da família deles à família que comanda a cidade. No caso, a gente, moleque. — completa sem tirar os olhos do lugar.

Palhaços Cuspidores começam a se concentrar na área, observando os Narizes Negros em menor número com crescente interesse. Suas roupas parecem quentes ao sol, com padrões e estampas coloridas usadas sobre branco, amarelo ou verde claro. Nos curtos momentos passados em frente à tabacaria, cerca de vinte membros da gangue inimiga aparecem para ocupar cada janela e porta próxima, como predadores notando a presença de uma refeição em sua área de caça.

Os Narizes Negros, com exceção de Barnacle, olham em volta, contendo a preocupação por estarem evidentemente expostos.

— Vamos entrar, Bar. — diz Magrilo, pousando a mão no ombro de Barnacle.

Barnacle claramente liderava o bando. David não tinha dúvidas.

— Vambora. — ele diz finalmente, abrindo a porta com um empurrão para entrar no ambiente abafado e cheirando a fumaça antiga.

Os demais o seguem e se deparam com a tabacaria vazia, o som dos violões saindo de um radinho encostado atrás do balcão a sua frente. Bife se aproxima e bate três vezes no sininho sobre o tampo de madeira. Ele aguarda um instante e bate novamente com impaciência. Neste momento, uma silhueta escura surge pela porta atrás do balcão, dando-lhe um susto.

— Calças Quentes, — diz Barnacle sério — a gente tava achando que você não estava em casa.

O líder dos Cuspidores entra no recinto e David pode ver que ele é muito magro, vestido em calças apertadas vermelhas dobradas até seus tornozelos finos e uma camisa com estampa de chamas dançantes em tons alaranjados e amarelos.

— Bar, — ele dá uma longa tragada em dois cigarros cor-de-rosa presos entre seus dedos simultaneamente, expelindo a fumaça enquanto fala — é bom vê-lo, velho amigo.

Barnacle se aproxima do balcão ao lado de Bife enquanto Fox e Magrilo se posicionam virados para a porta, observando a concentração de Cuspidores curiosos lá fora.

O Nariz Negro aperta a mão longa e seca de Calças Quentes, que parece muito mais velho que todos os presentes. Ao menos em seu mundo, David chutaria sua idade em sessenta anos ou mais, porém, seu corpo parecia forte mesmo em sua magreza, músculos como cordas subindo por seus braços e pernas secos. Seu cabelo é dividido no meio, metade juba espetada laranja-a-cinzentada e metade raspada rente ao crânio, pequenos tufos de cabelo espalhados aqui e ali.

— O que posso fazer por vocês, senhores Narizes Negros? — indaga Calças com uma baforada e um meio sorriso.

— Você sabe por que a gente tá aqui, Calças — responde Barnacle sem mudar sua expressão.

— Bar, — diz Magrilo da porta — têm uma galera lá fora.

Barnacle o ignora e segue encarando Calças, que sorri com os cigarros acesos entre os dentes amarelos.

— Como eu disse, — ele recomeça — você sabe por que a gente tá aqui. — ele bate com o dedo no balcão com um estalo oco — É dia de pagamento, meu velho.

Calças olha por cima do ombro de Barnacle e pousa seus olhos amarelos em David. O jovem sente o peso daquele olhar, mas se mantém firme, devolvendo-o em igual dose.

— O cara-lisa sabe que a gente mandava nessa cidade? — divaga Calças se dirigindo a Barnacle, mas ainda olhando para David — Que aquele cassino era meu? Meu Vulcano... — ele suspira sonhadoramente — Que eu construí ele com o meu suor e sangue?

Lá fora, ao menos trinta Cuspidores já se concentram nas ruas, calçadas e no terreno abandonado próximo, observando o papo atentamente pelas janelas. Aguardando as ordens de seu líder, que conversava agora com seus piores inimigos. A tensão no ar era tamanha que alguns seguravam a respiração sem sequer notar.

— Bom. Talvez o sangue fosse de vocês. — ele dá uma risadinha rouca, fazendo anéis de fumaça perfeitos surgirem dos cantos de sua boca.

— Ei, — diz David, sem nem saber exatamente o porquê, de que parte se seu corpo aquilo vinha — tão falando com você. — ele indica Barnacle com a cabeça — É bom cê responder.

Fox, Magrilo e Bife se viram para David discretamente, incapazes de esconder sua surpresa. Barnacle apenas aproxima seu rosto do de Calças, apoiando as mãos abertas no balcão e propositalmente derrubando o sininho, que cai e rola pelo chão sujo de cinzas.

— Ouviu o garoto? — desafia Barnacle friamente.

Calças encara Barnacle nos olhos por um instante e desvia o rosto com um sorriso resignado.

— Alto e claro. — ele dá uma risada que poderia ser apenas uma tosse — Está tudo em cima.

Ele se abaixa para apanhar algo debaixo do balcão e os Narizes Negros se movem um pouco em resposta, antecipando um possível problema. Porém, Calças ressurge com uma mão aberta no ar, indicando sua intenção pacífica, enquanto a outra levanta uma pesada mala de couro marrom. Ele a coloca sobre o balcão com um baque e a empurra levemente na direção de Barnacle, que apenas observa.

— Tudo aí, se quiserem contar. — ele acende um novo cigarro num dos anteriores que estava prestes a acabar, joga a bituca no chão e pisa nas brasas despreocupadamente — Cê sabe contar, né, Bar?

Barnacle o ignora, abre o zíper e analisa o conteúdo superficialmente com os olhos. Em seguida, o fecha novamente e apanha a mala com a mão esquerda. Sem se despedir, ele dá as costas e vai em direção à porta.

Ao sair novamente para a rua, David olha em direção ao interior da tabacaria brevemente. Calças apenas os observa, um meio sorriso em seu rosto enrugado e ressecado.

— Que que vocês tão olhando, caramba? — ruge Fox com tamanha agressividade que os Cuspidores mais próximos dão pequenos passos para trás.

— O show acabou — conclui Barnacle com a mala em sua mão e uma expressão séria — saiam da nossa frente, seus *jamúques*.

Após um instante de incerteza, os Cuspidores se afastam, retornando para seus afazeres. Irritados, sim, mas não o bastante para comprarem aquela briga. Não agora, ao menos. Os Narizes Negros e David partem na direção de seu território silenciosamente com o tributo em mãos, sãos e salvos. Tão rápido quanto começara, sua primeira cobrança estava acabada.

II

Quando já estão novamente em uma área familiar e segura, ao menos para eles, Barnacle se aproxima de David.

— Gostei de ver, moleque, — diz o líder do pequeno bando — cê mostrou que tem alguma fibra. Continue assim e cê vai se dar bem com a gente.

— Valeu, Bar — responde David um pouco sem jeito — eu nem sei...

— Eu vou levar isso pro escritório. — Barnacle se adianta e os demais o observam — Vocês foram bem. Tirem o dia, comemorem, sei lá... — ele parte em direção ao cassino, sem esperar uma resposta.

Bife e Magrilo partem em direção ao pub imediatamente.

— Eu vou beber até esquecer a cara daquele Cuspidor velho dos infernos. — brada Bife puxando o irmão pelo braço — Vamo?

— Hum, num minuto! — diz David repentinamente — Ei, Fox. Posso trocar uma ideia com você? — os irmãos partem, deixando os dois sozinhos na rua pouco movimentada.

— Diz aí, cara-lisa. — ela replica impaciente.

— Hum, o que rolou hoje, — ele pigarreia e coça a cabeça — bom, eu preciso... Aprender a, sabe...

— Se virar sozinho? — ela parece compreender o que David deseja — Não depender do Bar pra cuidar de você, é?

David fica um pouco encabulado com a escolha de palavras e abaixa os olhos, mas respira fundo e a observa novamente.

— É, é isso aí. — ele faz uma leve careta — Eu nunca fui bom nisso e, bom, têm facas por aí. Talvez eu não possa fazer o que vocês fazem, mas eu posso aprender isso. Acho... — ele acrescenta, incerto — se você me ensinar, claro.

Fox olha para ele de cima a baixo, como se analisasse suas chances. Ele sorri e a encara com uma expressão boba, como um cãozinho torcendo para ser adotado.

— E aí?

— Beleza, cara-lisa — ela anuncia finalmente — eu te ensino. David sorri animado, mas ela levanta um dedo o interrompendo.

— Isso aqui não vai ser fácil e se você me encher o saco eu juro pelo Louco que chuto a sua bunda daqui até a Cidade do Meio — o dedo se aproxima do rosto do jovem ameaçadoramente — tá me ouvindo?

Ele balança a cabeça positivamente, quase vesgo, tentando olhar a ponta do dedo acusatório com esmalte preto fosco que quase toca seu nariz.

— Vem comigo. — ela caminha em direção ao beco atrás do pub dos Narizes Negros. David se detém um instante, pensativo, e ela se vira irritada — Cê vem ou não vem?!

— Tô indo, tô indo. — o jovem acorda e corre atrás ela. Afinal, acabara de perceber que ela era muito bonita.

Por horas a fio, até o sol começar a desaparecer novamente atrás das construções baixas, David treinou o arremesso de facas com uma dedicação poucas vezes vista em sua vida, além da escrita. O componente de sobrevivência tornava a atividade paradoxalmente prazerosa, como se ele pudesse sentir as chances de sair daquela situação inteiro aumentando.

Fox não era uma professora paciente e insultava David com uma enxurrada de palavrões a cada erro. Mas era direta em suas observações e extremamente capaz em suas habilidades, por isso, todo acerto de posição de sua mão, pulso, dedos e giro entravam na mente de David como as próprias facas começavam a entrar na tábua de madeira encostada na parede dos fundos do bar.

— Não gira a merda do pulso, cara-lisa! — ela agarra o pulso de David pela décima vez, fixando-o no lugar com um puxão — Trava esse pulso e deixa a faca deslizar da sua mão.

David arremessa a faca e vê ela se fincar na madeira, apesar de seu ângulo ser menos do que desejável. Acertos começavam a ficar mais frequentes, mesmo que o espaço para melhoria ainda fosse evidente. As sombras tomam o beco e uma lâmpada se acende sobre a saída de funcionários próxima.

— Nossa deixa — diz Fox, se espreguiçando — você devolve as facas pra cozinha e eu vou começar a beber.

David concorda com a cabeça e se põe a juntar as lâminas espalhadas ao seu redor, colocando-as numa pequena bacia de metal, também emprestada da cozinha.

— Pode deixar. — ele se abaixa para apanhar uma faca presa atrás de uma caixa de madeira, fruto de uma tentativa de arremesso inicial, capturando-a entre seus dedos — Ei, Fox.

Ele se vira para agradecer, mas Fox já entrara pela porta e David ouve os palhaços lá dentro a saudando.

— Valeu pela aula. — ele diz para si mesmo, sorrindo.

Após arrumar sua área de treino improvisada, David acompanha os Narizes Negros madrugada adentro. Barnacle eventualmente surge pela porta de entrada, sorrindo confiante por causa dos elogios recebidos do chefe e de seu conselheiro. Não só haviam retornado com os tributos contados até as últimas moedas, como também haviam evitado sabiamente um conflito desnecessário com os Cuspidores da região.

— Calças sabia que a gente ia aparecer — diz Barnacle com sua voz levemente embriagada — ele não é burro, então chamou aquela galera pra colocar pressão, tentar arrancar uma reação da gente.

Ali perto, Fox arremessa uma faca no centro de um alvo preso na parede. Ela uiva em comemoração quando os outros palhaços colocam dinheiro em sua mão, pagando suas apostas.

— O *consilhéri* é um cara esperto, sabe que eu só ando com uma turma reduzida. — ele dá um longo gole em sua cerveja rosada — Se eles mandassem uma galera fazer a cobrança, aquilo teria virado uma briga, escuta o que eu tô falando.

— E a gente sairia de lá sem a grana e com uns rapazes a menos. — Fox se aproxima e pede uma caneca com o indicador — Como o Bar disse, é só a gente se manter frio que tudo vai dar certo. — ela levanta so copo recebido em um brinde.

Barnacle se une a ela e outros palhaços fazem o mesmo.

— Aos Narizes Negros, caramba! — urra Magrilo com sua caneca no ar, ao qual todos respondem com gritos e assovios.

III

David caminha pelas ruas escuras de Los Pagliasos sem um rumo específico. Quando o terreno se torna íngreme, cheio de subidas e descidas, ele sabe que está no território dos Esguichadores que observara de longe mais cedo. Ele dobra uma esquina e se vê diante de uma longa ladeira que parece culminar em um pequeno vale urbano. A placa de metal, presa no topo do poste na esquina, indica se tratar da Rua Giorello Firaud, um nome que nunca tinha ouvido. Lá de cima, ele também percebe que diversas das demais ruas principais que conhecera pareciam eventualmente levar naquela mesma direção.

— Todas as estradas... — ele diz para si mesmo.

David nota que lá no meio há uma construção cinzenta com um domo dourado. A superfície, gasta pelo tempo, parece mais com cobre sujo, mas o jovem sabe que se trata de ouro.

Seus pés o levam naquela direção sem que a mente os comande e logo ele está frente a frente com o lugar, que parece crescer em direção aos céus escuros e sem estrelas à medida que ele se aproxima. De perto, diante de suas portas fechadas, a construção parece um templo sinistro esquecido pelo tempo.

Apenas as luzes fracas dos postes iluminam suas superfícies lisas que parecem se misturar com a noite ao seu redor.

As portas duplas, de aparência pesada e maciça, se abrem sozinhas diante de David que, sem pensar, adentra um recinto amplo que parece ocupar grande parte da estranha construção.

Há uma longa mesa de jantar posta e nela estão sentados quase todos os palhaços que David conhecera até então, e mais alguns que ele jamais havia visto. Em vez de um fino jantar, centenas de doces de todos os tipos cobrem a superfície da mesa, como o aniversário de uma criança insanamente rica e mimada.

Caolho, Barnacle, Fox, os irmãos Bife e Magrilo e diversos outros Narizes Negros estão ali, encarando-o com expressões vazias, assim como Calças Quentes, Botélio e diversos outros palhaços de gangue rivais. Todos sentados pacificamente à mesa, observando David silenciosamente.

Na ponta da mesa, sombras se projetam sobre uma figura longa cujos olhos redondos e brilhantes brilham na escuridão, refletindo as velas espalhadas pelo local. A figura bate palmas e todos começam a comer como animais selvagens, brigando pelos mesmos pedaços de comida com gritos, chiados e pancadas. A figura sorri no escuro.

— Bem-vindo à minha festa. — diz uma voz estridente. A figura ri e sua risada cresce, tornando-se uma gargalhada insana que preenche tudo com ecos ensurdecedores.

David acorda suado no sofá de Barnacle, sua cabeça latejando com uma terrível dor de cabeça. Nem aqui eu tenho descanso, pensa inutilmente ao se sentar.

Barnacle segue roncando alto no segundo andar enquanto David ajeita o sofá, coloca suas roupas e sai para a rua. Ele se recorda que vem usando o mesmo pijama há dias e faz uma nota mental de pedir a Barnacle indicações de uma lavanderia. Estava definitivamente precisando.

O céu está limpo e o sol brilha atipicamente quente, enchendo David de energia e uma ponta de esperança, colocando até mesmo sua dor de cabeça em segundo plano. A cidade estava agitada naquele dia, mas certas coisas pareciam acontecer somente à noite. Los Pagliasos tinha uma cara diurna e outra, muito mais assustadora, para as noites. O jovem não consegue se convencer de que compreende como o lugar realmente funciona, se havia realmente palhaços trabalhando em empregos comuns dentro dos prédios distantes de aparência comercial.

Na realidade, tudo ali parecia quase imaterial, como um videogame muitíssimo imersivo. Apesar dele conseguir claramente ver pessoas vestidas em roupas de trabalho, indo ou voltando de escritórios, padarias e sapatarias, David tinha a distinta sensação de que nada estava sendo necessariamente feito, consertado ou produzido. Será que eu tô na Matrix dos palhaços?, ele pensa com um sorriso bobo.

Após algumas quadras, está novamente no beco atrás do pub Arlequino, favorito dos Narizes Negros. Antes de ir embora, na noite anterior, David tinha pedido permissão para usar o lugar e algumas facas, para seguir seu treinamento.

Fox não estaria lá desta vez, atarefada com seus afazeres na gangue. Porém, David sabia que apenas a prática e novos calos em seus dedos permitiriam que ele aprendesse a distante arte do arremesso das lâminas.

Horas se passam e o rapaz, agora suando e um pouco menos feliz a respeito do sol, começa a acertar cada vez mais vezes. O alvo pretendido raramente é acertado em cheio, mas as facas se prendem à madeira com facilidade crescente. Seu estômago eventualmente começa a reclamar, exigindo uma pausa e um almoço merecido, por isso, ele junta seus equipamentos de treinamento e parte em direção à casa de Barnacle. Não gostava da ideia de ter uma babá, mas não sabia como poderia pagar por suas próprias refeições. Além do que, seus pijamas estavam começando a realmente incomodá-lo.

Ao chegar no sobrado, David sente como se houvessem lido sua mente. Sobre o sofá está um terno de três peças preto, uma gravata da mesma cor e uma camisa social branca. Aos pés do móvel está um par de sapatos igualmente pretos e brilhantes e um par de meias sociais. David olha em volta procurando Barnacle.

— Bar? — ele chama em direção do segundo andar.

Porém, quem aparece pelas escadas não é Barnacle.

— Senhor Sinfield, — diz o conselheiro Flynn com seus óculos redondos e fala fria — como o senhor está?

David se surpreende ao vê-lo.

— *Consilhéri* Flynn, hum, eu estou bem — ele passa a mão pelos cabelos, ajeitando-os — e o senhor? O Barnacle tá em casa?

Flynn desce as escadas e caminha até a frente de David, olhando-o nos olhos por trás das lentes de vidro que refletem a luz das janelas. O jovem percebe que é dois palmos mais alto que o palhaço, porém, sente medo como se ele tivesse a altura do Condutor.

— Barnacle logo retornará. Eu vim deixar algumas coisas pra ele — ele apanha um envelope do bolso interno do paletó e o estica para David — e para o senhor.

David apanha o envelope e olha para as roupas sobre o sofá.

— Sim, outro presente dos Narizes Negros para nosso estimado homem de honra. — ele sorri por um instante e volta a ficar sério — Considere um bônus por trabalho bem-feito. Tenha um bom dia, senhor Sinfield.

O conselheiro parte pela porta e David abre o envelope em suas mãos. Há um maço de notas da colorida moeda local. Não há fotos de presidentes ou figuras históricas, apenas valores escritos em letra corrida de diferentes cores, como caligrafia feita em canetinha. Novamente, David se sentia parte de algo encenado e a sensação lhe dá tontura, obrigando-o a se sentar.

Nesse instante, Barnacle abre a porta e entra no recinto com um sorriso largo.

— E esse terno, huh? — ele aponta para as roupas empolgado — A gente têm estilo, baby! Se você é um de nós, precisa se vestir como um de nós, moleque!

David sorri e mostra o envelope em suas mãos.

— Ainda ganhei uma mesada. — ele olha as notas novamente — Devo alguma coisa pra você? Pela minha estadia até aqui...?

Barnacle dispensa David com um movimento das mãos e caminha em direção as escadas.

— Deixa disso, moleque — ele começa a subir os degraus que levam até seu quarto — fique pronto e logo saímos comer alguma coisa. E não seja nojento, tome um banho antes de colocar as roupas novas, viu?

David assente e se aventura pelo lugar (não havia aberto quaisquer outras portas desde que chegara) até encontrar um banheiro com uma banheira suja e um chuveiro enferrujado.

— Vai servir — ele murmura enquanto tira os pijamas fedidos e os deixa sobre o vaso fechado — vai ter que servir. — diz entre os dentes quando água gelada cai sobre seu corpo com um choque.

Após um banho gelado no mínimo revigorante e uma mudança de roupa necessária, David se olha no espelho do banheiro com um olhar confiante. Não se sentia dessa forma há meses, talvez anos. Porém, a satisfação repentina se vai quando o rosto de sua mãe surge em sua mente. Seus olhos se enchem de lágrimas instantaneamente e ele apoia as mãos sobre a pia, a cabeça pendendo entre os ombros. Ele respira fundo e vê as lágrimas pingando na porcelana branca e escorrendo para o ralo.

— Moleque? — chama Barnacle da sala.

David levanta a cabeça e se olha no espelho novamente. Ele funga, abre a torneira e deixa a água correr por um momento. Então, usando as mãos em concha, lava o rosto rapidamente, água pingando sobre os sapatos pretos novos.

Alguns instantes depois, ele se sente devidamente recomposto.

— Vamos logo, moleque — Barnacle bate impaciente na porta — eu tô com fome!

David sai do banheiro e indica sua roupa com um movimento. Sente-se novamente calmo, focado.

— Que tal? — ele diz orgulhoso — Nada mal, hein?

Barnacle se aproxima e segura David pelos ombros.

— Cê até parece um de nós! — ele pisca e suas mãos dão tapas nos ombros magros do visitante — Nada mal. Agora bora comer!

O palhaço detestava admitir para si mesmo, mas começava a simpatizar com o cara-lisa filho da mãe.

IV

Uma semana se passa e David segue os treinamentos, eventualmente acompanhado por Fox, mas plenamente responsável por seu próprio desenvolvimento. A palhaça agia como uma instrutora distante, corrigindo movimentos e posições de mão e braços apenas quando sua atarefada agenda o permitia. Pelo que ele entendia, Fox era uma espécie de investigadora dos Narizes Negros, averiguando o que acontecia na cidade para evitar que a gangue fosse pega de surpresa.

O jovem não ligava. Na realidade, apesar de apreciar sua companhia — e ter desenvolvido uma certa quedinha pelo seu jeito mandão e seu pequeno rosto emoldurado pelos cabelos negros —, David sentia que evoluía mais pacificamente sem os xingamentos proferidos após cada tentativa onde a faca não encontrava o alvo ou nem sequer se fincava na madeira.

— Você quer acertar o alvo ou não quer?! — berrou Fox numa manhã em que David estava particularmente sonolento e, consequentemente, errar parecia seu modo operacional — Porque se aquilo fosse um Esguichador você já tava mais ensopado que um Uma Roda em dia de poça!

— Ei, você podia me dar um tempo pra cabeça, né, caramba? — protestou David irritado, soltando a faca no chão com um tilintar — O Barnacle quis treinar luta ontem até sei lá que horas! Eu tô morto e todo dolorido, o filho da mãe age como se eu soubesse o que tô fazendo...

Fox deu três passos certeiros e parou logo diante de seu rosto, o nariz preto quase tocando o seu, de pele rosada. David deu um pequeno passo para trás, surpreendido. Poxa, como ela cheira bem, pensou como um idiota.

— Quem pediu minha ajuda foi você, cara-lisa — ela bufou raivosa, fazendo seus cachos negros pularem no ar como

cobras —, você! Se tá querendo morrer... Vai lá e morre, belê? — o dedo de esmalte preto cutucou o peito magro do jovem e então a mão aberta o empurrou para longe.

As costas de David encontraram a parede e ele suspirou profundamente contendo a irritação.

— Tô fora, se você estiver aqui final da tarde a gente continua. — ela jogou o paletó preto sobre os ombros pequenos e foi na direção da saída — E se não estiver, eu vou sacar que cê não aguenta o tranco.

David a observou se afastando com uma careta incrédula.

— Eu não vou estar aqui droga nenhuma. — murmurou para si mesmo. Mesmo assim, lá ele estaria, aguardando ansiosamente.

Neste meio tempo, David também participou inadvertidamente de mais duas brigas contra as gangues rivais. Apesar de rápidas, as lutas, uma contra Cuspidores que havia tomado uma esquina pertencente aos Narizes Negros, e outra contra um grupo de Uma Roda que se recusara a pagar o "tributo", tiveram grande impacto no jovem.

David não conseguia deixar de perceber que a violência explodia em Los Pagliasos como fogo em mato seco. Em um minuto, tudo estava calmo. No instante seguinte, palhaços se lançavam uns sobre os outros, fazendo mímicas de ataques, esguichando ácido de flores estranhas e fazendo malabarismos com facas e armas. Todos pareciam extremamente predispostos a colocarem suas vidas na linha em nome de suas próprias gangues. Ali, o equivalente a suas famílias.

O jovem visitante não apreciava em nada este fato. David era uma pessoa pacífica e, mesmo treinando o arremesso das facas e um pouco de luta corporal com Barnacle, e os colocando em prática (contra sua vontade) durante os combates, sentia

que as coisas ali não estavam certas. Como podia a cidade se desenvolver, evoluir, quando todos lutavam por suas vidas a cada punhado de dias? Não era de se surpreender que estivessem presos nesse "tempo de antigamente" indefinido, ele pensa com algum desgosto. Sua mente estava dividida contra si mesma; por um lado, David adora os Narizes Negros que o receberam tão bem, abrigaram-no e treinaram para que pudesse sobreviver naquele lugar. Porém, não conseguia deixar de pensar que sua vida poderia estar muito diferente naquele momento se, por acaso, houvesse derrubado acidentalmente um deles, em vez do líder Esguichador, em seu primeiro dia ali.

Ele poderia ser um alvo dos palhaços de nariz e roupas pretas, e não seu aliado. A fragilidade de sua condição e sua inevitável rendição ao acaso o deixavam confuso e, às vezes, até mesmo triste. Violência não combinava com David Sinfield, que só desejava escrever em paz. Ainda assim, todos os dias ele treinou com afinco.

Até que, uma semana e duas brigas depois, ele começava a sentir que sabia minimamente o que estava fazendo. Gostasse disso ou não, aquilo viria a calhar nos acontecimentos seguintes.

V

Fox possuía grande autonomia dentro dos Narizes Negros, tendo provado sua coragem, habilidade e lealdade inúmeras vezes desde que chegara ali. Não se lembrava exatamente como ou quando isso havia acontecido, mas também não se importava. Sua vida era a gangue e era apenas com isso que sua cabeça se preocupava.

Nos últimos dias, contudo, parecia pensar também no tal cara-lisa. Contudo, não era o tipo de palhaça que ligava lá muito pra essas coisas. Romance é pras mocinhas dos quadrinhos do jornal, pensava, apagando o rosto sem máscara, nariz colorido, pelos ou escamas de sua mente.

Havia sido um longo dia seguindo alguns Cuspidores suspeitos por aí, mas, no final, Fox não tinha visto nada incriminador.

Apesar de não ser considerada uma líder dentro da gangue, Fox tinha um grupo de palhaças de confiança com as quais investigava os rumores que chegavam até seus ouvidos informados. Conhecia muita gente e palhaços embriagados adoravam contar vantagem para um rostinho bonito. Naquele dia, após dispensar suas companheiras, ela se sentia cansada e irritada consigo mesma por perder um dia inteiro indo atrás de uma pista furada. Afinal, Fox sentia que havia algo no ar, alguma treta grande cozinhando. Porém, a liderança dos Narizes Negros parecia confiante demais em seu controle sobre a cidade para ouvir seus pedidos. O *consilhéri*, principalmente, não parecia nem um pouco disposto a mudar de ideia. Agora ela retornava sem sucesso, tendo de admitir para si mesma que talvez, apenas talvez, estivesse realmente errada.

Admitir isso pro Barnacle vai ser um saco, ela pensa enfiando a chave na fechadura de sua casa, um sobrado parecido com o de Barnacle, mas de tamanho menor. Moraria num daqueles quando tivesse seus próprios soldados, quando fosse uma líder. Ela mal podia esperar.

Ao abrir a porta, algo passa rapidamente atrás de suas costas, na rua escura e aparentemente vazia. Ela se vira, posicionando as mãos como se houvessem facas de arremesso entre elas. Sua "mímica de batalha", como David tinha definido.

— Quem tá aí? — ela pergunta e ouve apenas o eco de sua voz em resposta — Se isso for alguma brincadeira, eu juro...

Duas figuras passam zunindo pela rua, escondendo-se nas sombras projetadas pela iluminação amarela dos postes. Ela conhece aquele som.

— Melhor aparecer antes que eu... — uma mão surge de dentro de sua própria casa escura, tapando sua boca e nariz com um pano molhado.

Ela se debate, tentando acertar seu atacante com uma das lâminas invisíveis em sua mão, porém, seus braços ficam pesados, suas pernas cedem traiçoeiramente e ela se sente apanhada no ar antes que desabe no chão.

— Maldit... — a palavra escorre de sua boca no momento em que a consciência a deixa.

O barulho de rodas se afasta pela rua. A porta da casa vazia permanece aberta até o amanhecer.

VI

A tarde está chuvosa, uma cortina de água varrendo a cidade desde que o dia começara. Da jukebox do pub Arlequim surge um blues lamurioso dando o tom certo para o estado de espírito do local. Os Narizes Negros estão reunidos ali com um propósito, sentados nas cadeiras do bar aguardando que alguém em posição de liderança se pronunciasse. Caolho não estava lá e a reunião não era sequer oficial, por isso, ninguém sabia quem deveria tomar o bastão de conduzir o encontro.

A música lembra David dos discos que a mãe colocava para tocar no apartamento onde crescera. David costumava dançar com seus pés sobre os dela, era apenas um garotinho. Estranho, ele pensa, não consigo me lembrar do nome da cantora, ou em que ano isso aconteceu.

— Chore um rio de lágrimas por mim... — dizia a canção e é tudo que ele se recorda.

Barnacle se levanta e caminha até o balcão do bar, onde bate com a mão aberta para chamar a atenção de todos os presentes.

— Cês sabem porque a gente tá aqui, né? — pergunta Barnacle olhando para os trinta ou quarenta Narizes Negros presentes — Bem, alguns de nós sumiram por aí.

David, que não sabia o motivo da reunião e não havia visto Barnacle durante todo o dia, surpreende-se. Muitos dos demais também não pareciam estar completamente a par da situação, apenas sabiam que havia algo muito errado acontecendo na cidade.

— Bocagenor, Pitolosseu, Squéli — o palhaço respira fundo — e Fox, nenhum deles apareceu em casa desde ontem. A gente tem que presumir que alguma coisa ruim aconteceu.

David engole em seco ao ouvir o último nome. Barnacle lhe lança um olhar que diz "eu sei, moleque" e o jovem se encolhe na cadeira, pensativo. Diversos palhaços começam a falar ao mesmo tempo, levantando-se de suas cadeiras raivosos, propondo diferentes abordagens e reações, até que Barnacle novamente bate com a palma da mão sobre o balcão liso, provocando um som alto o bastante para silenciar o recinto todo de uma vez.

— A gente precisa fazer alguma coisa, com isso todo mundo concorda — ele apazigua os demais, balançando as mãos no ar — mas a gente precisa ser inteligente sobre o que fazer, caramba! Não adianta sair por aí como um bando de jamúques sem plano!

Novamente, todos falam ao mesmo tempo, dividindo o salão em uma dezena de pequenas discussões paralelas e infrutíferas.

— Não adianta sair por aí como um bando de jamúques sem plano! — insiste Barnacle, tentando silenciar os demais em vão.

David sente sua cabeça latejar uma única e cruel vez, anunciando uma possível enxaqueca. As notícias sobre Fox e os demais, e agora esses malditos palhaços berrando como crianças, pareciam uma broca quente em sua cabeça. De supetão, ele se levanta.

— Calem a boca e deixem o Barnacle falar! — comanda o jovem com autoridade na voz por cima dos demais. Todos ficam quietos de imediato e ele se senta novamente, respirando fundo e massageando suas têmporas.

Barnacle o observa surpreso por um instante e prossegue.

— Como eu estava falando — ele pigarreia e levanta a voz novamente — cada um foi levado de uma parte diferente do nosso território. Pelo jeito, todos estavam sozinhos, isso não pode ser coincidência. Alguém tá planejando contra a gente e...

O palhaço se perde em suas palavras e se interrompe, hipnotizado pelo que vê do lado de fora das grandes janelas do bar. Os demais, que estão de costas para as mesmas, se viram nos lugares e se levantam curiosos. Na rua em frente ao Arlequim, dezenas de palhaços usando roupas com cores quentes começam a se concentrar. Cuspidores, David pensa. O que estão fazendo aqui? Em meio à eles, os Narizes Negros também percebem palhaços com roupas militares quase padronizadas, com variações clássicas de diferentes postos hierárquicos, como quepes e condecorações. No lugar de pernas, estes palhaços possuem monociclos como a continuação aparentemente natural de suas cinturas, rolando sobre rodas únicas em movimentos precisos. David, a essa altura, já sabe se tratar dos Uma Roda.

Barnacle atravessa o salão e vai até a porta com um xingamento para si mesmo. Assim que ele sai do bar, muitos dos demais o seguem, posicionando-se ao seu redor debaixo da chuva, agora reduzida a uma garoa incessante.

As duas gangues rivais presentes abrem caminho para Calças Quentes e um palhaço Uma Roda com roupas de general cinza escuras e diversas condecorações coloridas em seu peito. Seus cabelos são prateados, assim como seu farto bigode retorcido e parecem combinar perfeitamente com o monóculo usado no olho direito.

— Calças — diz Barnacle com ranço na voz — e o Coronel. Eu não esperava isso do senhor, sabia?

O Coronel, líder dos Uma Roda, ajeita o monóculo com a mão e lhe devolve uma expressão muito séria.

— Barnacle dos Narizes Negros — sua voz é controlada e grave — tempos estranhos exigem medidas estranhas.

— Vocês já terminaram? — pergunta Calças Quentes com um sorriso e uma baforada dos três cigarros que fuma simultaneamente.

O Coronel olha para ele irritado, mas nada diz.

— A gente veio trazendo presentes, Bar. — Calças estala os dedos e quatro Narizes Negros são trazidos para frente da multidão de palhaços em roupas chamativas e uniformes militares.

David prende a respiração ao ver Fox sendo colocada de joelhos entre os Narizes Negros e seus rivais, que sorriem sabendo que possuem total controle sobre a situação. Fox e os três outros desaparecidos estão bastante machucados, porém,

vivos. Isto era algo a ser comemorado naquele lugar brutal, o jovem pensa preocupado.

Fox, como David esperaria, não parece assustada, mas sim furiosa. Ela encara seus captores com ódio, sua boca presa com um pano mostrando os dentes ameaçadoramente. Para o jovem, Fox parecia mais uma fera capturada do que uma donzela em apuros.

David também nota que há alguns poucos Esguichadores presentes, porém, não constata a presença de um líder. Apesar de não conhecer Matraquisto, irmão do falecido Botélio, David estranha que ele não estivesse à frente das tropas, como os demais líderes desafiantes.

— Avise o chefe Caolho. — sussurra Barnacle por cima do ombro para um palhaço de cabelos alaranjados, que assente e sai discretamente. Ele respira fundo e volta a se dirigir a Calças e ao Coronel — É bom vocês devolverem os nossos, seus desgraçados — seu tom é surpreendentemente calmo — ou a gente vai limpar o chão com a cara de vocês.

Calças dá uma gargalhada e muitos Cuspidores fazem o mesmo, zombando de Barnacle e dos poucos Narizes Negros ali presentes. O Coronel apenas os observa, assim como os demais Uma Roda, que seguem o exemplo de seu líder com disciplina militar.

— Vamos logo com isso, Calças. — rosna o Coronel baixinho.

— Certo, certo. — diz Calças ainda com uma risada — Eles são nossos, Barnacle — ele brada para todos ouvirem e o encara ao longe por um instante — nossos. Ouviram?!

Os Narizes Negros capturados são levados para o meio da multidão novamente, arrastados por seus colarinhos. Fox vê David em meio aos palhaços antes de seu rosto ser coberto por

um pano e o mundo voltar para a escuridão. O jovem sente seu coração pulsando em sua boca.

— Nós desafiamos os Narizes Negros pela liderança da cidade — diz Calças com orgulho na voz rouca e seca.

O Coronel pigarreia.

— Certo, certo, certo. — Calças vira os olhos — Como manda a tradição. — ele limpa a garganta e apaga um cigarro com a sola de seu sapato vermelho brilhante — As famílias dos Cuspidores de Fogo e dos Uma Roda desafiam os Narizes Negros para a Grande Briga! O prêmio... será a liderança de Los Pagliasos! — ele brada a plenos pulmões, sua voz reverberando pela rua cheia. Ele olha para o Coronel e sussurra — Feliz?

Os Cuspidores se viram para o céu e labaredas de fogo enormes se projetam de suas bocas, esquentando o ar do lugar de um segundo para o outro. Uma enorme bola flamejante paira sobre as cabeças dos Narizes Negros acuados. O Coronel apenas concorda com a cabeça e encara os inimigos seriamente.

— O desafio está feito, senhores. — conclui o líder dos Uma Roda antes de se virar e partir com suas tropas na direção de seu território.

— Uma Rodas, retornar ao quartel! — ordena o segundo em comando.

A rua começa a se esvaziar, porém, dezenas de Cuspidores ainda permanecem. Eles aguardam ansiosamente uma reação dos Narizes Negros, mas estes mal se movem, temendo pela segurança de seus companheiros capturados. David agradece mentalmente por haver autocontrole o bastante ali ao menos para isso.

— É assim então, Calças? — diz Barnacle — Vocês querem a cidade de volta? Pois venham pegar, seus filhos da mãe! Devolvam nossos irmãos e a gente resolve isso quando vocês quiserem! Do jeito honrado!

Barnacle parece cada vez mais exasperado. A condição de líder substituto e porta-voz de toda a gangue não lhe era confortável.

— A gente não tem que fazer nada, Bar, meu velho — diz Calças já se virando de costas e partindo — a gente vai ficar com eles como garantia até a briga, falou?

Calças dá as costas para o pub dos Narizes Negros e vai em direção ao seu pedaço da cidade. Os Cuspidores encaram os Narizes Negros por um instante e então o seguem.

— Quando e aonde, seu desgraçado?! — grita Barnacle.

— Uma semana, Barnacle. Aqui, no Arlequim — diz Calças sem se virar, levantando uma das mãos em um aceno de adeus — avise o Caolho. Avise o *consilhéri*, avise todo mundo! A gente vai botar pra ferver nessa cidade! — ele gargalha roucamente enquanto desaparece numa esquina próxima, junto de seus seguidores e dos Narizes Negros capturados.

David e os companheiros ficam parados em frente ao bar, absortos nos próprios pensamentos. É Barnacle que finalmente expressa o que todos sentem.

— Que bela merda. — ele diz para si mesmo balançando a cabeça negativamente e entrando pelas portas do pub.

A guerra estava chegando à Los Pagliasos.

Para Bellum

I

Algumas horas depois, os Narizes Negros estão todos reunidos na grande sala do cassino; o local onde as verdadeiras reuniões da gangue aconteciam. Caolho e Flynn iniciaram a conversa pedindo que aqueles presentes durante o desafio descrevessem os acontecimentos da forma mais detalhada possível.

— Ele disse desta forma? "As famílias dos Cuspidores de Fogo" etc, etc? — pergunta Flynn sem levantar os olhos de sua caderneta, anotando palavra atrás de palavra.

— A-acho que sim, conselheiro. — responde um palhaço.

— Foi sim. — diz Barnacle de forma atipicamente incisiva. Naquela noite, ele falou pouco.

Flynn e Caolho trocavam palavras entre si em determinados momentos, parecendo debater seus próximos questionamentos e conclusões, como uma dupla de advogados em um importante julgamento. David não sabia o sentido daquilo tudo, mas suspeitava que certas tradições em Los Pagliasos precisavam ser levadas à letra. Naquele caso, os Narizes Negros haviam sido convocados "oficialmente" para um combate no qual estariam provavelmente em menores números.

— Isso não é nada bom. — David compreende Caolho sussurrar para o conselheiro em um tom alarmado, paradoxal com sua expressão calma — A gente tá é ferrado.

Durante a reunião, também ficou claro para David que o termo "honra" possuía um sentido flexível naquele contexto. Afinal, era evidente que a semana até o combate propriamente dito seria permeada por tentativas de enfraquecimento de todos

os lados, com emboscadas e ataques preventivos parecendo no mínimo inevitáveis. A semana que se seguiria não seria só se preparação, seria uma guerra em si, com todos trapaceando em nome de suas chances.

Nem mesmo os inimigos pareciam um front de batalha tão unido, no que dizia respeito a próxima semana.

— O Coronel e o Calças também se odeiam — aponta Caolho — e eles sabem que, no fim, só um vai mandar na cidade. A gente precisa ficar de olho em oportunidades.

Lealdades no pré-guerra pareciam fadadas ao esquecimento. David fizera uma nota mental disso. O próprio sequestro, realizado antes do desafio, parecia a ele algo covarde e mau caráter. Mas ele não podia negar a eficiência de se ter a garantia de que os Narizes Negros tinham suas mãos amarradas, ao menos até que resgatassem seus companheiros ou os aceitassem como perdidos.

Ao menos a princípio, a gangue não parece disposta a sacrificar a vida dos capturados e David novamente agradece pelo nível de civilidade mínimo encontrado na cidade dos palhaços. Não tinha certeza de que todas as gangues se portariam daquela forma, porém, como dizia Barnacle, ele só precisava saber dos Narizes Negros. Porém, não via consenso sobre um plano de ação.

David considera os Esguichadores que vira em meio à multidão. Eles pareciam em números muito menores e pouco centralizados.

— Eu vi Esguichadores, alguém viu o Matraquisto lá? — pergunta David, mas sua voz não se faz notar entre todas as outras — Alguém viu... Deixa pra lá. — conclui para si mesmo.

David pensa em fazer sua pergunta em dois outros momentos, mas não encontra nada da força que o fizera se exaltar

mais cedo no bar. Ele considera que simplesmente não sabe o bastante sobre o local para tirar grandes conclusões e a imagem de Fox ferida parece impressa em sua retina. Eu devo estar viajando, pensa resignado.

— Ei, onde o Matraquisto fica? — ele sussurra para Barnacle, que está afundado na cadeira.

— Ah, — ele se vira para David, como se sua mente retornasse de outro lugar — na floricultura.

A ideia ainda está em sua cabeça quando ele vai se deitar, horas depois. Ali, deitado no sofá ouvindo os roncos abafados de Barnacle no andar de cima, David decide que precisa dar uma caminhada na manhã seguinte. Algum tempo depois, finalmente, ele adormece com o rosto de Fox em sua mente.

II

O dia seguinte amanhece e David pula do sofá assim que seus olhos se abrem. Ele veste as roupas com as quais chegou ali, os pijamas, que ao menos foram lavados. Concluíra que chamaria menos atenção em seu pequeno plano se estivesse sem as roupas características dos Narizes Negros. Não que a cidade toda já não soubesse que a gangue tinha um cara-lisa visitante, e ele era o único cara-lisa que vira até então, mas também sabia que sua ideia já era perigosa o bastante para dar muita chance ao azar.

Barnacle ainda está dormindo quando o jovem sai pela porta, sendo recebido por um dia tipicamente nublado, o sol apenas uma mancha clara atrás do tapete de nuvens cinzentas que cobre a cidade. Ele não possui todas as ruas mapeadas em sua mente, ao menos não ainda, mas tem certeza de que conseguirá chegar até seu destino. Uma certa floricultura que

poderia conter as respostas para os problemas dos Narizes Negros naquele momento de guerra.

Ele caminha quadras que o levam até uma região de longas ladeiras que sobem e descem, ladeadas por casas de aparência imponente, mansões de madeira e pedra com telhados em pontas que se elevavam no céu. No topo de todas elas, aparatos de metal giram com o vento nos mais diversos formatos; pássaros, cães, palhaços de bicicleta e infindáveis outros modelos que se movem ao sabor da brisa quase constante do lugar. David sabia que os Esguichadores, como todas as gangues ali, eram muito territorialistas e sua presença fora notada rapidamente, fato comprovado pelos olhares curiosos que surgiam das janelas altas e belas.

As ruas pelas quais passa têm nomes dos quais o jovem nunca tinha ouvido falar, como a Plava Soluninum, a Keo Lelly e a Pielardo Abolin. Heróis locais?, ele se pergunta observando as placas passarem a cada esquina avançada. Ainda mais curioso é um detalhe que David não vira em nenhuma outra área da cidade. Apesar de ser o local mais arborizado que vira até então, o jovem nota que todas as plantas têm uma aparência extremamente artificial. Apesar de estarem todas plantadas em vasos com terra ou no próprio solo entre as calçadas, David poderia jurar que nada ali estava realmente vivo. Ele se abaixa e observa que até mesmo as ervas daninhas debaixo de seus sapatos pareciam plásticas e falsas.

Ao virar uma esquina uma quadra depois, David sente um arrepio em sua nuca. A rua a sua frente desce longamente até um pequeno vale onde diversas outras ruas também parecem desembocar, como uma praça ou pequeno parque. Em seu centro, exatamente entre todas as ruas, o jovem vê (não pela primeira vez nos últimos tempos) algo vindo diretamente de seus sonhos; uma construção escura e angular com um grande domo dourado. Sua mente deseja instantaneamente se aproximar, atiçada pela curiosidade, porém, outra voz em sua cabeça pede com todas as forças que ele se mantenha longe. Não queria encontrar o

que quer que estivesse lá dentro, não estava preparado. Mas preparado para quê?

Ele dá meia-volta e decide tomar outro caminho. Aquilo teria de ficar para outro momento, decide rapidamente e com uma pitada de covardia, forçando a ideia para um canto silencioso de seu cérebro.

Pouco tempo depois, ele encontra uma pequena rua central que parece funcionar como um centro comercial quase exclusivamente dos Esguichadores, repleto de lojas de roupas em seus tons favoritos, luvas brancas e chapéus sob medida, restaurantes finos e, finalmente, uma floricultura chamada "Matraquisto Flores". Era evidente que a antiga placa costumava dizer "Botélio & Matraquisto Flores" e, apesar do primeiro nome ter sido retirado recentemente, ainda permanecia ali um fantasma marcado pelo tempo. David respira fundo, contendo o tremor que sente nas mãos e pernas. Ele havia matado o irmão daquele palhaço acidentalmente, como teria coragem de aparecer ali dessa forma?

Ele considera desistir de seu plano e dá um passo hesitante na direção pela qual viera. Porém, do outro lado da rua, três enormes Esguichadores já o observam descaradamente, conversando entre si e apontando. Os três usam ternos em tons de marrom e, presos nas laterais de seus chapéus, David vê pequenas casas de passarinhos. Não havia conhecido muitos Esguichadores, mas nunca tinha visto um com aquele curioso adereço, cujas chaminés, ele percebe com dificuldade de acreditar em seus olhos, estão soltando fumaça. Os três brutamontes começam a atravessar a rua, indo em direção ao jovem que se vê preso entre o possível confronto e a porta da floricultura. Ele se vira, disfarçando por um instante, inspira profundamente e opta pelo perigo menos imediato; para dentro da floricultura ele ia.

O local tem um ar ameno e refrescante, como se David houvesse entrado em uma casa climatizada pelos esforços conjuntos de ar condicionado de ponta e um umidificador digno de nota. Ele solta os pulmões, presos pelo nervosismo do possível

encontro com os três palhaços de aparência ameaçadora, e os enche novamente. O ar parece ter sido retirado da mais limpa montanha de todo o mundo, cristalino.

O trio lá fora observa David pela vitrine por um instante, dizem algo entre si, e partem rua abaixo.

Ele olha em volta e se vê em um local de muito bom gosto, com um balcão roxo de aparência convidativa e cerquinhas brancas de madeira ladeando os mostruários de plantas de todos os tipos, mas, principalmente, flores. Como a vegetação das ruas, tudo ali também parecia de mentira, sem vida. David se aproxima de uma flor, observando suas pétalas brancas cartunescas e exageradas com grande interesse. Seu centro, do qual surgem as pétalas, é de um amarelo muito intenso, parecido com o utilizado em patinhos de borracha. O jovem tenta sentir algum odor, aproximando seu nariz, mas apenas detecta uma certa acidez azeda no ar ao redor da flor. Ele aproxima a mão, tentado a tocar a superfície amarela com textura de bolotinhas.

— Eu não faria isso se fosse você. — diz uma voz vinda de suas costas e David se vira com um pulo — Elas não o conhecem.

Um palhaço de cabelos roxos se aproxima segurando o que David julga ser uma tira de goma de mascar entre os dedos. A tirinha rosa, contudo, está se debatendo como um peixe fora d'água, segurado com cuidado pelos dedos brancos de seu captor.

— Minhas meninas amam um bom peixe-chiclete para o café da manhã. — o palhaço explica, como se aquilo fizesse qualquer sentido para seu interlocutor, enquanto se aproxima da flor.

Ele não tira os olhos do jovem quando sua mão se aproxima da planta de aparência falsa, oferecendo o peixe-chiclete com o carinho de uma mamãe passarinho alimentando seus bebês. A flor, assim como um pássaro recém nascido faminto,

avança e fecha as pétalas rapidamente ao redor da presa, que solta um barulho desagradavelmente parecido com um gritinho fino e começa a derreter.

David vê que um filete de ácido escorre do espaço entre as pétalas predatórias, caindo na terra ao redor com um chiado. Ele olha os próprios dedos, procurando algum resquício do líquido, e inconscientemente enfia as mãos nos bolsos. O palhaço que o observa tem cabelos da mesma cor do balcão, repartidos para o lado e penteados para cima, lhe conferindo uma imagem ao mesmo tempo aristocrática e insana. Seus bigodes finos e bem aparados se levantam como duas lagartas quando um sorriso inteligente surge na boca anormalmente longa.

— Siga-me, senhor Sinfield — ele diz abrindo o acesso do balcão e chamando David para se aproximar com um movimento de mão — eu esperava a sua visita.

David arqueia as sobrancelhas, tentando recalcular sua abordagem o mais rápido que pode. Sabia que era tarde para simplesmente voltar atrás. Estava fundo em território inimigo e, pior, no lar de um dos líderes rivais. Suas pernas jamais correriam rápido o bastante para fugir de todas as flores ácidas e tortas pontiagudas (assim como seus portadores) concentradas na região. David tem uma expressão que diz "fazer o quê?" em seu rosto enquanto se aproxima e segue Matraquisto balcão adentro. Ambos passam por uma pequena sala, acessada pela porta atrás do grande móvel roxo, onde alguns Esguichadores sentados leem o jornal — o palhaço os chama de queridos, mas nenhum deles parece muito querido para David — e finalmente alcançam um recinto que pega o jovem de surpresa: uma belíssima e espaçosa estufa.

Como uma versão em miniatura do vagão-floresta, nas entranhas do Expresso Coelho Branco, a estufa de Matraquisto possui altas árvores e incontáveis, e potencialmente terríveis,

flores de todas as cores e formatos. Matraquisto apanha um borrifador e cuida de suas plantas com ternura, ignorando David.

— Quem são as minhas princesas? — diz Matraquisto para as flores e David nota surpreso que elas se inclinam em sua direção, respondendo a voz do cuidador — Liliaceae Sputaris, popularmente chamada de Sputare. Muitíssimo sensíveis. É necessário mais do que cuidar delas, é preciso nutri-las. Permitir que elas confiem em você, para que você possa confiar nelas.

O palhaço parece absorto em pensamentos e David limpa a garganta após alguns instantes de silêncio.

— Certo, senhor Sinfield — diz Matraquisto sem olhar para ele, podando folhas ressecada de uma de suas amadas plantas de mentira vivas — você finalmente veio.

Matraquisto repousa as ferramentas de jardinagem com cuidado sobre uma toalha dobrada com seu nome bordado em dourado e se vira para David, encarando-o com olhos frios e profundos. Ele indica uma cadeira com as mãos e puxa outra para si, sentando e cruzando as pernas em seguida.

— Como você sabia que eu viria? — pergunta David, tentando se manter o mais confiante que consegue. Ele aperta as mãos dentro dos bolsos, torcendo para que a tremedeira não seja notável — Eu mesmo não sabia que eu vinha...

Matraquisto sorri arrogantemente e dá de ombros.

— Chame de intuição! — ele dá uma risada curta — Você precisa de algo, estou certo?

Os Narizes Negros precisam de algo.

David não afasta o olhar ou demonstra qualquer reação. Desconfortável, ele cruza as mãos sobre o colo.

— Eu tô aqui falando por mim. E eu acho que eu te fiz um favor... É Matraquisto que parece surpreso dessa vez.

— Um favor? — ele pergunta calmamente.

— Nós... — ele se corrige — "Eu" tirei o seu irmão da jogada. Dizem por aí que era isso que você sempre quis — David dá de ombros — por que não aproveitar a mudança de gerência pra se aliar a quem manda na cidade?

Matraquisto apanha um cigarro cor-de-rosa de dentro do maço em seu bolso e o acende com um fósforo de papel em um movimento rápido. Ele traga a fumaça doce e parece pensar por um instante.

— Você tem coragem, cara-lisa. Eu lhe dou isso. Vindo aqui assim, sozinho. — David pode ouvir palhaços trabalhando nos recintos próximos. Matraquisto tinha um pequeno exército pronto para protegê-lo — Mas, já que tocamos no assunto... Quem você acha que garantiu que os garotos do meu falecido irmão fugiriam antes do fim da briga? — ele sorri largamente — Quem garantiu que os Narizes Negros, ou melhor, você, tivesse essa chance de ouro?

David franze o cenho, compreendendo.

— Você... Você fez todo mundo largar seu irmão lá sozinho — as peças se encaixam em sua mente — e eu só estava lá pra fazer o trabalho sujo.

Matraquisto bate palmas.

— Que performance, meu garoto — ele sorri com os dentes a mostra, dentes demais para uma boca só, como um tubarão — que performance.

O jovem se apoia com os cotovelos sobre os joelhos, pensativo.

— Mais um motivo pra você se aliar a nós — diz finalmente, como um vendedor se recuperando de um baque durante a execução do velho roteiro de venda — apoiar quem colocou você no poder sem nem ter que sujar as mãos.

O líder dos Esguichadores balança a cabeça negativamente, ignorando David e guiando a conversa para onde deseja.

— Dizem por aí que os ratos estão aliados a vocês. — diz Matraquisto com certo nojo.

David o observa sem entender.

— Os Malabaristas, cara-lisa. A corja dessa bela cidade. — ele completa, professoral.

— Eles não produzem nada de valia nem negociam como cavalheiros, a área deles é um completo desperdício de preciosa zona urbana. Por isso, não me agrada em nada tomar parte na luta desta gentalha...

David desconhece qualquer conexão entre os Narizes Negros e os Malabaristas. Porém, resolve não revelar sua ignorância a respeito, por isso, interrompe Matraquisto.

— Você é aliado do Calças e do Coronel? — pergunta com um olhar inquisitivo — Porque eu vi Esguichadores ontem no desafio. Mas nenhum líder Esguichador pra nos desafiar — agora quem sorri com malícia é David.

Matraquisto apaga o cigarro com desgosto num cinzeiro próximo. Ele dá de ombros, mas está visivelmente incomodado.

— Eu acho que você tem problemas internos, Matraquisto. — diz David de maneira provocativamente impertinente — Palhaços que ainda eram fiéis ao Botélio e não gostaram nada dessa mudança repentina.

— Desgarrados — o palhaço dá uma risada curta e forçada — quem pode evitar?

— Você pode evitar — retruca David enfaticamente — colocar todo mundo na linha. Apanhar seus inimigos, de dentro e de fora, numa cartada só. Nós somos essa chance.

O jovem quase consegue ver a ideia penetrando os pensamentos de Matraquisto, derrubando barreiras uma a uma. De repente, como se percebesse algo súbito e agradável, o palhaço de cabelos roxos e olhar afiado sorri novamente.

— Acho que eu tenho uma ideia melhor... — seu sorriso de tubarão se alarga ao ver a crescente preocupação no rosto do cara-lisa enxerido à frente.

III

Quando David retorna à casa de Barnacle, seu rosto está inchado e seus lábios sangram. Ele torce para, ao menos, não ter perdido um dente. Os Esguichadores não foram nada gentis com ele em sua saída do bairro repleto de ladeiras e David carregava as marcas da interação violenta por todo seu rosto. Nunca havia entrado em uma briga de verdade durante sua infância ou adolescência — na realidade, nunca havia levado um soco de verdade até conhecer Barnacle.

Contudo, depois de seu tempo em Los Pagliasos, David carregava os machucados com graça invejável, até mesmo uma

ponta de orgulho. Afinal, não havia chorado, implorado ou feito qualquer coisa da qual se envergonhasse. Tinha apanhado, sim, mas com a dignidade relativamente intacta.

— Cacete, o que aconteceu contigo, moleque? — exclama Barnacle, que está sentado no sofá, pensativo, quando David entra pela porta.

Ele se levanta e anda até o cara-lisa visitante, examinando seu rosto com uma careta. Ele leva a mão até um ferimento roxo amarelado na testa de David e o toca com o dedo indicador.

— Ei, não encosta, pô! — exclama o jovem se desvencilhando e indo em direção ao banheiro — esses dedos sujos no meu machucado. — resmunga para si mesmo enquanto abre a torneira e lava o rosto com as mãos.

Barnacle se aproxima e se apoia no batente da porta do banheiro, observando curioso com os braços cruzados.

— Quem te deu uma coça, moleque? — ele resmunga — A gente não pode deixar nossos membros, nem os visitantes, apanharem por aí assim. Fica feio pra gangue toda!

David pega uma toalha preta próxima e limpa seus machucados com água, fazendo caretas ao encostar em áreas particularmente sensíveis. Não parecia haver nada quebrado e, sim, seus dentes estavam todos lá.

— Eu fiz besteira. — ele diz baixo, quase para si mesmo.

— Que que cê fez, cara-lisa? — insiste Barnacle.

— Eu fui até os Esguichadores. — David responde um pouco envergonhado.

Ele sai do banheiro, vai até a geladeira e apanha uma cerveja cor-de-rosa gelada sem dizer nada. Barnacle considera repreendê-lo, a cerveja era dele, afinal, mas desiste. Primeiro, ele leva a garrafa até o rosto, contraindo os músculos com o choque do vidro frio contra a pele machucada e quente. Em seguida, David a abre e toma um longo gole enquanto Barnacle apenas o observa.

— Então, caramba? — rosna o palhaço entre os dentes.

— Eu achei que o Matraquisto falaria comigo, que talvez ele sentisse que me devesse algo, sei lá, por ter tirado o irmão dele do caminho. — ele toma mais um gole.

— Deixa eu adivinhar, eles que te deram essa surra em troca? Cê tem titica na cabeça, moleque! — Barnacle apanha seu chapéu. — A gente precisa fazer algo, botar eles no lugar...

O palhaço caminha na direção da porta, mas David o impede calmamente.

— Eu que fiz besteira — ele balança a cabeça com um sorriso tristonho — não vai adiantar nada. O Matraquisto já tá com o Calças. Ele mesmo me disse antes disso rolar... — ele aponta para o próprio rosto — é como você disse, a gente precisa ficar frio e não perder mais gente antes da Grande Briga.

Barnacle dá uma bufada e considera sair novamente, mas desiste e joga o chapéu sobre a mesa frustrado.

— Eu odeio ter razão nessas horas, moleque — ele se senta no sofá — odeio.

David se senta do seu lado, ainda segurando a garrafa suada contra o rosto.

— Novidades por aqui? — ele diz, tentando quebrar a tensão.

Barnacle suspira.

— Melhor do que nada, os Malabaristas tão com a gente no dia da briga. — o palhaço diz sem ânimo ou notar a falta de surpresa de David — A gente devia tá feliz, claro, mas eles são muito poucos. São ferozes e aquelas caras sinistras botam medo na maioria, mas não são o bastante.

Barnacle se levanta e se espreguiça longamente. Estava abatido e desanimado como David jamais o vira. Parecia até mesmo mais velho; normalmente, chutaria que Barnacle tinha cerca de trinta, talvez quarenta anos aparentes. Hoje, ele parecia beirar os sessenta, com olheiras fundas e linhas de expressão marcadas em seu rosto totalmente branco, com exceção do nariz e da íris.

— Preciso dar um pulo no cassino — o palhaço vê que David quer protestar, mas se adianta — e não, eu não vou dizer nada sobre a sua cagada. Fica tranquilo. — ele apanha o chapéu e o coloca sobre a cabeça despretensiosamente.

David suspira e assente.

— Te encontro no bar mais tarde? — ele sugere.

— Certeza, moleque. — Barnacle sorri levemente e sai pela porta, acenando por cima do ombro.

David inspira longamente, prende o ar por um instante, e então o solta. Sua mente tenta levá-lo a se preocupar com Fox, mas ele sabe que não há nada que possa fazer agora. As coisas já estavam em movimento, não seria bom para ninguém sair agindo feito um idiota. Ele observa a garrafa em suas mãos e dá um gole curto. A bebida parece uma mistura de refrige-

rante extremamente doce, dos coloridos mais artificialmente, com cerveja amarga e o jovem tinha certeza aquela altura que o líquido não possuía qualquer teor alcoólico — algo que não parecia impedir os palhaços de se embebedarem dela. Isso o faz lembrar das bebidas servidas em histórias fantásticas, como o hidromel das aventuras medievais que sempre gostou de ler. David tenta se lembrar quais foram os últimos livros que havia lido em sua antiga vida, preenchendo o silêncio fúnebre da casa com pensamentos aleatórios.

Não conseguia se lembrar. Na realidade, mal conseguia se lembrar de quaisquer livros que tinha lido em sua vida. E não haviam sido poucos. Lembrava de passagens, trechos, até mesmo algumas viradas de enredo empolgantes, mas os títulos pareciam perdidos numa névoa espessa, assim como os nomes de seus autores. Isso provoca uma careta em seu rosto pensativo, que, externamente, apenas observa a poeira dançar no ar.

— Aqueles dos hobbits... — murmura para si mesmo — como se chama, caramba?

Uma onda de confusão e medo toma seu corpo e ele se levanta com um pulo, levando a mão livre à testa.

— Não é possível... Eu não lembro nenhum! — exclama, ainda falando consigo mesmo na casa silenciosa.

David começa a andar de um lado para o outro, massageando a testa dolorida e dando pequenos goles na cerveja sem sequer perceber. Em meio às tentativas frustradas de recapturar suas memórias literárias, decide sair para a rua repentinamente, batendo a porta atrás de si. David Sinfield parte em direção ao beco atrás do bar Arlequim sem pensar muito a respeito. Lá, ao menos descontaria suas frustrações em um alvo.

IV

Dois dias depois, durante a madrugada, David é acordado pelo barulho de vozes conversando por perto. Ele abre seus olhos no escuro e apenas escuta sem se mover.

— Eu falei pra eles — diz uma voz abafada — não adiantou nada, caramba!

David se senta no sofá e vê que a porta que leva ao segundo andar e ao quarto de Barnacle está entreaberta. Pela fresta, um longo filete de luz se derrama em ziguezague sobre os quinze degraus da escada.

— ...o conselheiro não autorizou — resmunga a voz de Barnacle baixinho — aquela calculadora ambulante acha que o risco não vale a pena! Que a gente perderia gente demais...

— Cê não tá pensando em aceitar essa porcaria, né?! — sussurra a voz de Bife — A gente tem que fazer alguma coisa, Bar.

David se aproxima da escada silenciosamente, curioso demais para não tentar descobrir o que estava acontecendo. Barnacle não fazia o tipo de ter reuniões secretas no meio da noite para falar mal da chefia. Pela janela que dá para a rua, David vê o vulto de um pássaro negro passar voando contra o céu de lua cheia.

— O que a gente pode fazer, Bife? — Barnacle pergunta exasperado — Eu não posso ir contra as ordens assim, mas... — ele respira fundo — é a Fox, merda. A gente precisa ir atrás dela.

Ao ouvir o nome, David topa dolorosamente com o dedo do pé contra a quina de um móvel na escuridão. Ele guincha e

segura o dedo que lateja entre as mãos, pulando no lugar sobre a outra perna.

— Moleque? — a voz de Barnacle se eleva e a luz do quarto invade a sala quando o palhaço abre a porta totalmente e encara David do topo das escadas.

David faz uma careta ao ser pego em flagrante. Ele se senta no chão e massageia o pé dolorido.

— Desculpa por estar ouvindo, eu só acordei e... — ele para por um instante — cê descobriu onde a Fox está?

Barnacle suspira e olha para dentro do quarto, consultando os demais que estão fora de vista. Ele assente com a cabeça e chama David para subir com um movimento das mãos.

O jovem jamais subira no segundo andar e se surpreende ao ver o quão simples o quarto de Barnacle é. Há apenas uma cama de casal com armação de metal, relativamente pequena quando comparada ao que David estava acostumado em seu mundo, uma mesa simples com um abajur coberto de cromo gasto e uma cadeira de madeira igualmente simples a sua frente. No canto, há uma pequena pia presa à parede e na parede oposta à entrada se projeta uma grande janela. Ali estão Bife, que cumprimenta David com a cabeça de seu lugar sentado na beirada da cama, e Magrilo, que está sentado sobre a mesa com as pernas balançando rente ao chão nervosamente.

Barnacle vai até a janela e observa as ruas escuras de Los Pagliasos com um olhar tristonho. Apenas o abajur sobre a mesa está ligado, lançando sombras profundas no rosto dos três palhaços.

— A Fox tá sendo mantida em uma fábrica de enlatados dos Cuspidores. — diz Barnacle sem tirar os olhos da janela — O lugar é uma fortaleza. A gente podia levantar um exército e, ainda assim, não conseguir entrar lá.

— E o conselheiro não aprovou um ataque. — acrescenta Magrilo rapidamente, suas longas pernas balançando no ar como um tique nervoso — O Caolho não pareceu feliz, mas também não discutiu.

— Eles não podem simplesmente deixar ela lá! — protesta David num tom mais alto do que pretendia — A gente precisa... Sei lá... A gente precisa fazer alguma coisa.

O jovem anda pelo quarto ansioso e leva as mãos ao rosto, afim de tentar espantar o sono. Ao tocar suas feridas, faz uma careta e se xinga por esquecer que havia apanhado, e feio, há pouco tempo. Pelo menos o sono se afasta rapidamente.

— Quem fez isso contigo, cara-lisa? — pergunta Bife, encarando o rosto de David com curiosidade.

— É uma longa história — intervém Barnacle — que vai ficar pra outra hora.

Bife dá de ombros e Magrilo solta um longo bocejo.

— Eu bocejo quando tô nervoso. — ele explica imediatamente para ninguém em particular.

— Cê disse que eles não autorizaram um ataque direto, certo? — pergunta David, unindo-se a Barnacle no beiral da janela.

Barnacle concorda com a cabeça e um resmungo.

— Bom, e se a gente tentar algo mais discreto? — pergunta o jovem esperançoso. Detestava a ideia de qualquer companheiro capturado, mas sabia que era em Fox que estava pensando.

— Tipo o quê? — Barnacle se vira para ele com interesse.

David explica sua ideia.

V

Faltavam apenas três dias para a Grande Briga e David sabia que eles não teriam muito tempo para colocar qualquer plano em ação. Sob o pretexto de uma ronda matinal entre as Rua Wenny Pise e a Alameda das Palmeiras Dançantes, entre as quais está a confusa divisa entre territórios dos Narizes Negros e dos Cuspidores, Bife e Magrilo tiveram a chance de analisar o exterior da fábrica na qual acreditavam que Fox estava sendo mantida.

Magrilo protestou o plano e implorou para que os demais acatassem as ordens do *consilhéri*, porém, Barnacle o silenciou com um olhar fulminante:

— Ela é família! — e foi tudo que ele disse. Magrilo bocejou de nervoso e não discutiu mais.

Não havia confirmação de que os demais capturados também estivessem naquele local.

A informação viera de um contato de Barnacle que tinha negócios com o dono da fábrica e acabou vendo Fox sendo levada por um corredor acidentalmente — mas os quatro envolvidos no resgate haviam concordado que o risco valeria a pena. Fox era um deles, não podia ser deixada para trás.

— O lugar parece um caixote de tijolos reforçados. — diz Bife, engolindo uma bocada de sua comida quando eles se sentam juntos para revisar o plano — Eles deixam dois vigias em cada lado do prédio, mas rolam trocas a cada três horas. Se algum deles vir alguma coisa estranha, acionam um alarme e o caixote vira uma ilha, sem entradas ou saídas, e uma renca de Cuspidores a caminho.

O restaurante na qual almoçam está cheio e, apesar de falarem baixo, não parece possível que os demais sejam capazes de ouvir a conversa com todo aquele barulho.

— Os vigias do lado sudeste demoram um pouco mais nas trocas — completa Magrilo, apontando um canto do desenho rudimentar que fizera em um guardanapo — acho que o caminho até a saída daquele lado é mais longo. Talvez tenha algo aí. — ele dá de ombros e solta um bocejo.

— Lá dentro, o andar da fábrica deve tá apinhado de palhaços trabalhando. — Barnacle dá um gole de café, não estava bebendo naquele dia — Eles não têm nada a ver com isso. Se não bancarem os *schnooks* heróis, a gente deixa eles paz também.

— Certo — diz Bife — o que a gente quer tá no segundo andar — ele desenha outro caixote em um guardanapo e o divide em quadrados e retângulos menores — pelo que a gente sabe, têm quatro escritórios lá, uma área comum e um banheiro. Pelo que o seu contato falou, a gente tá presumindo que ela está em um desses escritórios aqui. — ele aponta dois quadrados na frente sul da construção.

Após o almoço, os quatro caminham juntos até o Arlequim, onde se sentam numa mesa aos fundos, próxima da jukebox.

— Todo mundo sacou o que vai acontecer? — pergunta Barnacle em voz baixa.

Os dois palhaços e o cara-lisa confirmam com as cabeças. Todos parecem mais calmos do que David imaginaria. Ele mesmo se sentia confiante de que as coisas poderiam dar certo. Suas mãos, ele percebe, não tremiam mais quando a mente era confrontada com a possibilidade do perigo. Ele era uma pessoa diferente do jovem de pijamas que havia chegado à Los Pagliasos cerca de duas semanas antes, havia sido lapidado e endurecido pelo lugar e seus habitantes. Pela violência que parecia permear as vidas de todos que se envolveram em sua jornada, de uma forma ou outra.

— Não esqueçam, eles não podem ver a gente até o último segundo ou aquele lugar vai virar uma fortaleza. Uma chance só, garotos — diz Barnacle seriamente — uma chance só.

Eles permanecem ali por mais algum tempo, repassando as informações levantadas sobre o local que pretendiam invadir, sobre seu plano. Algumas horas depois, o sol começa a cair no horizonte, enchendo o céu da cor dourada. David decide interpretar aquela rara e bela vista como um bom sinal.

VI

— Você tem um isqueiro, meu chapa? — pergunta Barnacle casualmente ao Cuspidor que aparece pela porta de metal na face sudeste da construção.

O Nariz Negro tinha alcançado a lateral da porta instantes antes do novo vigia chegar ao seu posto, dando a ele preciosos segundos para se preparar. O Cuspidor se vira surpreso e é derrubado por um soco de Barnacle, muito mais forte do que seu alvo. Magrilo surge do meio de alguns arbustos e puxa o palhaço inconsciente para baixo da cobertura das plantas. Em seguida, outro Cuspidor surge pela porta, já mais atento ao ouvir barulhos estranhos vindos de fora.

Barnacle tenta acertá-lo com um soco, mas ele se esquiva agilmente e se prepara para cuspir fogo em seu atacante, bochechas se inflando como um peixe baiacu. Bife aparece correndo da escuridão de um canto próximo e dá um gancho no queixo do Cuspidor, que bate a cabeça contra a parede de tijolos e cai desacordado. Fumaça se levanta de sua boca semiaberta e torta.

David, que estava escondido no mesmo local, prontamente apanha o segundo palhaço desacordado e o esconde junto de seu companheiro, sem deixar de amarrar suas mãos antes de se afastar. Ele confirma com a cabeça ao terminar o trabalho e Barnacle entra pela porta sorrateiramente. David o acompanha

enquanto Bife e Magrilo apanham os ternos dos inimigos caídos, disfarçando-se ao menos para aqueles que os avistarem de longe.

Pedrinhas caem do telhado em direção ao chão quando um Cuspidor surge de cima do prédio e observa os dois lá embaixo. Ambos mantêm seus rostos abaixados ao perceberem que são observados, escondendo seus narizes pretos, e o vigia parece satisfeito ao se afastar novamente.

— Eles têm guardas no telhado, porcaria — sussurra Bife — a gente não viu eles mais cedo.

— Espero que os dois encontrem ela logo. — responde Magrilo em voz baixa, suando de nervoso.

Enquanto isso, dentro da fábrica, David e Barnacle passam por um corredor de manutenção e alcançam portas duplas com janelinhas redondas. Por elas, eles veem o primeiro andar da fábrica; o lugar estava repleto de trabalhadores, como eles haviam esperado. David nota algo e chama Barnacle puxando seu braço.

— ...pode ajudar. — ele sussurra, indicando com a cabeça grandes aventais brancos pendurados em ganchos próximos. Todos na linha de produção pareciam usar o mesmo apetrecho.

Vestidos nos aventais, e deixando para trás seus chapéus e ternos pretos, os dois entram no gigante recinto ocupado por diversos maquinários e palhaços para operá-los. Há cerca de vinte deles ali, mas nenhum parecem se importar com os dois recém-chegados, atarefados demais para se importarem em meio ao som de batidas ritmadas e chiados constantes. Também há braços mecânicos por todos os lados, operados por alavancas e botões brilhantes, usados para movimentar latas, enchê-las e rotulá-las, levando-as então na direção de caixas de papelão. As mãos, um tanto sem jeito, usam luvas brancas e a linha de

produção inteira parece para David uma enorme centopeia de desenhos animados. Eles avistam as escadas que levam até o escritório, porém, há um Cuspidor de guarda em frente aos degraus. Ele parece notar os dois e se aproxima com uma expressão curiosa.

— Pera aí — ele chama com a mão para que eles se aproximem — quem são vocês?

Barnacle olha em volta por um instante e nota uma grande máquina que solta vapor ao seu lado. Ele se vira e dá um chute em uma grande válvula vermelha, fazendo-a girar e liberar uma enorme grande quantidade de vapor, que vai em todas as direções com um longo e estridente chiado. O guarda se distrai e protege o rosto da cortina branca imediatamente.

— Ei, vocês... — porém, do meio da névoa surge Barnacle, que o acerta com um soco direto na boca do estômago.

O Cuspidor não cai e se coloca em posição de luta com os punhos levantados, apesar de estar levemente inclinado sobre a própria barriga. Ele tenta gritar para seus companheiros no outro andar, mas está quase sem ar e a dose do vapor enche seus pulmões de tosse. Neste momento, David se aproxima e o acerta com dois socos cruzados, derrubando-o com o segundo golpe.

— Nada mal, garoto — diz Barnacle — agora vambora antes que eles percebam o que tá rolando.

Ao subirem as escadas, David vê que a briga havia passado despercebida pelos trabalhadores, que se concentram ao redor da máquina tentando consertá-la. Ao alcançarem a porta que dá acesso ao segundo andar, uma voz chega até eles lá de dentro.

— Bimo, que rolou lá embaixo? — diz a voz.

Barnacle coloca a orelha contra a porta e sinaliza para que David espere.

— Vi os operários se juntando e...

Ao ouvir que o palhaço do outro lado está prestes a alcançar a maçaneta, Barnacle abre a porta de supetão, acertando-o direto no nariz. O Cuspidor se encolhe e se afasta, levando as mãos ao nariz redondo, que sangra abundantemente. Com um golpe, David termina o serviço enquanto Barnacle adentra o corredor com duas portas à sua direita. Pelo que souberam, Fox não está naquelas portas, por isso, Barnacle silenciosamente as fecha usando cadeiras que encontra por perto. Se houver alguém lá dentro, por favor, que não seja a Fox, pede David. Ao final do corredor, eles encontram uma sala comum com mais algumas cadeiras simples, fotos da fábrica de aparência antiga espalhadas sobre um papel de parede com padrões há muito apagados e uma mesa de café com dezenas de marcas de copos. Há também a continuação do corredor com mais duas portas de escritórios. Fox deveria estar atrás de uma delas, se as informações estivessem corretas. Tinham de estar, pensam ambos simultaneamente.

David encontra uma janela e tenta discretamente checar se Bife e Magrilo estão bem, mas a vista dali não permite que ele veja seus companheiros. Barnacle, enquanto isso, vai até a primeira porta e novamente encosta a orelha sobre a superfície de madeira lixada. Ele não parece identificar nada no primeiro escritório, por isso, vai até a segunda porta e repete a tentativa.

Suas sobrancelhas se levantam e ele indica com a mão para que David se aproxime. Neste instante, o jovem ouve o som de uma maçaneta no corredor. Ele aguarda e nota que a cadeira colocada parece impedir a tentativa com sucesso, por agora.

— Acho que ouvi algo aqui — sussurra Barnacle sobre sua análise do recinto fechado — não tenho certeza.

— A gente tem que correr, já tão tentando sair dos escritórios. — responde David, o som de batidas começando a surgir no corredor próximo.

Barnacle assente com a cabeça e levanta três dedos; uma contagem regressiva. Ele se afasta alguns passos, tomando a posição para se lançar contra a porta. David retira uma faca de arremesso da parte de trás de seu cinto e faz o mesmo.

Dois dedos. Um dedo. Hora do show.

VII

A porta se escancara sob o peso conjunto de Barnacle e David, voando para trás com um baque. O jovem imediatamente identifica Fox do outro lado do recinto, que parece um escritório comum com algumas mesas e arquivos de metal. Ela está amarrada em uma cadeira junto à parede, aparentemente desacordada, e ao seu lado há outro Nariz Negro capturado, igualmente preso.

Porém, um Cuspidor que estava ali de guarda, havia se posicionado para a possível entrada dos invasores, alertado pelas batidas no corredor próximo. Quando Barnacle passa pela porta, o inimigo se joga sobre ele, imobilizando seu braço nas costas.

— Seus filhos da mãe! — rosna o Cuspidor no ouvido de Barnacle — Queima eles, Valito!

Outro Cuspidor que também tinha se preparado de antemão, surge de trás de um arquivo e se aproxima dos prisioneiros próximos, suas bochechas se enchendo de fogo a cada passo. David se desespera ao perceber que ainda está longe demais para fazer algo enquanto Barnacle está ocupado, usando toda sua força para tentar se soltar de seu atacante. Meu deus, pensa David em pânico, eles vão queimar a Fox!

O jovem calcula suas chances em milésimos de segundos e, então, saca uma das facas da parte de trás de seu cinto, posicionando-a na mão da forma como sua instrutora havia ensinado. Ele respira fundo, tentando isolar os xingamentos de Barnacle e de seu desafiante, que agora se digladiam no chão. Sem girar o pulso, ele pensa, sem girar a droga do pulso.

O Cuspidor já está próximo de Fox, que começa a acordar, olhando em volta com uma expressão grogue.

— O que... — ela balbucia antes de notar que chamas infernais vêm em sua direção.

Mas a labareda mortal se esvai milagrosamente no ar antes de atingi-la. Ao se dissipar, ela vê o Cuspidor que a havia produzido cair no chão com uma expressão débil, atingido nas costas pelo lançamento de David. O treinamento do cara-lisa tinha valido a pena, caramba!, decide Fox. O jovem se aproxima, passando por cima do inimigo caído sem pestanejar, e começa a cortar suas amarras.

— A gente precisa dar o fora — ele diz mais para si mesmo do que para ela — a gente precisa dar o fora daqui, eles tão vindo!

Fox sente as mãos se libertarem e as pousa sobre o braço de David, ainda um pouco confusa. O jovem a olha com alívio por um instante, mas rapidamente passa a soltar o outro palhaço capturado. Enquanto isso, Fox se levanta e vai até Barnacle, que ainda está tentando sobrepujar o pesado Cuspidor que o ataca. Ela se aproxima um pouco trôpega dos dois.

— Ei, você — ela berra com o Cuspidor de roupas amarelo mostarda que, surpreendido, olha em sua direção com olhos arregalados — vai dormir, caramba!

— Ela desfere um chute pesado em seu rosto, desacordando-o imediatamente.

A palhaça resgatada ajuda Barnacle a se levantar e se vira novamente para o Cuspidor caído com ódio.

— E fique — ela dá mais um chute nas costelas do palhaço apagado — no chão — novamente, com ainda mais força — seu filho — mais dois chutes — da mãe!

Barnacle pousa a mão em seu ombro.

— Ele já era, Fox — diz ele quase em um sussurro enquanto a puxa para um abraço — achei que a gente tinha perdido você, sua desgracinha!

Fox ri e observa David indo até a porta com uma expressão séria, quase profissional.

— ...os outros Cuspidores? — ela pergunta.

— Alguns tão apagados — ele responde sem se virar enquanto fecha a porta e a tranca — mas tem mais deles vindo aí. Se um deles chamar reforços, a gente tá ferrado.

A palhaça se surpreende com a forma como David parecia estar tomando conta da situação. Nunca o havia visto dessa forma e algo naquilo lhe agradava. Ela sorri quase invisivelmente com o canto da boca e se vira pra Barnacle.

— Plano de saída? — indaga com uma sobrancelha levantada.

David empurra uma mesa contra a porta no mesmo instante que os três escutam barulho de madeira se quebrando no corredor próximo.

— Eles saíram, Bar — diz David com uma expressão preocupada — a gente tem que dar o fora daqui antes que eles chamem mais soldados!

Momentos depois, há batidas na porta fechada e David agradece pelas mesas ali serem tão pesadas. Ele vai até as janelas e vê que Magrilo e Bife estão ali embaixo aguardando, ainda caracterizados como Cuspidores.

— A gente vai ter que sair pela janela. — ele observa o lado de fora — Tem um cano que vai até lá embaixo. O Bife e o Magrilo já tão esperando... — ele respira fundo — é o único jeito.

— A gente vai pegar vocês! A gente vai enterrar vocês até a cabeça num ninho de formigraves, seus covardes! — urra uma voz do outro lado da porta, as batidas ficando cada vez mais altas, fazendo com que a mesa chacoalhe e lentamente se arraste pelo chão.

David abre bem as janelas, se estica para fora e apanha o cano da calha nas mãos, testando sua firmeza. Os parafusos que o prendem à parede são grandes e de aparência robusta.

— Acho que aguenta. — ele conclui e começa a passar as pernas para o lado de fora — Vejo vocês lá embaixo! — ele dirige um sorriso para Fox e começa a descida levemente vertiginosa com frio na barriga, mas sem demonstrá-lo.

Pouco tempo depois, os seis estão juntos lá embaixo, os dois resgatados e sua equipe de resgate, relativamente ilesos e prontos para fazerem o caminho de volta para sua região da cidade o mais rápido que podem. Ninguém os perseguiu naquela noite, incertos de quem os atacantes eram ou para onde tinham ido.

— O que são formigraves? — pergunta David, ainda arfando após a corrida à caminho de casa, dando voltas e mais voltas para despistar possíveis perseguidores que não viriam.

— A pior coisa pra se estar enterrado até o pescoço com, moleque. — responde Barnacle com uma careta de cansaço — Acredite, cê não quer saber os detalhes sobre o que acontece com as suas partes moles. — Barnacle pinça um pneuzinho de sua barriga entre os dedos e emite sons de mastigação exagerada.

Naquela noite, os Narizes Negros celebraram costumeiramente no Arlequim, brindando à brava equipe de resgate e aos companheiros trazidos de volta pra casa. Lá pelo meio da noite, também foi feito um brinde solene aos dois palhaços que ainda não tinham sido resgatados. Desde então, nenhum deles apareceu novamente.

A Grande Briga

I

O dia da Grande Briga havia finalmente chegado. David sentia como se a última semana tivesse durado, ao mesmo tempo, um mês e apenas uma hora. Tantas coisas aconteceram com ele e seus companheiros, com a própria cidade, desde que o desafio havia sido apresentado pelos Cuspidores de Fogo e os Uma Roda. Por Calças Quentes e o Coronel. Desde então, Los Pagliasos estava dividida entre os Narizes Negros, aliados aos Malabaristas, e todas as demais gangues, com a chegada de Matraquisto e seus Esguichadores do lado dos desafiantes. Apesar de dividida, o lado ao qual David pertencia estava claramente em desvantagem, ao menos numérica.

Afinal, os Narizes Negros e os Malabaristas podiam ser adversários terríveis; os primeiros capazes de atacar e defender utilizando mímicas que pareciam influenciar a realidade, convencendo-a de seus muitos efeitos. Um Nariz Negro precisava ser plenamente capaz de realizar o que imitava, como lançar facas e utilizar armas, porém, a praticidade de se conjurar seus ataques e defesas do ar lhes garantia grande flexibilidade em batalha. Já os Malabaristas eram os mestres dos movimentos de mão rápidos e precisos, constantemente manejando objetos úteis e armas no ar e plenamente capazes de utilizá-las a qualquer instante. Além disso, a pequena gangue era também a mais assustadora da cidade, com roupas escuras e rostos cobertos por maquiagens pretas que escorriam e borravam, deixando-os com a aparência de fantasmas vingativos.

— Ouvi dizer que um palhaço ficou louco uma vez — contou Barnacle a David durante o jantar em um dia cinzento — completamente doidinho depois de passar uma noite

perdido no território dos Malabaristas. Aqueles caras sabem assustar um sujeito até os miolos quando querem.

— Isso soa como papo, Barnacle. — desdenhou David.

— E o jeito que eles nunca falam, mas ao mesmo tempo parecem sussurrar na sua orelhas... — Barnacle ignora o comentário de David e prossegue — Calafrios toda vez, moleque.

Contudo, contra eles se movia a força combinada dos Cuspidores, sopradores de fogo que combatiam como demônios, dando preferência para um estilo de luta que David aproximava ao boxe de seu mundo, além de serem uma das gangues mais numerosas.

Ao seu lado, contavam com os Uma Roda, palhaços extremamente móveis no campo de batalha, locomovendo-se como pequenos veículos autônomos sobre as rodas de seus monociclos de nascença. E para dificultar ainda mais suas vidas (apesar dos apelos de David), o líder dos Esguichadores, a gangue que utilizava flores em suas lapelas capazes de espirrar grandes quantidades de ácido em seus oponentes, parecia ter se aliado a eles tardiamente. Tudo isso deixava a situação dos desafiados, e atuais líderes da cidade, no mínimo desconfortável.

Mas não havia mais o que lamentar, pois era o Grande Dia.

Os Narizes Negros se concentram dentro e ao redor do bar, lotando todas as mesas, o balcão e à frente do estabelecimento com cerca de cem membros, todos preparados para a luta. Ainda é de manhã, mas eles sabem que os desafiantes não demorarão para aparecer, por isso, o clima é de tensão e ansiedade.

— Bar — chama David, sentado numa mesa com seu anfitrião e seu pequeno grupo de palhaços de confiança, Magrilo, Bife e Fox — eu preciso te dizer uma parada. Na verdade, te avisar de uma parada.

Barnacle se vira para ele, curioso. Assim como todos os outros, estava tenso e mal tocava em seu copo cheio.

— Diga, moleque. — ele levanta uma sobrancelha inquisitivamente.

David olha ao redor por um instante, chamando os demais presentes na mesa para ouvirem.

— Vai parecer estranho, mas algo vai acontecer na briga — David tenta formular a frase em sua mente — no começo da briga. Algo que eu tô torcendo que ninguém espere.

Os palhaços o observam confusos, aguardando que ele continue.

— Eu só preciso que vocês confiem em mim e passem isso pra frente. Inclusive pro chefe, acho que vai ser melhor vir de vocês do que de mim — ele pigarreia nervoso — quando isso acontecer... A gente precisa atacar. Simplesmente precisa.

Barnacle faz menção de dizer algo, mas para e observa David profundamente.

— É sua palavra, cara-lisa? — ele pergunta — Porque se você ferrar a gente, eu juro... David apenas o encara de volta seriamente.

— Minha palavra — ele diz finalmente — a gente precisa atacar. Vocês vão saber o momento, eu acho, aí a gente vai pra cima.

Barnacle assente com a cabeça e se levanta, partindo em direção ao chefe Caolho, que está sentado no balcão com alguns líderes da gangue.

— Me desejem sorte. — diz ele melancolicamente e se afasta.

David respira fundo e se vira para observar a janela em tempo de ver uma crescente maré de palhaços rivais que se aproxima de todas as direções. Estava pra começar.

— Vamos lá, Narizes Negros! — encoraja Caolho enquanto suas tropas saem pela porta — Vamos chutar os traseiros destes filhos da mãe!

Pouco tempo depois, os Narizes Negros estão todos em frente ao seu pub, o Arlequim, posicionados como um exército medieval trajado de terno e gravata, mas não menos preparado para batalha. O nervosismo não havia passado, isso seria impossível, mas se transformava agora em uma espécie de frenesi de guerra; eles queriam mesmo é que a luta começasse de uma vez. Para a derrota ou para a vitória, os Narizes Negros queriam finalmente lutar devidamente pelo que era seu de direito. A cidade havia sido conquistada e eles não sairiam do trono tão facilmente.

Ao centro da formação, Caolho e seu destacamento de guardas pessoais, palhaços grandes, fortes e treinados para serem o terror em uma briga, observam o outro lado da rua se enchendo de Cuspidores e Uma Roda. Um pouco depois, chegam também os Esguichadores, que acabam sendo empurrados para o front de batalha. Seriam eles a encabeçar o ataque ou receber a primeira investida, o lugar mais perigoso de toda a formação. Apesar disso, não pareciam nem um pouco abatidos. Como todos ali, queriam que a violência fosse libertada de sua barragem e lavasse a Rua dos Pícaros Tardios, na qual estavam agora. Sua arena, seu campo de batalha. Naquele dia, todos seriam agentes da destruição.

Atrás da primeira linha, composta pelos soldados de Matraquisto, estão os Uma Roda, preparados para tentarem romper as defesas dos desafiados, seguidos pelos Cuspidores, que teriam a responsabilidade de manter o ataque sempre indo

adiante, até que alcançassem a liderança rival e os destruíssem com suas baforadas infernais.

Enquanto isso, os Narizes Negros formam apenas algumas fileiras de soldados homogêneos, salpicada aqui e ali pelos Malabaristas, que chegam e ocupam seu lugar entre as fileiras defensoras silenciosamente. David não sabe sequer dizer quando eles haviam chegado ou quem era seu líder. Como fantasmas mesmo, considera.

Sua mente é levada novamente a seu pedido para Barnacle. Não havia tempo para confirmar se Caolho recebera a mensagem, ou pior, se a aceitava. Tudo dependia disso, ele pensa, e torce para que os Narizes Negros não sejam limpos do mapa por sua culpa.

— O dia chegou, Narizes imundos — a voz de Calças surge pela multidão concentrada e o palhaço magro aparece em seguida, assumindo seu lugar de líder contraposto a Caolho — o dia de a gente acertar essa velha conta e assumir nosso lugar de direito novamente!

Sua voz é calma, mas seu exército triplo urra ao final de suas palavras. O Coronel, líder dos Uma Roda, posiciona-se ao seu lado com uma expressão muito séria. David procura pela massa de palhaços e encontra Matraquisto longe dali, posicionado junto a seus mais ou menos cinquenta soldados na primeira linha de batalha.

— Os Narizes Negros estão cientes de que hoje teremos a Grande Briga, na qual decidiremos quem comanda esta cidade e todos que vivem sob o olhar do Louco? — declama o Coronel com pompa militar.

Caolho dá um passo adiante e David repara, sem surpresa, que Flynn não está presente. O conselheiro não parecia o tipo de palhaço que suja suas mãos.

— Estamos, Coronel — responde Caolho, com um tom igualmente oficial — e a gente vai limpar a rua com a cara de vocês. — ele completa rosnando e os Narizes Negros urram em resposta, como um exército bárbaro defendendo seu lar.

O ar congela e tudo parece ficar imóvel por um instante debaixo do céu cinzento; o terrível instante antes dos cães da guerra serem soltos para fazerem o que fazem de melhor. David fecha os olhos e reza para todos os deuses dos quais já tenha ouvido falar para que o plano funcione. Pra que todos façam suas partes. Por favor, ele implora em sua mente, por favor.

— Esguichadores! — brada Matraquisto, que parecia ter sido esquecido pelos demais Calças e o Coronel olham em sua direção surpresos.

Os Esguichadores batem com os pés no chão ritmicamente, preparando-se para fazerem o primeiro avanço e darem início à brutalidade. Porém, de repente, todos eles dão meia-volta e encaram os Uma Roda, que são pegos totalmente de surpresa e arregalam seus olhos coletivamente.

— Façam chover! — Matraquisto diz a última palavra em um grito a plenos pulmões e os Esguichadores respondem gritando também, como feras.

Suas flores são todas apertadas simultaneamente e o ar é invadido por um cheiro ácido, azedo. A traição estava completa e o plano estava funcionando.

II

— Deem a eles o inferno, Narizes Negros! — a voz de Caolho ressoa como um trovão, fazendo a gangue de preto e branco e seus aliados atacarem como uma enxurrada.

Neste mesmo instante, os Esguichadores batem em retirada, indo em direção aos Narizes Negros que, compreendendo a situação, os deixam passar entre eles, em direção à retaguarda. O primeiro choque é avassalador, já que os Uma Roda haviam sido deixados totalmente expostos pela traição de Matraquisto.

— Te vejo do outro lado, cara-lisa. — grita Matraquisto para David em meio à multidão. A surra havia valido a pena, o jovem pensa comemorando.

Os primeiros Narizes Negros a alcançarem os Uma Roda conquistam vitórias fáceis, utilizando mímicas de armas, porretes, facas e seus próprios punhos treinados. Porém, nem todos foram afetados pelo ácido e estes se põem a lutar em sua técnica militar extremamente organizada. Os sobreviventes se juntam em um quadrado compacto de palhaços sobre rodas, investindo contra os inimigos como um pequeno tanque, derrubando quem está na frente e passando por cima de Narizes Negros caídos com suas muitas rodas.

Os Cuspidores também se recuperam da surpresa e partem para a briga, tentando manter os combates no mano a mano, com o qual eram mais acostumados. David se vê diante de um Cuspidor de roupas alaranjadas e brilhantes, repletas de lantejoulas e pedrinhas brilhantes. Os dois se olham por um segundo e começam a trocar socos; David acerta um direto de esquerda, mas é acertado em seguida no estômago, fazendo-o se dobrar sobre si mesmo. Quando o Cuspidor enche as bochechas de fogo e se prepara para o ataque final, um Malabarista joga uma faca em sua direção e o jovem vê o palhaço inimigo caindo para trás.

Ao se recuperar, David saca suas próprias facas, com as quais tanto havia treinado, e liberta a agressividade que carrega dentro de si, e que pôde ver bem desde que tinha chegado à cidade, com um grito primitivo e o completo esquecimento de sua própria segurança. O jovem se lança sobre os inimigos urrando e derrubando quem encontra em seu caminho.

Próximo dele, Barnacle desvia de uma investida do tanque improvisado dos Uma Roda, se jogando para a direita no último instante. Os Uma Roda derrapam em perfeita sincronia e fazem a curva para atacá-lo novamente, porém, Magrilo e Fox dão impulso para Bife, que cai sobre o grupo inimigo como uma bala de canhão. Os Uma Roda quebram sua formação e se espalham momentaneamente; o bastante para Barnacle surgir como um urso, distribuindo golpes com a mímica de marreta invisível em suas mãos, derrubando palhaços ao chão e finalizando aqueles que tentam se levantar. Sua arma emite um som engraçado, como um brinquedo de plástico inflável, ao atingir suas vítimas.

— Deem a eles o inferno, garotos! — ele urra para os céus, entregue ao caos da Grande Briga.

David vê Calças Quentes lutando para alcançar Caolho, que ainda está distante. O líder dos Cuspidores atravessa o campo de batalha se esquivando de ataques com uma leveza assombrosa e seus poucos socos são como os de um boxeador experiente, precisos e letais. O jovem se assusta com as habilidades de Calças, mas tem sua atenção exigida por um Uma Roda que havia escapado da investida de Barnacle. O palhaço inimigo veste um pesado casaco militar característico de sua gangue, completo com ombreiras pretas de estrelas douradas, e acelera contra David com seu ombro direito abaixado.

O impacto acerta o alvo em cheio no meio do peito, arremessando-o para trás. Ao cair, David derruba duas latas de lixo metálicas com um estrondo e sente que cortou seu antebraço em algo afiado.

— Problemas, cara-lisa? — grita Fox com algum divertimento na voz.

Ela arremessa uma faca em um Cuspidor que vai em sua direção, esquiva dois ataques que surgem do meio da massa violenta e se joga no chão para esquivar da investida do mesmo Uma Roda que havia atacado David. Ao rolar pelo chão, ela enfia uma de suas facas invisíveis na roda de seu atacante, fazendo-o travar e sair rolando pelo chão, como uma moto acidentada.

Fox estica a mão para David e o ajuda a se levantar com um sorriso travesso.

— Admita, você estaria completamente ferrado sem mim, David. — ela diz enquanto retira um papel sujo que havia ficado preso no terno do jovem. Ela dá uma piscada para ele e desaparece novamente em meio à batalha.

David se recupera e, ainda sorrindo tolamente, começa a trocar socos com outro Cuspidor próximo enquanto, do outro lado das centenas de palhaços que lutam, Caolho vê um de seus guarda-costas sendo envolvido pela labareda de um Cuspidor de cabelos no mesmo tom de rosa da bebida que tanto apreciavam.

— Pizolotto! — berra o líder dos Narizes Negros em vão, vendo seu soldado e amigo caindo no chão em chamas — Malditos! Malditos filhos da mãe! Eu vou ver todos vocês no chão!

Ele se lança contra o atacante, esquiva de uma labareda e se aproxima com um gancho poderoso que faz o maxilar do inimigo estalar. O Cuspidor arregala os olhos de surpresa e seu pescoço é rapidamente envolvido pelos braços fortes de Caolho.

— Vai dormir, Cuspidor de esgoto! — diz Caolho com ódio.

Não muito longe dali, o Coronel, protegido por quatro Uma Roda extremamente violentos portando porretes, vê Matraquisto se esgueirando em direção ao bar. Ele aponta e olha para seu segundo em comando, um palhaço queixudo de monocelha chamado Furunço, e os cinco partem para caçar o Esguichador traiçoeiro.

— Eu vou pegá-lo, traidor — murmura o Coronel para si mesmo, com a imagem de seus soldados agonizantes impregnada em sua mente — e vou destruí-lo.

Matraquisto, indo em direção ao Arlequim, grita para Caolho, que está agora a apenas alguns metros de distância.

— Cerquem eles, Caolho! — ele acena para chamar a atenção do Nariz Negro, que o nota e se vira para observá-lo — Dê a volta nos filhos da mãe! — Matraquisto faz movimentos com as mãos, como se apertasse algo entre elas.

Caolho compreende a mensagem e vê Matraquisto desaparecer no beco atrás do bar. Ele se vira para suas tropas e grita ordens que são reproduzidas por seus guarda-costas eficientes.

— Ao redor, garotos! Ao redor! — ele faz gestos com as mãos no ar, tentando explicar sua ordem para os mais distantes.

Mas os Narizes Negros estão atentos, estimulados a lutarem pela surpreendente vitória pontual que havia dado início ao combate. Agora, Caolho sabia, eles queriam ver os inimigos derrotados, custe o que custar. Estes são meus garotos, pensa com orgulho paternal. Caolho já liderava a gangue há tanto tempo que mal podia se lembrar como tudo havia começado. Não interessava, a Grande Briga, e a soberania dos Narizes Negros, era tudo que lhe importava.

— Ao redor! — ele diz uma última vez e se coloca a liderar suas tropas, tentando alcançar o outro lado dos inimigos como Matraquisto sugeria.

Enquanto isso, o próprio Matraquisto havia arrebanhado alguns dos seus melhores atiradores de ácido em direção ao beco, onde, com a ajuda de uma escada, todos subiram no telhado do bar, mantendo-se abaixados para que ninguém do outro lado pudesse vê-los. O líder dos Esguichadores espia e aguarda que os Narizes Negros façam sua parte, arrebanhando os inimigos para perto de suas amadas flores.

III

David vê os Narizes Negros atravessando o campo de batalha, tentando se reposicionar atrás do exército inimigo e sabe que Matraquisto havia dado início à segunda parte de seu plano. Ele percorre a cena com os olhos e vê que o Coronel tinha mordido a isca, aproximando-se cada vez mais do Arlequim com a maioria de seus Uma Roda restantes. Porém, os Cuspidores estavam espalhados por todos os lados, ainda causando pesadas baixas nos Narizes Negros, e Calças parecia decidido a chegar até Caolho, mudando seu trajeto para tentar interceptar o líder inimigo.

David decide ir nessa direção, já que não tinha certeza se Caolho havia notado a rápida aproximação do Cuspidor. Barnacle o encontra no caminho, vê para onde o jovem está olhando e imediatamente se junta a ele, compreendendo a situação.

— Você — ele diz, arfando um pouco com o esforço da luta — você é cheio de surpresas, moleque!

David olha para ele rapidamente, se abaixa para evitar uma labareda de fogo e sorri.

— Até que eu não sou tão burro, né? — provoca.

Barnacle sorri e avista Fox, chamando sua atenção acenando as mãos.

— Fox, pega o Magrilo e o Bife e se juntem ao resto da gangue. A gente vai buscar o chefe! — ele grita.

— Mas eu posso... — ela para e arremessa duas facas simultâneas em dois atacantes que se aproximam sorrateiramente — ah, deixa pra lá! Busquem o chefe!

David vê ela se afastando e rapidamente a perde de vista. Devem ter uns trezentos ou quatrocentos palhaços aqui, calcula mentalmente. Parece a cidade inteira!

— Moleque! — a voz de Barnacle berra em seu ouvido e David é jogado para o lado com força, caindo sobre as mãos no chão.

Uma enorme labareda de fogo surge onde David estava e ele pode ver Calças se aproximando com ódio no olhar e fogo ainda saindo de sua boca, como se ele tivesse uma tocha acesa em sua garganta. Como se ele fosse um dragão. Mas seus olhos não estão em David, mas sim em Caolho, que está a apenas uns seis metros do jovem caído. Ele se levanta e vê Barnacle sendo arremessado longe por uma Uma Roda de rosto quadrado e punhos como tijolos que parece um tanque por si só. A gigante musculosa parte na direção do palhaço arremessado em meio a uma multidão, mas David se detém em vez de ajudá-lo. Perto de onde havia caído, David vê os dois últimos guarda-costas de Caolho sendo derrubados por ataques de um crescente número de Cuspidores que se aproximam cada vez mais do chefe, impedindo seu caminho até o restante das tropas.

David olha na direção de Barnacle, mas se volta novamente para Calças, que está abrindo caminho por meio de seus

próprios soldados para chegar até o líder dos Narizes Negros. Caolho está encurralado e consegue apenas se defender com barreiras invisíveis de ataques que surgem de todos os lados. Ele não vai aguentar, David pensa, e parte em sua direção tentando não pensar em como Barnacle estaria.

Ele arremessa uma faca e abre caminho entre os inimigos, cada vez mais próximo do líder. Enquanto isso, do outro lado, Calças faz o mesmo, avançando com determinação.

— Chefe, o Calças! — David tenta gritar, mas é abafado pelos inimigos que atacam com fogo e socos dolorosos, pelo som da batalha ao redor — O calças! — ele tenta novamente em vão, sendo empurrado por combatentes de ambos os lados.

Não conseguia se mover ou muito menos avançar. Caolho seria pego de surpresa, suas esperanças se esvaem como água girando em direção ao bueiro. Então, em meio a tantos inimigos que David já não sabia o que fazer, o jovem vê Fox e Bife abrindo um caminho para ele.

— Vai logo, cara-lisa! — berra Fox — O chefe não vai ver o Calças a tempo! Vai logo!

— há desespero em sua voz e Bife apenas o observa entre ataques, suplicando que ele vá rápido.

David respira fundo e aproveita o espaço aberto pelos companheiros, se esgueirando entre palhaços rivais que se amontoam, mas são impedidos de o atacarem pela ajuda milagrosa de seus amigos. Ele está prestes a alcançar Caolho, porém, por cima do ombro do chefe, ele também vê Calças surgindo e enchendo sua boca de fogo, seu rosto quase duplicando de tamanho com as bochechas flácidas infladas pelas chamas.

David pensa no movimento que Fox havia usado para derrubar o Uma Roda há pouco, por isso, pula por cima de um

inimigo abaixado, finalmente atravessando o oceano de palhaços, e cai com um rolamento cerca de dois metros na frente do chefe Caolho. O chefe o vê surgindo com surpresa, e então finalmente nota Calças, que está prestes a lançar suas chamas. O chefe fecha os olhos, sem muita possibilidade de reação, e levanta as mãos para tentar fazer uma barreira. Calças começa a abrir sua boca, chamas escapando pela fresta entre seus lábios finos como um vulcão e se projetando em direção ao inimigo despreparado.

David vê tudo isso em câmera lenta. Ele rola pelo chão, apanha sua última faca e a arremessa na direção do líder dos Narizes Negros. A lâmina passa a centímetros da orelha de Caolho, gira uma última vez no ar, e acerta Calças Quentes no peito, jogando-o para trás.

Neste instante, os Narizes Negros conseguem sobrepujar os inimigos que os separam de seu líder, permitindo que Caolho, Fox e David se juntem aos demais, comprimindo os Cuspidores e Uma Roda contra as paredes do bar fechado.

Ao ver isso do telhado (enquanto fazia apostas consigo mesmo a respeito do resultado daquele pequeno embate), Matraquisto percebe que era novamente sua hora de agir. Sua hora de brilhar, como poderia ser diferente?, pensa divertido. Ele se levanta dramaticamente, como se estivesse prestes a se apresentar para uma plateia lá embaixo, e não diante de uma massa de palhaços furiosos.

Os demais Esguichadores fazem o mesmo, já que agora apenas inimigos se concentravam ali embaixo, empurrados pelo reposicionamento dos Narizes Negros e impedidos de fugir pela frente bar. Os Cuspidores e Uma Roda notam os Esguichadores e começam a se empurrar em desespero.

— Esguichadores! — diz Matraquisto com uma mesura exagerada para seu "público" e a mão direita levantada no ar, como um condutor — Façam chover!

A Grande Briga estava acabada.

IV

O pós-batalha lembra a David de documentários sobre a Segunda Guerra, povoados por habitantes de cidades arrasadas que limpam escombros, cuidam dos feridos e encontram pessoas queridas caídas entre a destruição. Em Los Pagliasos, o fim de tarde tinha exatamente esta mesma aura, algo que parecia pertencer a pinturas e registros históricos, mas que se tornava tão terrivelmente estranho e surreal quando vivido na pele. O jovem, que nunca havia sequer brigado até recentemente e agora se tornava praticamente um veterano de guerra, jamais havia cogitado que sua vida pudesse levá-lo até ali. Até uma cena real de pós-batalha. Ao menos, seu lado tinha vencido, comemorando a vitória contidamente por conta das difíceis baixas sofridas.

Alguns dos Narizes Negros haviam começado a beber, como se precisassem superar os acontecimentos o mais rápido possível, forçando a normalidade embriagada a se estabelecer novamente em suas vidas. Outros, escoltavam prisioneiros e inimigos derrotados de volta para seus territórios, longe do local onde os vencedores feridos eram concentrados e tratados.

Foi ali que David finalmente encontrou Barnacle novamente, deitado numa maca improvisada sobre duas mesas do Arlequim.

— Barnacle! — exclama o jovem ao ver seu amigo — Caramba, Bar! Eu não consegui chegar em você, o Caolho...

Barnacle ri e faz uma careta, sentindo uma dor pulsante no pulso e costelas quebradas. Ele tosse dolorosamente por um instante e pigarreia.

— Garoto! — ele dá um tapa amistoso no braço de David — Você sobreviveu, seu *schnook* genial! Não se preocupe com o velho Barnacle — ele dá uma risada e novamente faz uma careta de dor — eu vou ficar bem. E você... Você fez a coisa certa, moleque! Você salvou o chefe!

David parece perceber somente naquele momento que a vitória se devia, em grande parte, graças a seu plano. Além disso, Calças parecia ter Caolho nas mãos quando David intervira no momento exato, fazendo bom uso do treinamento dado por Fox.

Fox! Ele pensa e começa a olhar em volta. Nesse momento, a palhaça arremessadora de facas surge em meio aos demais, perfeitamente intacta. Ela está ajudando Bife, que está com diversas queimaduras e parece bastante ferido, a caminhar até uma das macas improvisadas. Seu companheiro se deita com protestos de dor e um palhaço mais velho se aproxima para atendê-lo.

— E aí, cara-lisa, — diz Fox se aproximando com um meio sorriso — pelo jeito, você é herói de novo, huh?

David fica vermelho e tenta disfarçar, observando as bandagens de Barnacle com atenção.

— Ah, cê sabe que isso é besteira — ele diz sem olhá-la — vocês me salvaram mais do que isso praticamente todos os dias desde que eu cheguei.

— Ora, vejam só! David Sinfield, o Sr. Modéstia! — ela provoca.

Ninguém ali usava seu nome, o jovem pensa. Já começava a quase soar estranho, externo. Ainda assim, agradável de se ouvir.

— Eu só... — ele começa, mas ela o interrompe plantando um beijo sem jeito em seu rosto.

Ele arregala os olhos surpreso, porém, ela dá um passo para trás com um sorriso atipicamente encabulado.

— Mais tarde a gente se fala, eu vou dar uma mão pro pessoal. Talvez a gente se encontre no bar — ela se afasta sem se despedir, mas completa por cima do ombro. — Né?

Momentos depois, Fox desaparece no pequeno pós-guerra de Los Pagliasos.

— Garanhão. — sussurra Barnacle com um largo sorriso divertido.

O Coronel e Calças Quentes não haviam sobrevivido ao combate, por isso, os Uma Roda e Cuspidores sobreviventes já começavam a silenciosamente planejarem quem tomaria os cobiçados postos de liderança. Matraquisto havia saído como um herói dos Narizes Negros, estabelecendo uma proximidade quase instantânea entre as duas gangues. Ao seu redor, David vê palhaços com flores ácidas e mímicos de preto e branco conversando amigavelmente, ajudando a cuidar de feridos uns dos outros e a carregar os caídos. Um senso de paz entre os sobreviventes parecia lentamente substituir o frenesi da batalha. Para David, aquilo era uma mudança bem-vinda, apesar de evidentemente frágil.

— A coisa vai pegar pra aqueles *schnooks* dos Uma Roda e dos Cuspidores, moleque. — explica Barnacle da maca, apontando para prisioneiros que são levados para longe — Os tributos vão aumentar e a área deles vai diminuir. Essas são as regras da cidade e eles sabiam disso quando desafiaram a gente. — ele passa a mão no rosto desgostoso.

David sente o paralelo com documentários de guerra surgir novamente, especialmente com a Alemanha após a Primeira Guerra. Ele torce que ali a história não se repetisse da mesma forma em todos os mundos.

— E o Coronel era um cara moderado, tem muito Uma Roda doido por aí. — resmunga Barnacle como se sentisse um cheiro ruim no ar – Espero, pro bem da cidade, que o *consilhéri* e o chefe saibam o que tão fazendo.

O jovem vasculha os rostos do sobrevivente e não vê remorso ou dúvida, apenas raiva silenciosa. Isso lhe causa um calafrio.

Após algum tempo ajudando com a situação do local, David para um instante para descansar. A noite havia chegado abafada, prenunciando uma chuva que lavaria as marcas da batalha. No dia seguinte, seria como se nada tivesse acontecido. O jovem pede um café no bar e se senta próximo de uma janela, silenciosamente observando o movimento lá fora. Ele nota alguém se aproximando de sua mesa; o velho palhaço que iniciava e terminava todas as reuniões dos Narizes Negros. David pensava nele como "o ovo de terno e gravata", mas jamais havia ouvido seu nome.

— Sr. Cara-lisa, — o som era de desprezo mascarado por uma leve camada de profissionalismo — o chefe te convidou pra jantar na casa dele hoje. — ele pigarreia, como o faz costumeiramente ao falar mais do que duas frases — Cê é um herói, cara-lisa. Parabéns, sei lá...

Ele se afasta com um muxoxo desinteressado. David toma um gole de café sem dizer nada e então sorri. Afinal, ele era um herói, por que não deveria sorrir? De onde veio, era um ilustríssimo ninguém que tinha perdido a mãe. Nenhuma segurança ou estabilidade, nenhum reconhecimento por todos os sacrifícios. Ninguém para lhe dar a mão, lhe ensinar as coisas ou plantar beijos em seu rosto.

Ali, David Sinfield era o cara-lisa que havia derrubado Botélio e Calças Quentes. Em Los Pagliasos, ele era um estrategista e um guerreiro.

Ele dá mais um longo gole da bebida quente que não era café, mas se parecia o bastante com café para o seu gosto, e deixa uma risada curta escapar. A risada se torna uma gargalhada, ele não sabe porque está rindo, mas sabe que se sente feliz. Muito feliz, feliz como talvez nunca havia se sentido.

Ele era um Nariz Negro e jantaria na casa do chefe.

V

A camisa de David estava suja e rasgada da batalha, por isso, naquela noite ele usava a camiseta de seu pijama. O item já possuiu grande valor sentimental para o dono — era a primeira camiseta de sua agora extinta banda e continha a ilustração de um lobo com o nome "Eles Mordem" estampados em preto sobre o tecido branco —, porém, com o tempo, a banda acabou, a música abandonou sua vida, e ele a ela, e a camiseta se tornou eventualmente apenas mais um pijama. Um de seus favoritos, claro, mas nada mais do que um pijama.

Em Los Pagliasos, era sua única muda de roupa, por isso, seria com ela que David jantaria com o chefe dos Narizes Negros. Ele se olha no espelho, com a camiseta sobre as calças sociais pretas, se vira de lado, analisando, e decide colocar o terno por cima. David se observa novamente no reflexo, dá-se por satisfeito com um sorriso e coloca seu chapéu enquanto caminha até a porta.

Barnacle fora levado para o médico da gangue e ficaria sob observação até o dia seguinte, por isso, David tinha o sobrado todo para si. Não pôde aproveitar o momento de solidão para descansar, contudo, já que lhe deram apenas algumas horas para se preparar para seu importante jantar.

Não sabia dizer o porquê, mas sentia-se um pouco nervoso com a ideia de passar tempo sozinho com o chefe. Talvez fosse o único convidado, contudo, torcia para que este não fosse o caso. Preferia apenas se sentar em algum lugar e deixar a socialização para palhaços como Barnacle. Contudo, faria o que precisava. Gostava da ideia de ser celebrado como um herói, pra variar.

Ele sai para a rua assobiando uma canção cujo nome está tentando lembrar há ao menos duas horas. Por que estava esquecendo tantas coisas, ele se pergunta irritado. Porém, não permitiria que aquele detalhe o afetasse, não senhor. Seu humor estava cristalino enquanto passava por quadra após quadra, em direção à área mais alta e nobre do bairro dos Narizes Negros,

que havia agora aumentado de tamanho graças a vitória sobre os desafiantes.

Ao longe, ele vê a casa que o velho ovo de terno indicara, uma pequena mansão que pareceria mais natural no bairro dos Esguichadores, com seu longo telhado angular que se eleva até a altura de um punhado de árvores escuras plantadas no jardim que cerca a construção.

David se aproxima e bate na porta três vezes. Ele pensa por um instante e completa com mais duas batidas, como Barnacle havia feito em sua primeira visita ao Palhaço Caolho, o cassino e base principal dos Narizes Negros. Para sua surpresa, é Magrilo que atende a porta com um sorriso cordial. Não via o palhaço desde a Briga e o jovem fica feliz de ver que o companheiro apresentava apenas alguns machucados superficiais.

— Eu dei sorte, isso sim — Magrilo explica enquanto acompanha David para dentro do hall de entrada da casa — acabei indo com a primeira onda que deu a volta nos desgraçados, por isso, acabei não me ferrando tanto. — ele completa, passando a mão no pequeno curativo em seu rosto.

A mobília ali é mais refinada do que as da casa de Barnacle, feita em madeira trabalhada com detalhes em belos tecidos com padrões preto e branco. Como era de se esperar, grande parte dos itens da decoração eram, como os próprios Narizes Negros, pretos e brancos.

Magrilo o leva por um pequeno corredor que termina em uma sala de jantar com uma grande mesa posta para três.

— Eu tô dando uma mão pro chefe, ele acabou mais machucado que eu. — conta Magrilo — o *consilhéri* achou que podia ser uma boa ideia. — ele diz e em seguida solta um longo bocejo — Desculpe, foi um dia longo.

— Com certeza, Magrilo. — responde David sem muita atenção, hipnotizado pelos finos detalhes do lustre suspenso sobre a mesa.

Após alguns instantes, Caolho aparece por uma porta, sorrindo para David com os braços abertos. Tinha parte do rosto coberto por bandagens e o jovem conseguia ver através de sua camisa social branca que o tronco do líder da gangue também estava todo enfaixado.

— Arranhões! — diz o chefe animado dando um abraço em David — Só arranhões, cara-lisa. Ou devo chamar você de meu herói? — ele dá uma risada e faz uma careta de dor, exatamente como Barnacle mais cedo.

— Vocês cuidaram de mim... Me treinaram, abrigaram, ensinaram como as coisas funcionam por aqui. — diz David encabulado — Eu estaria frito sem a gangue. Era o mínimo que eu podia fazer, chefe.

— O garoto é modesto, Magrilo! — diz Caolho apontando para David.

— É sim, chefe. — responde magrelo e torna a bocejar.

Os três se sentam e começam a se servir dos recipientes de louça fina sobre a mesa. Novamente, pareciam aproximações de pratos que David conhecia, mas sempre mais coloridos e surpreendentemente doces. O jovem imaginava que um chef de cozinha de dez anos de idade parecia comandar os apetites e as preferências culinárias dos habitantes da cidade.

— O conselheiro não vem? — pergunta David após se servir.

— Flynn está acertando as coisas com os Esguichadores enquanto eu me recupero. — responde Caolho ao colocar um enorme pedaço de lasanha de cor roxa em seu já cheio e fumegante prato — Falando em Esguichadores — ele

fica um pouco mais sério — negócio arriscado o que você fez, moleque.

David engole em seco.

— Primeiro, invadindo a fábrica dos Cuspidores pra resgatar o nosso pessoal, expondo a gangue a perdas logo antes da Grande Briga — ele espeta a comida com o garfo — depois indo até o Matraquisto por trás das nossas costas pra fazer seu pequeno acerto — ele espeta o garfo novamente —, como eu disse, negócio arriscado.

David levanta o dedo, pronto para responder, mas Caolho começa a rir e enfia uma garfada na boca.

— Eu tô te enchendo, moleque. — diz ele após engolir sua comida — Você foi um gênio, salvou nossas bundas de uma briga desequilibrada. Ainda por cima, sem você, talvez o Calças tivesse me fritado vivo! Você é um herói, moleque. Não deixe ninguém te convencer do contrário!

Ele se ergue sobre a mesa e dá um tapa no ombro de David, que sorri e assente com a cabeça.

— Eu tenho planos pra você, Sr. Sinfield. Grandes planos! — diz Caolho empolgado — Você tem uma cabeça boa, muito boa. Com você e o Flynn do nosso lado, ninguém mais segura os Narizes Negros!

Magrilo concorda e boceja novamente.

— O que você acha de virar um líder na gangue, hein? Eu posso colocar algumas outras cabeças boas sob o seu comando, você seria a inteligência dos Narizes Negros, cara-lisa. — oferece Caolho com um meio sorriso de vendedor

— Pense só! Uma casa só sua, seus próprios soldados! Você reportaria só ao conselheiro — ele pausa — e a mim, claro.

A cabeça de David se enche com a imagem e torna sua casa, aquela no mundo do qual viera, algo cada vez mais distante e indesejável. Mal podia esperar para contar tudo aquilo para Barnacle e Fox. Eles iriam surtar de alegria! Parecia que o jovem não iria a lugar nenhum.

— É claro, chefe — ele diz finalmente, retornando de suas fantasias — seria uma honra! Eu vou deixar você e os Narizes Negros orgulhosos, pode contar comigo!

A refeição se estende por mais algum tempo, Caolho repetindo prato após prato e David plenamente satisfeito em sua primeira pratada generosa. Magrilo apanha os pratos e sai em direção da cozinha, retornando em seguida com uma bandeja prateada nas mãos. Sobre ela, há três copos baixos de cristal lustrado e a garrafa de uma bebida de aparência cara.

— Ah, perfeito! — diz o chefe esfregando as mãos em antecipação — Essa é a seleção especial da gerência, cara-lisa. Guardada pra momentos especiais, como esse! — Magrilo pousa a bandeja entre eles e entrega um copo para cada. Ele serve uma dose generosa para o chefe, então para si e, quando vai servir David, ele precisa abafar um bocejo com a mão.

— Desculpem. — ele diz rapidamente e termina de servir o copo do jovem, que apenas o observa com uma expressão curiosa.

— Você sempre boceja quando tá nervoso... — David sussurra para si mesmo.

— O que cê disse? — pergunta Caolho, já com a bebida em mãos erguida para um brinde.

— Ah, nada — diz David em dúvida — nada não.

Os três erguem os copos.

— A um novo amanhecer para os Narizes Negros, para Los Pagliasos — ele olha para David — e para nosso herói, David Sinfield, o cara-lisa mais barra-pesada que essa cidade já viu!

Magrilo novamente abafa um bocejo com as costas da mão antes de dar seu gole. David trava com o copo a meio caminho da boca, vendo Caolho levar a bebida aos lábios. Havia algo errado ali, por que Magrilo estava nervoso? Ou estaria David imaginando coisas, levado à paranoia pela violência que, até então, lhe era tão estranha? Sem uma conclusão definitiva, David abaixa o copo sem bebê-lo e faz menção de dizer algo para Caolho. Porém, era tarde demais, o chefe já havia virado sua dose com um sonoro "aaah".

Magrilo também abaixa seu copo intocado, olhando para David com uma expressão de tristeza profunda.

— Você devia ter tomado, cara-lisa — ele diz com enorme pesar na voz e lágrimas brotando de seus olhos — por que você precisa sempre complicar as coisas?

Caolho se vira para Magrilo, seu olho visível se arregala e ele leva ambas as mãos até o pescoço com uma expressão de desespero. David se levanta, derrubando a cadeira que cai para trás com um baque, e se aproxima do chefe, tentando entender o que está acontecendo.

— Você... — diz Caolho olhando para Magrilo com horror — você me envenenou, seu *jamúque* traidor....

Magrilo se afasta dos dois e vai até a ponta da sala de jantar, como uma criança envergonhada observando as consequências de seus atos. Caolho cai da cadeira e se debate no chão. David se coloca sobre ele, desesperadamente tentando ajudar.

— Chefe...! Chefe, por favor! — David afrouxa a gravata do palhaço caído — Alguém, por favor! Ajudem! O chefe...!

— Eu não tive escolha... — murmura Magrilo com lágrimas escorrendo pelo rosto — ele me prometeu... Eu não tive escolha...

— Alguém ajude! Por favor! — prossegue David em desespero.

Magrilo limpa as lágrimas de seu rosto ao ouvir a voz do jovem se elevar e se adianta, retornando do torpor momentâneo de sua traição. Caolho começa a se debater cada vez menos, veias roxas pulsando em seu rosto largo.

— Alguém ajude! O chefe foi envenenado! — grita Magrilo e David o encara confuso — O cara-lisa envenenou o chefe! Venham rápido, seus imprestáveis!

Momentos depois, a porta de entrada se escancara e quatro Narizes Negros enormes, provavelmente os novos guarda-costas de Caolho que estavam por perto, entram apressados.

— Rápido, seus *jamúques*! Peguem ele! — Magrilo aponta para David que, instintivamente, se afasta alguns passos e para com as costas encostadas na grande janela que dá para o jardim lá fora.

— Não! Eu não... — diz David atônito — foi ele! Foi o Magrilo! Vocês precisam acreditar!

Porém, os palhaços vão em sua direção cautelosamente, com uma fúria ensurdecendo seus ouvidos para qualquer apelo.

— Filho da mãe! — berra um deles — Como você pôde?!

— A gente vai te quebrar no meio, cara-lisa do inferno! — urra outro, olhando o corpo de Caolho que não mais se mexia, mãos em seu próprio pescoço em uma última tentativa de, de alguma forma, livrar-se do veneno que o matava.

— Não! — responde David com os olhos marejados — Vocês precisam acreditar em mim! Foi aquele desgraçado! — ele aponta para Magrilo, que se junta aos recém-chegados, ajudando-os a fecharem o cerco sobre o alvo.

David olha em volta, avaliando sua situação. Então, pousa os olhos sobre Caolho.

— Me desculpe, chefe. — e ele se joga pela janela em direção ao jardim.

O vidro explode ao seu redor e cacos brilhantes chovem sobre grama quando ele atinge o solo, rola sem jeito e se põe a correr pela rua escura. De herói a pária em menos de um dia, David Sinfield era agora um inimigo dos Narizes Negros.

Fugitivo

I

Certa vez, muito anos antes, David tentou expressar na prática o tipo de pessoa que ele acreditava ser. A lição havia causado uma forte impressão em seus anos de formação e o jovem sempre teve a suspeita de que, se as coisas tivessem terminado de forma diferente, toda sua vida talvez seguisse um rumo alternativo. Um rumo melhor.

Na ocasião, David era apenas um adolescente caminhando pelo cenário urbano do centro de sua cidade. O lugar em si não possuía grandes atrativos naturais ou históricos e, com o fechamento de diversas indústrias com o passar dos anos, havia caído em um tipo de esquecimento social; a vista grossa era a lei entre seus habitantes. Afinal, quem quer se arriscar pelos outros?

David sempre considerara aquilo estranho, antinatural. A escola os ensinava a serem boas pessoas, cidadãos responsáveis e tudo mais, porém, a prática não poderia estar mais longe disso. No dia a dia, quando alguém via alguma coisa de errado, seguia na direção oposta imediatamente para não se envolver ou, pior, tornar-se uma vítima também. Se o caso já houvesse ocorrido, como um acidente de carro, a reação inversa era provocada, todos queriam dar uma espiada no estrago. Sua jovem mente dava voltas em si mesma tentando entender esse comportamento.

E foi assim que David, um moleque com espinhas na cara e calças jeans largas, avistou um assalto ocorrendo com o canto dos olhos. Havia acabado de passar por uma ruela quando algo lhe chamou atenção, obrigando-o a retornar para observar melhor da esquina. Lembre-se, as pessoas sempre acabam encarando a desgraça, mesmo que momentaneamente e logo antes de correrem para longe. No meio da quadra adiante, um garoto mirrado que David conhecia de vista do colégio era empurrado contra a parede de tijolos pichada por dois garotos mais velhos

extremamente mal-intencionados. Ironicamente, logo acima do garoto caído, havia uma pichação com as palavras “Derrubem o opressor”.

— Passa a grana, seu merdinha. — disse o mais alto com um sorriso maligno.

— É, passa a grana! — repetiu o outro, querendo agradar.

O mais alto se virou e deu um tapa sonoro na nuca de seu parceiro, que apenas suspirou resignado.

— Cala a boca e vai logo! — repreendeu, indicando a vítima com o queixo — Pega logo a carteira do pivete, vai!

David fechou as mãos com força, sentindo a raiva encher seu corpo todo. Odiava ver valentões tirando vantagem de pessoas menores. Simplesmente odiava! E ali estavam aqueles dois fazendo exatamente isso com um garoto como ele próprio. Quanto tempo levaria pra situação estar invertida e ele precisar de socorro? Sem pensar duas vezes, jogou sua mochila no chão como um super-herói se preparando para o combate e partiu para cima dos assaltantes juvenis, ambos ao menos um palmo mais alto do que ele e definitivamente mais largos. Ele não se importava, cego por sua própria bravura súbita e indomável.

Ambos estavam tão entretidos com as lágrimas de sua vítima que não perceberam David se aproximando a passos largos, os punhos amarelos, tão apertados que quase não havia mais sangue neles. Ele se lembra de ter puxado o braço direito para trás como nos filmes de ação (ele jamais havia brigado de verdade), sua mente explodindo com a ideia do conflito adiante. Tudo nele tremia.

Mas David não foi rápido o suficiente, ou talvez tenha feito barulho ao se aproximar, não conseguia se lembrar ao certo. Antes mesmo que pudesse desferir seu primeiro almejado golpe

justiceiro, o garoto mais alto o viu e sacou uma faca com um movimento ágil. Ele se virou para David com um sorriso divertido.

— Olha só, chegô o herói... — disse o valentão jogando a lâmina de uma mão para outra.

Neste instante, David congelou em pleno movimento, como uma estátua, toda a bravura partindo por seus poros e desaparecendo no ar diante de seus olhos. Ele viu que o garotinho mirrado o observava com lágrimas nos olhos. "Por favor", dizia sua boca sem nenhum som. Mas David não era corajoso, não de verdade. O impulso de ser o herói de sua própria vida o abandonara e, como um completo covarde, ele deu as costas e simplesmente saiu correndo dali.

— Corre, herói fajuto! — gritou um deles enquanto David partia dali como um coelho.

Ele apanhou sua mochila com uma derrapada sem jeito e partiu pela rua, correndo como um maratonista. Seus olhos se enchiam de lágrimas e transbordavam pelo seu rosto, enchendo-o de vergonha de ter abandonado o garotinho a sua própria sorte nas mãos daqueles dois bandidos. Ainda sim, ele correu e correu e correu ainda mais, até chegar em sua casa onde abraçaria a mãe, mas não teria coragem de lhe dizer o que havia acontecido. Ele nunca contaria essa história pra ninguém, tamanha a vergonha que sentia de si mesmo.

— Você é um bom garoto, filhote... — disse sua mãe naquela noite para um garotinho que chorava em silêncio — E eu sempre vou estar aqui pra te lembrar disso.

Mas ela não estava, pensa David, agora um adulto, enquanto corre pelas ruas escuras de Los Pagliasos. Lá atrás, estava o corpo do chefe Caolho, envenenado por Magrilo — "ele me prometeu", o traidor havia dito — que havia jogado a culpa do

ato nas costas do jovem cara-lisa. Por isso, David corria como não havia corrido desde aquele fatídico dia de sua adolescência. Não havia uma casa lhe aguardando ou os braços de sua mãe para lhe envolver e garantirem, jurarem, que tudo ficaria bem. Que ele era um bom garoto. David não se sentia um bom garoto em Los Pagliasos. A cidade encorajava, quase exigia cada pedacinho de sua agressividade, de algo dentro dele que estava esquecido, e ele simplesmente queria a calma e a paz de sua antiga vida. De quando ainda era uma criança que nunca tinha brigado.

David perambulou pela cidade a toda velocidade até sentir seus pulmões queimando e suas pernas latejando. Corria dos Narizes Negros, mas também corria da ruptura de seu novo mundo, da quebra das promessas que representavam sua vida dali em diante na cidade, seu recomeço longe dos problemas que havia deixado para trás quando partiu de seu mundo de origem.

Quando deu por si, estava próximo da área dos Malabaristas. No escuro, o beco que dava acesso à rede de ruelas e acessos habitadas pela gangue silenciosa parecia ameaçador, como um portal para uma dimensão sombria. Porém, David sabia que aquele era um lugar evitado por todos os demais, por isso, aproximou-se cautelosamente, atento para sons de possíveis ameaças. Não parecia haver ninguém ali, o jovem calculava que devia ser lá pelo meio da noite. Tinha corrido muito, não sabia exatamente por quanto tempo.

"Corre, herói fajuto".

Silenciosamente, David adentrou o beco e imediatamente se viu diante de dezenas de pequenas vias que se emaranhavam em todas as direções. Algumas tinham cercas de metal com rasgos que davam passagem para cantos sombrios, outras eram atulhadas de lixo, caixas e grandes latas enferrujadas, enquanto outras pareciam apenas antigas ruas de paralelepípedos mal planejadas, tortas e indo para aparentemente lugar nenhum. Numa delas, um gato de corpo longo e quase sem pelos se espreguiçou e se virou para David, encarando-o com olhos brilhantes.

Como estava no Carnivalle, David pensa, é óbvio que haveria uma máscara incomodamente humana e julgadora cobrindo a cara do felino inteira. O gato lambeu suas patas imundas e partiu, pulando sobre um muro parcialmente caído.

Apesar de conhecer a cidade relativamente bem, jamais havia se embrenhado no território dos Malabaristas, que parecia cada vez mais um labirinto. Por isso, tinha de escolher seu caminho quase aleatoriamente no escuro.

Após algum tempo caminhando, David cambaleia e precisa se apoiar em um poste cuja lâmpada acende por apenas alguns segundos em intervalos irregulares. Está esgotado, física e mentalmente. Sem pensar, ele puxa uma caixa de papelão achatada de um canto e se senta sobre ela com as pernas dobradas no peito e as mãos abraçadas em si mesmo. Exatamente como havia ficado em sua cela do Expresso Coelho Branco. Ele se encosta na parede próxima, coberta de cartazes antigos de shows e lutas de boxe entre palhaços musculosos com fartos bigodes encerados.

Com as costas da mão, ele limpa o rosto enquanto se aninha no canto de uma lata de lixo, sentindo o corpo agradecer e formigar com o descanso necessário. Caolho estava morto. Barnacle e Fox teriam sido informados de sua suposta traição a essa altura. Será que acreditariam nele? Seriam eles seus inimigos? David suspira, apertando as pernas contra o peito.

Sem nem perceber, o cara-lisa fugitivo cede à exaustão e pega no sono.

II

Seu descanso dura apenas algumas horas, já que David é trazido de volta à consciência pelo som de lixo sendo revirado e das vozes que se aproximam.

— A gente precisa encontrar o cara-lisa hoje ou o *consilhéri* vai dar a gente de comer pras formigraves! — diz uma voz na escuridão não muito longe.

— E fiquem ligados caso os Malabaristas apareçam. — responde outra voz — O Flynn disse que os ratos estavam de esquema com ele desde o começo! Eles que pagaram ele pra envenenar o chefe!

— Aqueles ratos sujos. — resmunga a primeira voz com nojo.

David se levanta rapidamente e se afasta das vozes que parecem procurá-lo. Ele passa pela fresta de um portão fechado frouxamente com uma corrente e se embrenha ainda mais no território desconhecido. Há tonéis metálicos cheios de cinzas por todos os lados, porém, nenhum aceso naquela noite. Aonde estariam os Malabaristas, David se pergunta, por que tinham dito que eles estavam com ele? De onde Flynn teria tirado essa ideia? Ele afasta um grande plástico rasgado que está em seu caminho, pendurado de uma escada de incêndio de aparência enferrujada e instável.

Ao atravessar o véu de plástico sujo, David se depara com uma figura sombria que está a apenas uns quatro metros de distância. Ele dá um passo para trás, preparando-se para correr, mas vê que a figura não se move em sua direção ou se porta de maneira ameaçadora. O rapaz fugitivo aperta os olhos na escuridão e percebe se tratar de um Malabarista. Era a primeira vez que David via um deles que não estivesse jogando objetos no ar compulsivamente e a expressão em seu rosto maquiado de preto é muitíssimo séria, quase solene.

Ele aponta para si mesmo, depois para David e em seguida faz uma curta dancinha, como um antigo vaudeville cansado.

— Nós fomos traídos como você. — diz uma voz macia e sábia diretamente em sua cabeça — A aliança com os Narizes Negros foi quebrada e seu novo líder deseja nos caçar como ratos.

David olha para ele atônito, quem seria o novo líder dos Narizes Negros? Sons começam a surgir do caminho pelo qual viera. O Malabarista, que é um pouco mais baixo que David, veste roupas pretas muito gastas e usa maquiagem igualmente preta ao redor dos olhos e da boca, indica uma direção com a cabeça e se põe a andar. Para o cara-lisa, ele parecia um adolescente gótico guerrilheiro, percorrendo agilmente os escombros de sua antiga cidade.

Se retornasse, provavelmente daria de cara com os Narizes Negros, por isso, o jovem decide apostar suas chances no novo guia e põe-se a segui-lo por uma ruela torta tão fina que nem mesmo uma moto conseguiria passar com segurança.

Algum tempo depois, o Malabarista se vira para ele após passarem por debaixo de um andaime que parecia não cair por pura força de vontade. Ele aponta para David, bate uma mão fechada contra a outra e retira do bolso um balão preto desinflado, do tipo usado para fazer esculturas em festas infantis. Ele o enche rapidamente com suas profundas respirações e o molda num formato que o jovem não consegue compreender, algo como uma runa ou símbolo arcano.

— Você desconhece seu potencial, cara-lisa — a voz diz em sua mente —, mas você pode mudar nosso mundo. — ele fecha a mão esquerda e a cobre com a direita, aponta para si e ao redor numa dancinha sem ritmo — Somente você pode salvar a si mesmo e a todos nós.

David o encara boquiaberto, sem compreender o que está sendo dito.

— O que... O que você quer dizer com isso? — o jovem pergunta — Que loucura você tá falando?

O Malabarista suspira e novamente aponta para David, fixando o gesto com uma segunda apontada em direção ao seu peito. Ele gira no lugar, pulando numa perna só, aperta seu

nariz, preto e redondo como os dos Narizes Negros, duas vezes e finalmente leva o dedo pintado também de preto em direção à testa de David.

— Você deve aceitar o caminho. — a voz do Malabarista lhe diz didaticamente — O caminho se revelará.

A figura escura volta a andar e David, confuso como apenas aquele lugar conseguia lhe deixar, o segue silenciosamente, tentando digerir suas palavras proféticas. Já estava naquele mundo a tempo o bastante para não descartar nada como besteira imediatamente, porém, definitivamente não sabia o que fazer com aquelas informações.

Se é que algo poderia ser realmente feito, afinal, ali o caminho tendia a se revelar quando bem desejasse, ele pensa com uma ponta de raiva.

Eles caminham por mais algum tempo pelo labirinto urbano e decadente que compõe aquela estranha área da cidade. Ambos ouvem sons de Narizes Negros e Esguichadores em bandos mais de uma vez, contornando quadras inteiras para evitar os palhaços que pareciam caçar tanto Malabaristas quanto um certo cara-lisa traidor. Cerca de meia hora depois, David entra em uma rua, seguindo seu guia e morador local, para perceber que ele havia simplesmente desaparecido. Lá adiante parecia estar o fim do labirinto, desembocando em um lugar que David já vira tanto em seus sonhos quanto acordado; a terrível construção com domo dourado. O local já exercia um fascínio gigante sobre ele, mas estar ali, tão perto, fez tudo ressurgir com uma força inevitável. David mal percebe que começa a andar em sua direção boquiaberto.

Ele justifica a escolha dizendo para si mesmo que nunca ninguém entrava lá, logo, parecia uma boa escolha para um esconderijo. Ao menos até que ele tivesse um plano pra limpar seu nome. Acreditava com todas as forças que as promessas

de Caolho ainda poderiam se concretizar, sua vida ainda podia ser boa em Los Pagliasos.

Para isso, precisava expor Magrilo como o filho da mãe traiçoeiro que ele é.

III

Porém, ao alcançar o fim da quadra, ladeada por construções altas abandonadas que formavam enormes paredões pichados, David é surpreendido por um soco que lhe acerta a lateral do rosto como um raio. Apesar dele não perceber, há uma pichação próxima dele com as palavras "Derrubem o Louco opressor", em tinta preta desgastada. Ele cambaleia para trás, levantando as mãos em defesa, mas é surpreendido pela visão de Barnacle, seu melhor amigo naquele lugar, que parte em sua direção com os olhos cegos de raiva.

— Cara-lisa desgraçado. — diz ele lançando um soco que David defende com seus antebraços — Você! Por quê?! Por que você fez isso com o chefe?! Depois de tudo que eu fiz por você, seu filho da mãe!

David fica atônito pelo encontro e gagueja tentando se explicar enquanto evita os golpes de Barnacle. O palhaço está em péssimas condições e evidentemente deveria estar descansado, por isso, seus socos são fracos e mal mirados. As costelas de Barnacle ardem com violência a cada esforço, porém, ele não para de avançar, lágrimas marejando seus olhos. Ele se recusava a chorar, ainda mais por um cara-lisa traidor.

— Eu vou te arrebentar, seu desgraçado! — urra Barnacle, a voz já rouca e falha — Lute comigo, se você ainda vale alguma coisa! Vamo!

David leva dois socos seguidos no rosto e cambaleia novamente, mas Barnacle está chiando com o esforço e começa a se esvair em direção ao chão. O jovem o apanha e tenta ajudá-lo, mas Barnacle o afasta com empurrões cansados.

— Não fui eu. — suspira David finalmente — Você tem que acreditar em mim, Bar! — ele implora, seus olhos igualmente marejados — Foi o Magrilo! Você me conhece, você cuidou de mim, caramba! Eu nunca faria isso com vocês, você sabe disso!

Barnacle respira profundamente e tenta se levantar, mas não consegue, por isso, põe-se sentado soltando o ar sonoramente.

— O que... — ele diz, mas se interrompe — Cê tá dizendo que o Magrilo fez isso? Cê tá louco? Ele nunca faria isso! Eu... Eu conheço ele... — argumenta, mas já sem tanta convicção.

David se encosta na parede próxima de Barnacle, também respirando profunda e sonoramente.

— Ele não parava de bocejar, aquele filho da mãe... — explica David sem olhar para o amigo, encarando o chão sujo — O Magrilo boceja quando tá nervoso. — sussurra Barnacle para si mesmo.

— Ele serviu os copos... Eu não bebi, mas o Caolho bebeu. Quando eu vi, o chefe já tava caído e o Magrilo... — ele suspira longamente — O Magrilo falou pra todo mundo que fui eu...

Barnacle limpa as lágrimas do rosto assim que elas rolam por suas bochechas brancas, envergonhado pela demonstração sentimental. Ele funga e tenta se levantar mais uma vez, mas desiste com uma careta de dor.

— Foi o Magrilo...? — Barnacle indaga ainda com o rosto contorcido pelo esforço — Mas por quê?

David escorre pela parede e se senta também, sentindo-se completamente exaurido. Poderia jurar que se todos os Narizes Negros e Alichinos daquele mundo surgissem pela rua nesse momento, ele apenas se entregaria sem brigar. Não aguentava mais se mover.

— Ele disse... — o jovem respira fundo — ele disse que alguém prometeu algo pra ele.

Barnacle e David ficam quietos por um momento. É o palhaço que quebra o silêncio.

— O *consilhéri* ferrou a gente. — ele diz com claro desprezo — Flynn nomeou o Matraquisto como chefe provisório dos Narizes Negros. Sem o Caolho e com tantos de nós machucados, não teve muito que a gente pudesse fazer.

David passa as mãos pelo rosto lentamente. Havia um plano maior do que o seu acontecendo todo o tempo e ele ainda nem o compreendia completamente.

— O Matraquisto odeia os Malabaristas e tá jogando a tua suposta traição na deles. Que estava tudo combinado entre vocês desde o começo, desde que você chegou aqui. Agora ele tá caçando eles feito um doido. Tudo com o aval do seu novo *consilhéri*. — desabafa Barnacle tristemente com os olhos fechados — Eu sabia que tava tudo errado. Eu deveria ter feito algo... Eu poderia...

David toca o ombro do amigo e lhe dirige um olhar de compaixão.

— Eu que tava lá... E não consegui fazer nada. — David sente uma lágrima escorrer pelo rosto — Isso é tudo culpa minha. A Fox... — ele dá uma risadinha sem graça — Sei lá.

Barnacle abre os olhos e o observa.

— Ela sabe, moleque — ele dá um sorrisinho torto dolorido — acho que todo mundo já sabe, he he.

O rapaz dá uma risada, curta e chorosa, e ajuda o amigo ferido a se levantar com guinchos de dor.

— E se eu for com você, moleque? Pra onde você tá indo...? — indaga Barnacle de uma maneira atipicamente inocente — O velho Bar pode ser útil.

David lhe dá um abraço, evitando apertar suas costelas machucadas. Barnacle se contrai surpreso, mas retribui o gesto.

— Você precisa se recuperar — diz David — e tentar... Garantir que as coisas não saiam muito do controle.

Barnacle limpa uma lágrima do olho com o dedo.

— Cuide-se por aí. — diz o palhaço com um sorriso preocupado — Espero que cê encontre seu caminho... Seja lá pra onde ele for. Você sobreviveu a Los Pagliasos, he he, cê tá preparado.

— Você daria um bom chefe, Bar. — sugere o jovem.

— E eu começando a achar que cê era esperto, moleque. — replica Barnacle com uma risada e começa a se afastar — Eu vou tentar despistar os garotos que tão por perto... Cê já sabe pra onde cê tem que ir?

David assente com a cabeça e aponta o domo dourado adiante.

— Pra lá.

IV

Deixando Barnacle para trás com o coração pesado, David atravessa a rua e se aproxima do lugar que vira primeiramente em seus sonhos. Gostaria muito que o amigo fosse com ele, mais do que conseguiria expressar em palavras, mas Barnacle não estava em condições de sair em uma direção desconhecida. Precisava descansar e, se tivesse inteligência e uma boa dose de sorte, começar a luta para conquistar sua gangue de volta. De alguma forma, achava que tornaria a ver o Nariz Negro que o tinha abrigado e ensinado tanto em seu tempo ali.

Ao chegar mais perto da construção angular, David é lembrado do quão pesadas e maciças suas portas são. Ele toca a superfície fria e escura, constatando se tratar de algum tipo de pedra. Não há cortes, enfeites ou mesmo uma maçaneta, por isso, David coloca seu ombro contra a porta e começa a empurrá-la com todas as forças. Nesse momento, ele nota um grupo de Narizes Negros e Esguichadores descendo a rua em sua direção. Eles não parecem tê-lo visto ainda, mas não demoraria pra que isso acontecesse e ele fosse levado para a versão daquele mundo do julgamento de um traidor. Tinha certeza de que não queria descobrir como seria a experiência.

Ele pressiona o corpo todo contra a porta pesada e começa a senti-la se mover levemente. Os palhaços param um instante, checando o interior de um prédio fechado há algumas quadras, olhando pelas janelas com lanternas antigas e pesadas. Eu preciso abrir essa porta já, ele pensa desesperado, sentindo o suor brotar com o esforço de mover as enormes placas de pedra que mantinham o misterioso lugar fechado.

A porta se move mais um pouco e, em seguida, com um último esforço extra, David a sente cedendo no mesmo instante que um dos palhaços chega perigosamente próximo, distraído (para sua sorte) com o papo de seus companheiros de busca. A porta finalmente se abre o bastante para que ele entre e David se espreme pelo espaço disponível com quase nenhuma sobra. Ao entrar, ele imediatamente se põe a fechar a pesada porta novamente, usando o que ele sente ser boa parte de sua reserva de energia restante. Quando ela se fecha, o jovem solta um suspiro cansado e aliviado enquanto se vira e se senta no chão com as costas contra a porta.

Ele recupera o fôlego enquanto olha em volta admirado. Por dentro, a construção parece um mausoléu opulento iluminado por centenas de velas, pinturas de constelações e figuras místicas espalhadas pelo teto e sarcófagos que se projetam do chão de pedra lisa até a altura da cintura de David. Ele os observa enquanto anda pelo salão amplo e conclui que as figuras entalhadas nos sarcófagos representam as diferentes "criaturas" daquele mundo. Há um palhaço vestido de terno e gravata, como os moradores de Los Pagliasos. Seu rosto exibe um sorriso confiante que lembra David de Barnacle em seus melhores momentos. Ao lado deste, há outro com um conjunto de vestes espalhafatosas em forma humana, com uma longa capa, uma cartola e uma máscara de rosto inteiro sorridente — o conjunto, como se vestido por um homem invisível, parecia com as roupas flutuantes que David vira no Expresso Coelho Branco. Finalmente, uma imagem familiar naquele mundo estranho, uma mulher muitíssimo parecida com Tsab, com seu rosto de leão e um vestido que parecia um misto de filmes de cowboy e peças elisabetanas.

David passa a mão pelos entalhes muitíssimos detalhados, perdido em pensamentos. Então, sentindo a pedra esculpida com habilidade entre seus dedos, ele nota que há uma mesa de escritório colocada contra a parede oposta à entrada. O item de mobília de aparência rústica, utilitária, parece totalmente fora do

lugar naquele ambiente quase sacro e o jovem vê, ao se aproximar, que há papéis de diferentes idades sobre seu tampo liso de madeira. Alguns estão muito amarelados e gastos enquanto outros podem ter sido escritos naquele mesmo dia. Entre eles, David nota surpreso a caderneta preta do conselheiro Flynn.

Sua mente acelera e sua pulsação faz o possível para acompanhá-la quando o jovem pega o livrinho e começar a folhear seu conteúdo. Ao invés das anotações organizadas que esperava que um palhaço metódico como Flynn, o que ele tem na frente dos olhos é um amontoado de palavras riscadas, garranchos ininteligíveis, borrões e desenhos assustadores rabiscados. Algumas das páginas tinham sido totalmente pintadas de preto, enquanto outras exibiam apenas uma palavra, como "guerra" e "caos". David sente um arrepio lhe atravessar inteiro enquanto folheia aquilo que só poderia ser descrito como o diário de um louco. Espera aí, ele pensa franzindo o cenho, mas é surpreendido pelo barulho da porta se abrindo.

Quando ele se vira, é a silhueta do *consilhéri* dos Narizes Negros em pessoa que surge, fechando a porta atrás de si com facilidade espantosa.

— Ora, ora, ora! — diz sua voz com uma ponta de divertimento — Veja só quem encontrou minha tenda...

Para sua surpresa, a imagem de Flynn pela primeira vez não enche David de medo ou respeito como costumava fazer. Ao contrário, ela cria um impulso intenso e destrutivo de raiva.

— Você... Você fez tudo isso. — diz ele por entre os dentes cerrados — O Magrilo, o Caolho... Por que, Flynn?! Por que você fez isso com eles? E comigo?! — as últimas palavras saem na forma de gritos que ecoam pelas paredes.

O conselheiro dá alguns passos em sua direção, iluminado pelas pequenas chamas distribuídas pelo salão. Seu rosto

sério dá um raro sorriso e o canto de sua boca treme, como um espasmo muscular.

— Todos nessa cidade são "minha gente". — ele diz calmamente — Eu venho guiando suas vidas há tanto tempo que sequer lembro o que veio antes. Se existiu um antes... — ele dá uma risada curta, a primeira que David presenciava. O conselheiro ria como um pequeno cachorro latindo.

David dá um passo para trás, encarando os círculos brilhantes que são os óculos de Flynn refletindo a luz das velas. O pequeno palhaço leva a mão até eles e os retira do rosto, porém, os círculos brilhantes permanecem ali: são seus próprios olhos incandescentes. Flynn caminha em direção ao centro do mausoléu, a cada passo sua forma parece tremer, alterar-se. Seu corpo pequeno começa a se alongar e deformar, torso e pescoço se esticando assustadoramente pouco a pouco com tremeliques.

— E você, você-você-você — seu corpo todo chacoalha — sequer entende seu papel nisso tudo. Eu sabia que havia reconhecido seu rosto! Este rosto maldito! Sempre e sempre esse rosto maldito! Você, você, você é um problema, David Sinfield. — sua voz também começa a mudar, mais estridente e insana a cada palavra — Você desequilibrou meu tabuleiro! Arruinou minha festa! — ele vocifera.

Sua forma lembra a David um dragão-palhaço, projetado para frente sobre os nós dos dedos das mãos, pescoço e membros alongados e cerca de três metros de altura. A criatura veste um fraque de cauda longa preto, muito rasgado e todo manchado de diferentes tintas. O rosto longo é coberto por uma maquiagem borrada que salienta características estranhas, como sua boca, com a mandíbula projetada para frente em enorme sorriso torto, um poço de dentes quebrados de aparência ameaçadora amontoados uns sobre os outros como um cemitério lotado. Seu cabelo, normalmente curto e arrumado, agora é longo e se

divide em quatro partes, uma preta, uma vermelha, uma branca e uma verde, contorcidas em pontas numa mistura de chifres, chapéu de bobo da corte e a coroa de um rei draconiano. David dá alguns passos para trás e sente a mesa batendo nas costas.

— Os Narizes Negros deveriam ter perdido a Grande Briga! Os Malabaristas deveriam ser levados aos seus últimos números! Nós precisamos manter a história interessante, o público entretido! — ele solta uma gargalhada teatral, ainda mais estranha na nova forma monstruosa — Traição, sangue, ação! O show não pode parar! Este era meu desígnio, David Sinfield — ele diz desgostoso — agora meus súditos vão pagar por sua insolência infantil!

Flynn se lança contra ele e David se joga para o lado, desviando agilmente. Havia aprendido muito em sua estadia em Los Pagliasos. O dragão-palhaço atinge a mesa e a desmonta com seu peso, jogando papéis em todas as direções. Ele vê as anotações voando e parece instintivamente compelido a juntá-las, apanhando-as debilmente no ar com os dedos longos e organizando pilhas sobre os escombros da mesa destruída. Flynn balança a cabeça de repente, como se acordasse de uma memória alheia, e urra na direção de David, mas o rapaz aproveitara o momento para se esconder atrás do sarcófago com a mulher-leão entalhada sobre o tampo.

— Eu vou devorá-lo, David Sinfield. — ele balbucia com ódio enquanto anda pelo salão de pedra procurando pela presa fujona.

David está sentado no chão com as costas encostadas na lateral do sarcófago. A caderneta cai aberta em seu colo e ele nota curioso que há um desenho do salão rabiscado nas páginas abertas.

— Meu domínio é sobre a violência e os violentos me pertencem. — ele sibila e David escuta quando o enorme corpo sobe no sarcófago com as roupas flutuantes esculpidas, do outro lado do salão — Meu show nunca parará!

O jovem foca toda a atenção nas duas páginas diante dos olhos, tentando decifrá-las. Há quatro retângulos toscamente dispostos entre elas e David percebe que aquilo é uma planta grosseira do local onde ele se encontra. Preso ali, com o terrível Flynn em sua forma draconiana. Após alguns instantes, ele identifica algo escrito entre os rabiscos aleatórios que cercam os retângulos; palavras que foram rasuradas, uma ao lado de cada um. A única coisa que David consegue ler, lutando contra o instinto de correr ao ouvir os sons do monstro à espreita, são as letras "zoo" ao lado do retângulo com um leão desenhado em seu centro. "Cidade Zoológico"?, David se pergunta. Flynn pousa no sarcófago próximo de seu esconderijo. Logo ele seria encontrado.

— Você apenas atrasou o inevitável!

David tenta discretamente empurrar a tampa de pedra, mas ela é pesada demais para ser movida sem que ele se exponha, sem contar o cansaço acumulado em cada parte do corpo. Mesmo num excelente dia, a tampa representaria um desafio considerável.

— O caos reina na minha cidade! As peças voltam a se encaixar, você não vê?

Flynn solta uma gargalhada sinistra e cacarejante.

— Os Esguichadores vão dobrar os Narizes Negros! Os Malabaristas serão levados ao desespero e se levantarão como os assassinos silenciosos que eles podem ser! Os Cuspidores e Uma Roda já sentem meu ódio pulsando em

suas veias, humilhados pela derrota. O conflito está apenas começando! O Louco terá sua piada final e minha piada final é a guerra. — ele gargalha novamente — Você não vê?!

David se levanta, segurando a caderneta firmemente nas mãos. Flynn o vê e seus olhos identificam a caderneta roubada, arregalando-se.

— Minha vida! — ele rosna e olha em direção do que resta de sua mesa, procurando pelo lugar onde a havia deixado — Devolva minha vida, cara-lisa sujo!

David levanta a caderneta no ar com a coragem que lhe resta.

— Você quer isso, é? — provoca o jovem, abrindo-a e levando a mão até a primeira página — Vem pegar! — e ele a rasga.

O dragão-palhaço urra, enchendo o lugar de ecos, e pula na direção de David, que se esquiva novamente. Flynn bate com a lateral do corpo contra o sarcófago da mulher-leão, fazendo o tampo deslizar e cair no chão com um estrondo. O jovem olha para o interior do enorme caixão de pedra brevemente e vê uma floresta. Não uma floresta vista de cima ou de baixo, mas sim de frente, como se alguém estivesse olhando para as árvores de pé diante delas. Pelo ângulo que David olhara, o mundo parecia de ponta cabeça, dando-lhe um momento de vertigem.

Com um rugido, o Louco se levanta e parte para cima de sua presa novamente. Dessa vez, ele é rápido demais e apanha David, prensando-o no chão com dedos que mais parecem longas garras. Seu toque é extremamente quente, como se Flynn tivesse uma febre altíssima. O dragão aperta o peito da presa capturada com a mão aberta e leva a outra até seu rosto. David vê uma unha longa e quebrada no indicador que se aproxima

terrivelmente devagar e abre um corte em sua bochecha. Um grito de dor surge por entre seus dentes.

— Você vai apreciar a minha piada. — o enorme rosto exageradamente maquiado e draconiano se aproxima, os olhos como dois poços de loucura amarelos e brilhantes — Eu vou fazê-lo entender, David Sinfield.

Desesperado, David tenta acertar o rosto do Louco com um soco, mas o dragão prende seus braços sobre o peito com facilidade. David grita de ódio, frustração e medo.

— Vai logo então, seu traidor maluco! — desafia o jovem que sente o peito pulsar de raiva debaixo da enorme mão de Flynn — Vai logo!

O dragão-palhaço sorri vitorioso.

— Você verá. — ele pronuncia as palavras de maneira calma e formal, como o Flynn que David conhecia das reuniões e planos dos Narizes Negros, e se lança para atacar o rosto de cara-lisa com dentes tortos e afiados.

No último instante, David liberta o braço direito com um esforço desesperado e estoca para cima, como se a mão segurasse uma de suas facas. Ele grita sem perceber enquanto usa, acidentalmente e pela primeira vez, o que costumava chamar de "mímica de batalha dos Narizes Negros". Estava agindo por impulso irracional após observar os companheiros por tanto tempo, mas, para sua completa surpresa, a faca invisível faz um som molhado ao se enterrar no olho de Flynn, que se afasta imediatamente rugindo como um animal ferido. Grandes mãos libertam David e vão até o olho ferido, que sangra um líquido roxo escuro pelo rosto já colorido.

— Maldito, cara-lisa! — ele diz com uma voz triste e insana — Veja o que você fez com meu olho! — ele dá uma risada súbita e em seguida cai na gargalhada, chorando e soluçando entre risadas enquanto corre desenfreado pelo salão. O monstro bate nos sarcófagos e derruba velas com seu corpo enorme, como um potro selvagem descontrolado — "Veja", entendeu? — ele gargalha novamente.

David se afasta, guarda o estranho diário na parte de trás do cinto enquanto desvia do palhaço-dragão desenfreado por pouco e corre na direção do sarcófago aberto. Aquela teria de ser sua "janela certa". Ele forçaria o caminho a se revelar, se precisasse. Talvez eu encontre Tsab do outro lado, pensa esperançoso antes de se jogar pela abertura do enorme caixão de pedra com tampo de mulher-leão. Enquanto cai na direção da paisagem verde, que agora está de alguma forma de lado, como se o horizonte se virasse, David ainda pode ouvir os gritos e gargalhadas do Louco lá atrás.

— Os animais vão roer seus ossos! — grita Flynn e a voz se vai.

David fecha os olhos e pensa por um instante nos amigos que agora deixava para trás. Temia que Fox não acreditasse em sua inocência, que o Louco se vingasse dos companheiros, que algo acontecesse com Barnacle. Enquanto cai por um tempo que não saberia precisar, segundos e horas envoltos em uma coisa só, o jovem sente quase tantos arrependimentos e preocupações quanto em sua antiga vida, no mundo que também havia abandonado e trocado, sem saber como, por aquele lugar. Ao mesmo tempo, o homem que partia da cidade era diferente do garoto assustado que havia chegado pela janela do Expresso Coelho Branco. Sentia-se pronto para se defender e tomar as atitudes necessárias para sobreviver. Ele torce para que um dia possa voltar à Los Pagliasos e chutar o traseiro do Louco

até que os palhaços pudessem viver em paz. Ou o que considerarem paz naquela estranha cidade. Talvez se ele encontrar o Sirkus... Talvez...

De repente, David sente o mundo girar e se acertar. O ar parado do mausoléu de Flynn é substituído por uma brisa suave que brinca com seus cabelos enquanto passarinhos cantam ao redor. Por trás das pálpebras fechadas surge o brilho do sol, tocando agradavelmente seu rosto. Ele abre os olhos e o horizonte está de volta à posição natural. Diante de David há uma floresta aparentemente infindável com enormes árvores inabaláveis, encimadas por longos galhos que balançam preguiçosamente contra o céu azul.

— Totó, meu querido. Tenho a sensação de que não estamos mais em Los Pagliasos.

V

Uma semana se passou desde que David havia chegado naquele lugar. De início, uma tristeza insistente e profunda lhe roubava qualquer ânimo. Pensava em seu lar, na mãe e nos acontecimentos de Los Pagliasos, sentindo lágrimas encherem os olhos e a garganta se fechar num nó. Porém, algumas horas depois, foi lembrado por sons anônimos, muito mais próximos do que ele gostaria, de que estava em um ambiente aparentemente selvagem. Potencialmente hostil. A floresta era muito densa em todas as direções e começava a se encher de sombras pelo sol que descia no horizonte. Ficar sentado ali, sentindo pena de si mesmo, apenas aumentaria as chances de se tornar a presa de algum habitante local, curioso e faminto o bastante para se aproximar.

David tinha participado de um clube de escoteiros na infância e, após apenas algumas poucas viagens de acampamento, agradeceu imensamente por ainda reter algumas das habilidades adquiridas. Ele desamarrou os cadarços dos sapatos e os juntou

com um nó. Em seguida, amarrou ambas as pontas em galhos com mais ou menos a sua altura de distância entre si, há cerca de um metro do chão de um canto próximo a um barranco pedregoso, mas de aparência estável. Procurando em volta por um tempo, encontrou galhos grossos e lisos, que formaram a base de sua estrutura, encostados contra os fios amarrados em forma de cabaninhas triangulares. Finalmente, cobriu tudo com galhos ainda cheios de folhas que o protegeriam do vento, principalmente à noite, criando um abrigo provisório melhor do que ele sinceramente esperava.

Enquanto procurava os galhos do abrigo, também tinha encontrado gravetos o bastante para uma modesta fogueira, que, naquele começo de noite, tentou acender friccionando gravetos sobre um tantinho de folhas muito secas. Esta parte do acampamento, pelo visto, não seria tão fácil quanto a confecção do abrigo inicial, porém, após algumas horas frustrantes, David finalmente viu fumaça surgindo e alimentou o fogo com um sopro leve, e a adição de gravetos desfiados. Ganharia uma medalha se estivesse num acampamento dos escoteiros, pensou ao ver chamas surgindo, não sem uma ponta de orgulho.

Olhou em volta para celebrar a vitória com alguém, porém, evidentemente, não havia ninguém ali. Apenas o som dos pássaros noturnos que começavam suas atividades pelas árvores, espreitando pequenas presas escondidas entre as folhas caídas que atapetavam o chão.

Dormiu sem comer e nenhum sonho ousou atrapalhar seu descanso. O corpo doía na manhã seguinte, exausto de sua fuga alucinada de Los Pagliasos e ofendido pela primeira noite dormida fora do sofá de Barnacle, que, apesar de não ser perfeito, era melhor que o chão. Levantou-se sem ânimo e caminhou em direções aleatórias, procurando comida ou habitantes locais, porém, só encontrou algumas frutinhas, que comeu como desjejum enquanto andava.

— Café da manhã dos campeões. — disse para si mesmo, cansado do silêncio silvestre.

Retornou ao acampamento perto do final da tarde e se sentou, observando a copa das árvores balançando contra o céu branco. A vegetação predominante ali era composta por imensos troncos de metros de diâmetro e muitos mais de altura, culminando em incontáveis galhos abertos em todas as direções, que se emaranhavam nas árvores próximas e assim por diante, criando uma peneira verde que cobria quase todo o céu de onde quer que ele fosse naquela imensa floresta. Exploraria mais, é claro, mas já sabia que não seria nada fácil encontrar o fim daquela imensidão antiga. As árvores teriam centenas de anos, ele calcula rudimentarmente, talvez milhares. David sentia-se em uma floresta da época dos dinossauros, uma que sobrevivera com insistência titânica a todos os cataclismos possíveis, crescendo sempre em direção aos céus como se pretendesse cobri-lo completamente de verde.

David suspirou, deitou-se nas folhas macias e adormeceu.

Assim eram seus dias na floresta-anciã. Dormia abrigado na pequena cabana, que recebera melhorias provenientes principalmente do tédio que sentia, e explorava as proximidades, momento no qual encontrava as frutas que o alimentavam e pequenos córregos para saciar a sede. Sete dias se passaram neste ciclo e David começava a ficar sinceramente preocupado com sua situação. Precisava fazer algo, e rápido.

No sétimo dia ali, sentindo-se já enfraquecido pela dieta simples, David encontrou um pequeno rio em suas andanças. Com algum esforço, lembrou-se de filmes nos quais passageiros sobrevivem a quedas de avião ou helicópteros em meio a mata. Desconfiava que havia algo neles sobre seguir rios, mas não tinha completa certeza se a informação estava correta ou qual era sua real serventia.

Também não se lembrava do título de nenhum dos filmes que repassava mentalmente. Ou quem eram seus atores principais, diretores, qualquer coisa. Suas memórias começavam a

se tornar um apanhado de massas de informação disformes e quase desconexas, mas ele não se permitiria pensar nisso nesse momento. A ideia permaneceria trancafiada em algum canto de sua mente até a hora certa.

Dando de ombros, David decide seguir o rio de qualquer forma. Havia apanhado seus cadarços e desfeito o abrigo na esperança de encontrar um rumo na caminhada de hoje e, veja só, o caminho tinha se apresentado novamente para ele.

Por agora, David Sinfield escolhia aceitá-lo.

Epílogo

Após metade de um dia seguindo o curso do pequeno rio, que agora havia se alargado e tinha ao menos seis metros de diâmetro de água preguiçosa, à sua direita, David notou surpreso que captava alguma movimentação na mata sombria. O sol já estava quase na cordilheira de montanhas que povoa o horizonte, avistada num dos raros momentos em que as árvores assim permitiam. Sombras compridas se estendiam na direção oposta, jogando tudo numa penumbra listrada.

David para de andar, concentrado em isolar o som da água dos demais, e nota novamente galhos se partindo em certa sucessão. Havia alguém se movimentando perto dele. Já estava acostumado aos sons da floresta a essa altura e havia muito mais acontecendo agora do que em qualquer outro momento desde sua chegada.

Neste momento, algo surge entre as árvores, balançando por uma corda há metros de altura. David pensa em piratas atacando navios inimigos quando o vulto pula em sua direção, coberto por um manto marrom escuro esfarrapado que oculta o rosto e corpo quase totalmente. Ainda assim, há uma ameaça clara em suas ações, voando pelos ares e pretendendo, ao que parecia, cair em cima do jovem rente ao rio.

David se esquiva rolando, como tantas vezes nos últimos tempos, e se põe em posição de luta, os punhos fechados diante do rosto como Barnacle havia ensinado. Queria ter suas facas, ele pensa, ou talvez a mímica dos Narizes Negros. Mesmo que houvesse funcionado uma vez, David não queria apostar a vida naquilo nesse momento.

— Ei, vocês pegaram o cara errado! — grita David, tentando desarmar a situação como se estivesse prestes a brigar com os bêbados de sua antiga vizinhança — Eu acabei de chegar aqui, eu não fiz nada pra você!

Outras duas figuras igualmente ocultas por mantos escuros surgem pelas árvores, aproximando-se cautelosamente com adagas na mão, posicionadas para qualquer combate súbito. A primeira figura também saca uma adaga do meio de seu manto e David instantaneamente se percebe em desvantagem clara.

— Calma lá, calma lá. — ele levanta as mãos no ar, rendendo-se ao inimigo mais numeroso e armado — Cês podem só me dizer o que eu fiz? Pra eu pedir desculpas?

As figuras se aproximam observando David, lâminas pontiagudas levemente abaixadas, como se o perigo imediato tivesse passado.

— Isso, vamos ficar calmos, legal. — diz o rapaz rendido.

Neste momento, uma explosão atravessa a floresta, fazendo pássaros voarem de seus poleiros nas árvores altas para longe dali. Um instante depois, um vento terrível arrasta os três vultos e David para longe do rio quando uma gigantesca bala de canhão surge por entre as árvores e desbrava violentamente o caminho por mais alguns metros, estilhaçando troncos e finalmente se alojando em uma pequena elevação de terra lamacenta.

Ao se recuperar, David vê que o capuz de um dos vultos foi arrancado pelo vendaval repentino; ele parecia ser apenas um garoto. Mais precisamente, um homem-leão, como Tsab, porém muito mais jovem e com o rosto repleto de pequenas cicatrizes. Não pareciam cortes acidentais, alguém tinha feito aquilo propositalmente. O jovem-leão olha para David surpreso, cobre o rosto com o capuz e começa a correr.

Pela direção da qual veio a bala de canhão, surge um enorme tanque de guerra de aparência ao mesmo tempo antiga e grosseiramente futurista. Ele é maior do que qualquer tanque que David já vira nos filmes, com uma enorme torre central que se projeta há pelo menos cinco metros de altura da base robusta e angular, posicionada entre enormes esteiras de metal gêmeas.

Ao mesmo tempo, toda a estrutura lembra uma construção europeia antiga, como prédios governamentais de um império romano que nunca realmente existiu. Há bandeirinhas, figuras clássicas desenhadas, antenas e até mesmo estátuas brancas espalhadas pela monstruosa máquina de guerra.

— Vocês estão trespassando ilegalmente o território soberano da Cidade Zoológico! — anuncia uma voz metalizada pelo sistema de megafones presos nas laterais da torre de metal giratória — Rendam-se imediatamente! — David julga sentir a ponta de um sotaque naquela voz. Talvez alemão ou algo parecido.

Os três vultos se afastam agilmente em direção às árvores. Novamente o som de explosão eclode por todos os lados, deixando David momentaneamente surdo, e uma enorme bala de canhão é expelida pelo longo cano de metal brilhante. O tiro acerta a terra há alguns metros dos vultos, arrancando enormes torrões marrons, pedras e toneladas de folhas mortas ao se enterrar no solo.

Os vultos desaparecem entre as copas das árvores. Em resposta, o canhão do tanque corrige sua mira. E aponta para David. O jovem engole em seco e sente suas têmporas latejarem cruelmente, pontuando a situação com ironia quase cômica. Por algum motivo, ele não consegue deixar de pensar no Louco gargalhando enquanto o olho ferido sangrava seu sangue roxo.

— Quem é você?! — rosna a voz nos megafones — Diga, já!

David, com as mãos ainda no ar, gagueja e sente as pernas tremerem levemente diante do monstro de ferro.

— Da-David... Sinfield — ele dá de ombros levemente —, ...Senhor.

Os megafones estalam e chiam, fazendo David se contrair de susto. Por um segundo, achou que levaria um tiro de canhão que o transformaria em confete sobre o chão da floresta. Um som metálico ecoa da torre do tanque, como se algo se destrancasse. Então, uma escotilha se abre para cima e para o lado, revelando o que David presume ser a entrada do tanque.

Em sua mente, ele já se vê um fugitivo novamente. Estava cansado, simplesmente cansado de fugir. Como seria a cadeia naquele lugar? Sua mente vaga em meio a terríveis (e unicamente terríveis) possibilidades.

Uma cara de cachorro terrier, com pelos pretos salpicados de branco, surge pelo buraco e o observa com o que o jovem julga ser um sorriso. Há um charuto preso no canto de sua boca, entre dentes de aparência suja.

— Atirem-me ao Domador e me chamem de Selvagem! — exclama ele entre os dentes — Um cara-lisa!

Curitiba, 2025
Impresso em papel
Avena 80 gr/m²
Tipologia: Figtree

editoramaquinadeescrever.com.br
@editoramaquinadeescrever
editoramaquinadeescrever

[ROMANCE]

SINOPSE

David Sinfield está no fundo do poço de sua jovem vida. Com apenas 23 anos, não possui qualquer perspectiva e se sente cada vez mais encalhado na própria existência, habitando o apartamento quase vazio como um fantasma que se alimenta primariamente de comida chinesa. É claro que esta não chega a ser sua pior preocupação. Afinal, o jovem acaba de perder a mãe.

Em meio à tristeza à frustração, David se vê jogado em um novo mundo quando um antigo trem branco subitamente arrebenta a parede de sua casa e o transporta para o Carnivalle, um lugar habitado por palhaços mafiosos, mulheres-leão e pequenos seres alados.

David, um cara-lisa "sem máscara, sem pelos, escamas, narizes", terá de encontrar a vontade de sobreviver esquecida dentro de si, necessária para encarar a estadia em Los Pagliasos, suas gangues de palhaços rivais, e algo ainda mais sinistro que parece influenciar a cidade.

O AUTOR

Autor, redator e roteirista com quase 20 anos de experiência, André Osna (ou Sid) já trabalhou com clientes como Disney, Cartoon Network, League of Legends, LUX, BMW, e AirBnB. É autor dos RPGs Cogito e Nihilo (com o selo Ex Ignorantia) e do livro ilustrado Dragon Goons, distribuído internacionalmente pela Final Frontier. Atualmente desenvolve seu primeiro longa-metragem de animação e se aventura no mundo dos jogos digitais.

Avalie o livro neste QRcode

LEI PAULO GUSTAVO · A LEI ALDIR BLANC PARANÁ · BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ · cultura paraná · PARANÁ GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DA CULTURA · MINISTÉRIO DA CULTURA · GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO